

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR**  
**NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**

**EDNALDO TARTAGLIA SANTOS**

**IMIGRANTES HAITIANOS: DA DINÂMICA DE SAÍDA À DINÂMICA DE ENTRADA**

**Porto Velho**  
**2014**

EDNALDO TARTAGLIA SANTOS

**IMIGRANTES HAITIANOS: DA DINÂMICA DE SAÍDA À DINÂMICA DE ENTRADA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR como requisito parcial avaliativo para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Odete Burgeile

Porto Velho

2014

## FICHA CATALOGRÁFICA

BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

S228i

Santos, Ednaldo Tartaglia  
Imigrantes Haitianos: da dinâmica de saída à dinâmica de entrada./Ednaldo  
Tartaglia Santos. Porto Velho, Rondônia, 2014.  
132 f.

Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Odete Burgelle

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Universidade Federal de  
Rondônia, Núcleo de Ciências Humanas, Porto Velho, 2014.

1. Desterritorialização. 2. Reterritorialização. 3. Migração. 4. Haitianos. 5.  
Amazônia. I. Burgelle, Odete. II. Título.

CDU: 8:314.151.3

Bibliotecária Responsável: Cristiane Marina T. Girard CRB11/897

**Ednaldo Tartaglia Santos**

**IMIGRANTES HAITIANOS: DA DINÂMICA DE SAÍDA À DINÂMICA DE  
ENTRADA**

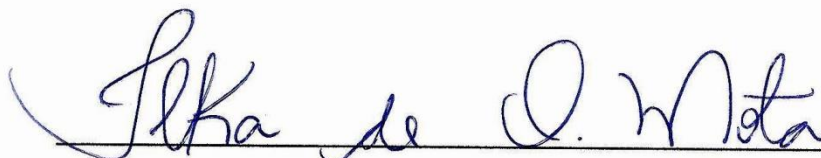
Dissertação defendida em sede do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, no dia 10 de dezembro de 2014, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final.

Banca examinadora:



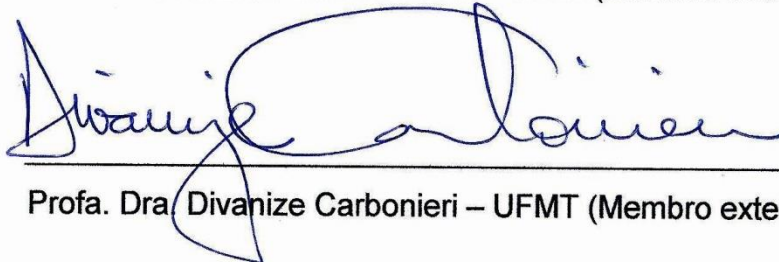
---

Profa. Dra. Odete Burgeile – UNIR (Presidente)



---

Profa. Dra. Ilka de Oliveira Mota – UNIR (Membro interno)



---

Profa. Dra. Divanize Carbonieri – UFMT (Membro externo)

---

Prof. Dr. Júlio César Barreto Rocha – UNIR (Membro suplente)

Dedico este trabalho à minha mãe,  
Denair Maria Tartaglia Santos.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus professores da graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia, *campus* de Vilhena, especialmente, àqueles que estiveram mais próximos de mim, apoiando e incentivando a minha trajetória acadêmica: Araci Weiber, José Carlos Cintra, Josias Kippert, Maria do Socorro Pessoa, Marisa Fernandes e Rosana Alencar.

A todos os meus professores do Programa de Pós-Graduação, Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Federal de Rondônia, pela dedicação e compromisso no desenvolver das disciplinas, pois, através do conhecimento adquirido nas aulas, consegui colher frutos antes mesmo da conclusão do curso.

À minha orientadora, Professora Dra. Odete Burgeile, por ter me recebido nos mais variados dias, turnos e horários, pelos sábios direcionamentos que me guiaram desde as primeiras discussões à procura da temática, até o término deste trabalho.

Aos professores da banca de qualificação, pelas observações e sugestões que foram essenciais para a conclusão desta pesquisa.

À minha grande amiga, a Professora Adriana Silva da Costa, que sempre me acompanhou, participou e apoiou a minha jornada acadêmica e, sem dúvidas, foi fonte de inspiração para a escolha de minha profissão.

Às pessoas que passaram pela minha vida nos meus variados processos de des-reterritorialização e que me incentivaram, apoiaram e, em alguns casos, deram-me subsídios materiais e imateriais para prosseguir com as minhas escolhas.

Aos amigos que, de alguma forma, contribuíram neste trabalho: Jonas Cezar Pinto e Sáimon R. N. Flores.

A José Neto Nunes Pinto, pela tradução do abstract.

A todos os informantes que decidiram contribuir com esta pesquisa por meio das informações prestadas.

À CAPES, pela bolsa de estudo que subsidiou esta pesquisa.

Fatalidade atroz que a mente esmaga!  
Extingue nesta hora o brigue imundo  
O trilho que Colombo abriu nas vagas,  
Como um íris no pélago profundo!  
Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga  
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!  
Andrada! arranca esse pendão dos ares!  
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

(O navio negreiro – Castro Alves)

## RESUMO

A imigração haitiana se intensificou no Brasil a partir de 2010. A Região Norte do país, especialmente, os estados do Acre e Amazonas tornaram-se portas de entrada para os imigrantes haitianos, todavia, ao se deslocarem pelo estado de Rondônia, muitos imigrantes permaneceram em sua capital, Porto Velho. Assim, esta pesquisa surgiu do interesse em estudar a presença de imigrantes haitianos em Porto Velho – RO, no Sul da Amazônia brasileira. Para tanto, estudamos algumas nuances que envolvem os processos de desterritorialização e de reterritorialização dos haitianos culminando com a seguinte pergunta de pesquisa: como é o processo migratório de um grupo de imigrantes haitianos em Porto Velho, considerando seu deslocamento espacial inserido em um mundo pós-moderno? Para responder a esse questionamento e compreender o complexo sistema que abrange os movimentos espaciais, aplicamos um questionário a vinte imigrantes haitianos: dez homens e dez mulheres. Para sustentar nossos argumentos, destacamos as perspectivas sobre identidade (BAUMAN, 2005; CANCLINI, 2013; HALL, 2006; RUTHERFORD, 1990; SILVA, T., 2013), cultura e hibridismo cultural (BONNEMAISON; CAMBRÉZY, 1996; CANCLINI, 2013; GEERTZ, 2008; HALL, 2006; TYLOR, 1920), redes sociais e suas relações (CASTELLS, 2010; HAESBAERT, 2012; KNORE; KUKLINSKI, 1982; MILROY; MILROY, 1992; REQUENA SANTOS, 1998; REQUENA SANTOS; MUÑOZ, 2002), sobre território (CANCLINI, 2013; GUATTARI; ROLNIK, 1996; HAESBAERT, 2012; SANTOS, 2005, 2011), sobre desterritorialização, reterritorialização, des-reterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1996, 1997, 2010; GUATTARI; ROLNIK, 1996; HAESBAERT, 2012). Os dados coletados proporcionaram um estudo sociocultural sobre os imigrantes haitianos envolvidos nas dinâmicas de desterritorialização e de reterritorialização. Verificamos alguns dos motivos que levaram os haitianos a saírem do Haiti, bem como aqueles que os conduziram a escolher o Brasil como um novo território. A análise abordou também os impactos e a hibridação simbólico-cultural no novo território. Por fim, essa pesquisa apontou que o movimento de saída foi fomentado por questões sociopolíticas, econômicas e naturais, ao passo que o movimento de entrada foi influenciado por questões econômicas e também por influências políticas do Governo brasileiro. No território de entrada, os haitianos tentam manter suas raízes, todavia, vimos uma hibridação com os costumes locais que foi necessária para se integrarem à comunidade portovelhense.

**Palavras-chave:** Desterritorialização. Reterritorialização. Migração. Haitianos. Amazônia.



## ABSTRACT

The Haitian immigration has intensified in Brazil since 2010. The Northern Region of the country, especially the states of Acre and Amazonas, have become gateways to Haitian immigrants, however, when these immigrants moved to the state of Rondônia, many immigrants remained in Porto Velho city. Thus, this research arised from the interest in studying the presence of Haitian immigrants in Porto Velho, located in Rondônia state, in the South of Amazon region. We studied issues involving the processes of deterritorialization and reterritorialization of Haitians culminating with the following research question: how is the migration process of a group of Haitian immigrants in Porto Velho, considering its spatial displacement inserted in a postmodern world? To answer this question and to understand the complex system that encompasses the spatial movements, a questionnaire was applied to twenty Haitian immigrants: ten men and ten women. In order to support our arguments, we highlight the perspectives of identity (BAUMAN, 2005; CANCLINI, 2013; HALL, 2006; RUTHERFORD, 1990; SILVA, T., 2013), culture and cultural hybridity (BONNEMAISON; CAMBRÉZY, 1996; CANCLINI, 2013; GEERTZ, 2008; HALL, 2006; TYLOR 1920), social networks and its relationships (CASTELLS, 2010; HAESBAERT, 2012; KNORE; KUKLINSKI, 1982; MILROY; MILROY, 1992; REQUENA SANTOS, 1998; REQUENA SANTOS; MUÑOZ, 2002), about territory (CANCLINI, 2013; GUATTARI; ROLNIK, 1996; HAESBAERT, 2012; SANTOS, 2005, 2011), about deterritorialization and reterritorialization and dereterritorialization (DELEUZE; GUATTARI 1996, 1997, 2010; GUATTARI; ROLNIK, 1996; HAESBAERT 2012). The data collected in this research provided a sociocultural study of Haitian immigrants involved in the dynamics of deterritorialization and reterritorialization. We found some of the reasons the Haitians left Haiti, as well as those ones that led them to choose Brazil as their new territory. The analysis also addressed the impacts and the symbolic-cultural hybridization in the new territory. Finally, this research pointed out that the movement was fostered by socio-political, economic and natural issues, while the input motion was influenced by economic issues and also political influences of the Brazilian Government. In the new territory, Haitians try to keep their culture, however, a hybridization with local customs was necessary to integrate themselves in the community of Porto Velho.

**Keywords:** Deterritorialization. Reterritorialization. Migration. Haitian. Amazon.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
CAPÍTULO I .....	15
1. OS MOVIMENTOS: ASPECTOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS .....	15
1.1 Identidade, cultura, nacionalidade e redes .....	15
1.1.1 Identidade .....	16
1.1.2 Cultura .....	21
1.1.3 Nação e globalização .....	24
1.1.4 Redes .....	27
1.2 O movimento de desterritorialização .....	31
1.3 O movimento de reterritorialização .....	36
1.4 O movimento de des-reterritorialização .....	39
CAPÍTULO II .....	43
2. TERRITÓRIOS: SAÍDA E ENTRADA .....	43
2.1 O território de saída .....	43
2.1.1 Haiti: dados gerais .....	43
2.1.2 Contexto histórico-político .....	45
2.1.3 Elementos identitários haitianos .....	48
2.1.3.1 O crioulo .....	50
2.1.3.2 O vodu .....	53
2.1.4 A saída .....	57
2.2 O território de entrada .....	60
2.2.1 O Brasil .....	61
2.2.1.1 Influência africana no Brasil .....	64
2.2.2 O estado de Rondônia .....	67
2.2.2.1 Contextualização histórica de Rondônia .....	68
2.2.3 Porto Velho .....	70
2.2.4 A entrada .....	73
CAPÍTULO III .....	76
3. OS MOVIMENTOS NA PERSPECTIVA DOS SUJEITOS .....	76
3.1 O perfil dos imigrantes .....	77
3.2 Dados da desterritorialização .....	83
3.3 Dados da reterritorialização .....	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	118
REFERÊNCIAS .....	122
APÊNDICE .....	128

## INTRODUÇÃO

A palavra “migrar” está inter-relacionada com a palavra território e principalmente com os sujeitos que vivenciam os deslocamentos espaciais. Assim, neste trabalho, estudamos o movimento espacial dos imigrantes haitianos, levando em consideração questões econômicas, políticas e naturais, as quais desencadeiam a saída do sujeito e, ao mesmo tempo, conduzem à entrada em um novo território.

De acordo com Cogo (2014, p. 25), o Brasil recebeu perto de cinco milhões de imigrantes, sobretudo italianos, portugueses, espanhóis, alemães e japoneses, entre o ano de 1819 e o final da década de 1840. Na atualidade, a migração haitiana, devido a sua expressividade, tem sido um fato recorrente em alguns estados das regiões Norte, Sul e Sudeste do país. Porto Velho, capital do estado de Rondônia, tornou-se rota de passagem e território de permanência de muitos haitianos. A grande aglomeração desses imigrantes pelos bairros centrais da capital de Rondônia tem despertado o interesse de pesquisadores que vem desenvolvendo estudos no âmbito linguístico, social e cultural acerca desse grupo. Assim sendo, este trabalho estuda os movimentos espaciais dos imigrantes haitianos especificamente no perímetro urbano de Porto Velho.

Nosso projeto de pesquisa, inicialmente, tinha como tema o estudo de uma migração de sujeitos negros em outro estado brasileiro, porém, chegando a Porto Velho, percebemos uma forte presença de imigrantes haitianos pelas ruas da capital. Isso fomentou o nosso olhar de pesquisador, visto que a imigração haitiana era recente no Brasil. Desse modo, no primeiro ano de mestrado, fizemos algumas sondagens e produzimos alguns trabalhos acadêmicos acerca desse grupo, além de recorrer às literaturas para delimitar o tema de nossa dissertação.

Assim, procuramos investigar a questão dos movimentos espaciais, mais precisamente a desterritorialização e reterritorialização dos imigrantes haitianos. Por meio de leituras e reflexões, percebi que essas dinâmicas espaciais faziam parte da minha vida e reconheci, nas experiências do Outro, a minha própria vivência, pois esses deslocamentos espaciais estiveram presentes em minha constituição histórica enquanto sujeito migrante. Contudo, dois elementos nos colocavam em pontos

extremos, a questão da migração nacional, no meu caso, e a internacional, no caso dos imigrantes haitianos.

Os haitianos vieram de um país situado no Caribe, diretamente para um país continental na América do Sul, Brasil, que possui língua, costumes e um sistema político diferente daquilo que conheciam no Haiti. A decisão de migrar poderia trazer grandes consequências, visto a condição econômica desses sujeitos e a distância de seu país de origem, bem como poderia mudar suas vidas e a de suas famílias.

Assim, por meio de leituras, de sondagens e de conversas com os próprios imigrantes haitianos, surgiram inquietações sobre como funciona o processo de saída e de entrada em um território, levando em consideração questões socioculturais. Diante disso, fizemos a seguinte pergunta de pesquisa: como é o processo migratório de um grupo de imigrantes haitianos em Porto Velho, capital do estado de Rondônia – Brasil, considerando seu deslocamento espacial inserido em um mundo pós-moderno?

Nessa perspectiva, o objetivo geral de nossa pesquisa consiste em estudar os movimentos espaciais dos imigrantes haitianos em Porto Velho, observando as territorialidades de saída e de entrada, mais precisamente aquilo que Deleuze e Guattari (1996) chamaram de desterritorialização e reterritorialização.

A partir disso, circunscrevemos os seguintes objetivos específicos: (i) estudar os haitianos envolvidos nas dinâmicas de desterritorialização e de reterritorialização, examinando seus aspectos socioculturais; (ii) verificar os motivos que ocasionaram a saída de seu território, bem como aqueles que levaram os haitianos a escolher o Brasil como um novo território; (iii) observar como se dá a (re)construção do espaço simbólico-cultural em Porto Velho.

Fizemos um estudo qualitativo, com a utilização de questionários e entrevistas gravadas, para analisar o modo como os sujeitos representam imaginariamente o deslocamento espacial. O questionário consistiu em trinta e cinco perguntas as quais, por consulta prévia aos imigrantes, elaboramos opções de respostas, entretanto, deixamos um espaço em aberto, caso os informantes optassem em acrescentar uma resposta diferente das listadas no questionário. Ele foi dividido em três partes. A primeira contemplou o estudo do perfil dos sujeitos. Por meio das perguntas de 01 a 08, verificamos a faixa etária, o estado civil, o nível de

escolaridade, a religião e o domínio de línguas. A segunda, com as perguntas de 08 a 15, verificamos o processo de desterritorialização na visão dos sujeitos. Assim, investigamos os motivos que levaram os imigrantes ao movimento de saída, buscando compreender se tiveram alguma ajuda financeira e onde estavam antes de imigrarem para o Brasil. A terceira parte contemplou o processo de reterritorialização. Com as perguntas de 16 a 35, observamos os motivos que os levaram a escolher Porto Velho para residirem, as principais dificuldades encontradas, as relações estabelecidas através das redes e o processo de hibridação com a comunidade local.

A coleta dos dados foi realizada por uma seleção prévia dos sujeitos de pesquisa, pois o objetivo era entrevistar vinte imigrantes, sendo dez do sexo masculino e dez do sexo feminino, que estivessem no Brasil há mais de um ano, porque considerávamos que esse público teria uma interação comunicativa, em língua portuguesa, suficiente para evidenciar os fenômenos propostos em nossos objetivos. Desse modo, descartamos, de início, os relatos dos informantes que estavam no país em um período inferior a um ano, especialmente, informantes do sexo masculino, totalizando cinco. Porém, tivemos dificuldades em encontrar informantes do sexo feminino que estivessem dispostos a contribuir com a pesquisa e que dialogassem em língua portuguesa. Assim, utilizamos todas as entrevistas dos informantes do sexo feminino, inclusive os que estavam na capital de Rondônia, em um período inferior a um ano. Com isso, mantivemos o número de informantes propostos, ou seja, vinte informantes.

Para tentar responder às nossas indagações e compreender a complexidade dos deslocamentos espaciais, utilizamos os estudos a respeito de identidade (BAUMAN, 2005; CANCLINI, 2013; HALL, 2006; RUTHERFORD, 1990; SILVA, T., 2013), de nação (CASTELLS, 2010; HALL, 2006), de cultura e hibridismo cultural (BONNEMAISON; CAMBRÉZY, 1996; CANCLINI, 2013; GEERTZ, 2008; HALL, 2006; TYLOR, 1920), de globalização (BAUMAN, 2005; CANCLINI, 2013; CASTELLS, 2010; HALL, 2006; SANTOS, 2005), das redes sociais e suas relações (CASTELLS, 2010; HAESBAERT, 2012; KNORE; KUKLINSKI, 1982; MILROY; MILROY, 1992; REQUENA SANTOS, 1998; REQUENA SANTOS; MUÑOZ, 2002), de território (CANCLINI, 2013; GUATTARI; ROLNIK, 1996; HAESBAERT, 2012;

SANTOS, 2005, 2011); de desterritorialização, reterritorialização e des-reterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1996, 1997, 2010; GUATTARI; ROLNIK, 1996; HAESBAERT, 2012).

Como esse trabalho discute os movimentos espaciais da desterritorialização e da reterritorialização, optou-se em desenvolver sua estrutura em consonância com esses movimentos. Assim, o Capítulo I é de cunho teórico para compreender as dinâmicas espaciais. Os Capítulos II e III foram organizados estruturalmente seguindo o movimento de saída e de entrada dos haitianos, contemplando, as discussões sobre desterritorialização e reterritorialização.

No primeiro capítulo, temos os aspectos teóricos e conceituais dos movimentos espaciais. Para isso, iniciamos com algumas explanações sobre identidade, cultura, nação, globalização e redes. Esses elementos estão fortemente relacionados aos sujeitos, ao território e às territorialidades. Assim, tem-se uma visão periférica sobre essas temáticas para facilitar a compreensão das dinâmicas proporcionadas pelos movimentos espaciais. Discutimos também as várias nuances procedentes do tema território, no entanto, o leitor não encontrará um tópico específico para esta temática, pois ela foi dialogada com as questões políticas, econômicas, simbólico-culturais e naturais que envolvem os movimentos de desterritorialização, reterritorialização e des-reterritorialização.

O Capítulo II está dividido em duas partes, o movimento de saída e o movimento de entrada. A primeira voltada para o território e o contexto de saída, apresentamos as conjecturas históricas, culturais e políticas do Haiti. Assim, é possível compreender algumas questões sociais que pesaram sobre a história dos haitianos, desde o processo de ocupação da ilha *Hispaniola* pelos espanhóis, posteriormente, pelos franceses e estadunidenses. Há enfoques sobre a identidade cultural de seu povo no aspecto sociolinguístico. E, ainda, nessa primeira parte do Capítulo II, são expostos alguns discursos extraídos das literaturas sobre fatos políticos, econômicos e sociais que resultaram na emigração dos haitianos.

O segundo momento do Capítulo II é reservado ao movimento de entrada. Há uma breve exposição sobre aspectos gerais do Brasil, por conseguinte, uma explanação do contexto histórico, político e econômico do estado de Rondônia e sua capital, Porto Velho. Por fim, esse capítulo finaliza com algumas discussões de

cunho político, tomadas pelo Governo brasileiro em relação à imigração haitiana para o Brasil.

Finalmente, no Capítulo III, tem-se exposição dos dados coletados nas entrevistas. Esse capítulo contempla três momentos. O primeiro diz respeito ao perfil dos imigrantes. Há informações sobre a idade, o estado civil, nível de instrução, religião e domínio de idiomas. O segundo momento aborda o movimento de desterritorialização de acordo com a idiosincrasia dos próprios haitianos. Assim, verificamos os motivos que os levaram a sair do Haiti e escolher o Brasil. No terceiro ponto desse capítulo, temos os dados dos movimentos de reterritorialização. Nele, observamos as atitudes dos imigrantes sobre a escolha de Porto Velho como local de permanência e, também, as principais dificuldades encontradas para se adaptarem a esse território. Verificamos a presença das redes sociais e sua importância para a integração e recepção de haitianos em Porto Velho.

## **CAPÍTULO I**

### **1. OS MOVIMENTOS: ASPECTOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS**

Estudar os processos de desterritorialização e de reterritorialização de um grupo implica, primeiramente, conhecer as discussões que estão envolvidas nessas temáticas. Desse modo, faz-se necessário, também, analisar os sujeitos que vivem esses movimentos espaciais, verificando os conflitos encontrados nos âmbitos sócio-político-econômico-culturais, delimitando em qual momento da história passam por este processo.

Assim, este capítulo tem por objetivo delinear alguns preceitos que giram em torno dos movimentos espaciais da desterritorialização e reterritorialização, além da des-reterritorialização. Como exposto na introdução dessa pesquisa, para discutir essas temáticas, serão utilizados os pressupostos interdisciplinares, principalmente, de teóricos do campo filosófico e da geografia cultural, bem como da sociologia, da antropologia e da linguística. Entretanto, antes dessas discussões a respeito dos movimentos espaciais, será feita uma explanação sobre identidade, cultura, nacionalidade e redes, visto que estes segmentos estão imbricados nos movimentos espaciais estudados nesse trabalho.

#### **1.1 Identidade, cultura, nacionalidade e redes**

É preciso levar em consideração algumas concepções para estudar as sociedades em redes, como por exemplo, a de nação e de cultura que geram um sentimento de identificação. Contudo, não é fácil limitar essas temáticas a uma única definição precisa, pois correríamos o risco de reduzir sua concepção ao alcance de poucos fenômenos. Por isso, serão apontados alguns pontos de vista e discussões a respeito de identidade, cultura, nação e redes. Assim, teremos uma visão maior em relação a esses segmentos e poderemos dialogar com os movimentos espaciais de desterritorialização e reterritorialização.



### 1.1.1 Identidade

Nesta primeira seção, buscaremos discutir alguns pontos a respeito do conceito de Identidade, levando em consideração o objetivo desta pesquisa que é o processo migratório haitiano contemporâneo para o Brasil, especialmente, em Porto Velho.

Antes de vermos algumas discussões a respeito da temática identidade, comentaremos sobre as três concepções de sujeito apontadas por Hall (2006). A primeira é a identidade do sujeito do Iluminismo que consistia em afirmar que “a pessoa humana era vista como um indivíduo totalmente centrado, unificado”, ou seja, era uma concepção individualista, pois o centro “essencial do eu era a pessoa”. A segunda proposição é a identidade do sujeito sociológico que incidia em dizer que o sujeito não era autônomo, ele precisava se relacionar com outras pessoas, assim a identidade era formada a partir da interação entre “eu e a sociedade”. A terceira elaboração é a de sujeito pós-moderno que não tem uma identidade fixa, ela varia de acordo com as formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Essa última é a concepção de sujeito adotada em nossa pesquisa, pois o indivíduo assume identidades diferentes de acordo com as ocasiões e com os momentos de interação entre sujeitos. Nesses termos, o sujeito do mundo contemporâneo está sendo influenciado pelo sistema sociocultural que o rodeia (HALL, 2006, p. 10-12).

Hall (2006, p. 07-08) afirma que as velhas identidades estão em declínio, todavia, novas identidades estão surgindo e isso colabora para a fragmentação do sujeito moderno, até então, visto como um indivíduo unificado. Ele acrescenta:

[...] as identidades modernas estão entrando em colapso [...] Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. [...] Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo (HALL, 2006, p. 09).

Assim sendo, Hall (2006) faz uma distinção entre sociedade moderna e sociedade no final do século XX, que ele chama de mundo pós-moderno, entretanto a mudança estrutural que influencia as sociedades contemporâneas, em parte, pode

ser encarada como a globalização. Nesses termos, o mundo pós-moderno e a globalização estão descentrando as identidades, tornando-as fragmentadas ou deslocadas. As identidades, em meio a esses fenômenos, não se encontram unificadas, suas fronteiras são menos definidas, pois a unidade já não é mais uma referência e isso contribui para o surgimento de novas identidades (HALL, 2006, p. 12-13).

Encontramos esse mesmo pensamento nos estudos de Bauman (2005) que discorre:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pensamento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2005, p.17).

Bauman (2005, p.18-19) salienta que identidade é um aglomerado de problemas ao qual compartilha com inúmeras pessoas no período em que ele chama de líquido-moderno ou, como estamos discutindo, pós-modernidade. O autor acrescenta que, em nossa época líquido-moderno, o mundo está repartido, fragmentado e mal coordenado, enquanto isso, os nossos caracteres individuais são fatiados “numa sucessão de episódios fragilmente conectados”.

Outro aspecto importante a respeito de identidade, na perspectiva cultural, é que ela é construída através do tempo, por meio de processos inconscientes. Ela está em constantes transformações, eis o seu caráter incompleto. Hall salienta que precisaríamos falar de identidade como algo inacabado, “deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento” (HALL, 2006, p. 38-39).

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Bauman (2005, p. 22) afirma que a identidade “só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objeto’; como uma coisa que ainda se precisa construir”. Ele também acredita no caráter inacabado da identidade, no qual o indivíduo está sempre em processo de construção.

A identidade nacional, segundo Bauman (2005, p. 28), foi cuidadosamente criada pelo Estado como um mecanismo de separação, pelo menos no quesito fronteiriço, pois limitava as fronteiras entre os que estão dentro e aqueles de fora, assim, de certo modo, mantinham uma unidade. Hall (2006, p. 62) adverte que as

nações modernas são constituídas de híbridos culturais, desse modo, deveríamos pensar nas culturas nacionais como um elemento discursivo que representa a diferença como identidade e não restringir as culturas nacionais como unificadas.

Hall (2013, p.108) salienta que as identidades não são unificadas, e sim cada vez mais fragmentadas e fraturadas no mundo pós-moderno, elas “são multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos”. As identidades estão submetidas a um processo de construção que leva, em consideração, caracteres históricos, estando constantemente em processo de mudança, de transformação e de reconstrução.

Para Rutherford (1990, p. 19-20), a identidade é o resultado dos contatos obtidos no desenvolver da nossa história, relacionando as relações sociais, culturais e econômicas que vivemos nessa evolução. A identidade é o encontro do cotidiano vivido pelos seres sociais com os vínculos econômicos e políticos de subordinação e, também, dominação.

De acordo com Castells (2010, p. 84), as comunidades locais “construídas por meio da nação coletiva e preservadas pela memória coletiva, constituem fontes específicas de identidades”. Essas identidades, entretanto, incidem como um mecanismo de defesa contra as condições estabelecidas pela desordem da globalização e pelas mudanças em ritmo acelerado do mundo pós-moderno. O autor afirma que elas “constroem abrigos, mas não paraísos”.

Canclini (2013, p. 190), ao abordar o conceito de identidade, salienta que ter “uma *identidade* seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma entidade em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável”. Nesse ponto, o autor parte de uma visão de identidade a partir da demarcação física espacial de território para o compartilhamento ou intercâmbio de práticas comuns estabelecidos no território simbólico, como o próprio autor acrescenta: “nesses territórios a identidade é posta em cena, celebrada nas festas e dramatizadas também nos rituais cotidianos”.

A memória coletiva é uma forma de demarcação simbólica e também social, contribuindo para a construção da identidade. Canclini (2013, p. XXIII) afirma que não é possível falar de identidade como se fosse somente um conjunto de traços

fixos, muito menos, acreditar que ela é o coração de um grupo étnico ou de uma nação. A identidade é um conjunto de caracteres muito mais complexo.

A respeito de identidade e diferença, T. Silva (2013) discorre, em primeiro momento, que a identidade é aquilo que se é, como exemplo: sou brasileiro, sou negro, etc. Esses discursos são vastas sequências de negações a respeito de identidade e de diferença, pois estão implícitas nessas afirmações, além de outras como “não sou argentino”, “não sou chinês”, “não sou branco”. Em oposição à identidade, a diferença consiste naquilo que o outro é: ela é italiana, ela é branca, dentre outras citações. As declarações sobre “diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades” (SILVA, T., 2013, p. 75). Desse modo, o autor afirma que a identidade e a diferença são forças inseparáveis.

Nesse contexto, T. Silva considera a diferença como um produto derivado da identidade e afirma que esta é a referência. Isto elucidada a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual delineamos ou ponderamos aquilo que não somos. Assim, a identidade e diferença “são criações sociais e culturais”. A identidade e diferença só podem ser compreendidas dentro dos sistemas de significação que adquirem sentido. O autor salienta que “afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre ‘nós’ e ‘eles’”. Desse modo, demarcar o mundo social entre “nós” e “eles” é uma maneira de classificar a vida social. O processo de classificação pode ser compreendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos ou em classes. A identidade e a diferença estão fortemente vinculadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza as classificações (SILVA, T., 2013, p. 75-82).

Outros pontos importantes referem-se à noção de território, pois pode ser caracterizada pela demarcação espacial e simbólica, e a formulação de sujeito pós-moderno que não possui um eu coerente, mas sim uma identidade contraditória que nos empurra em diferentes direções, proporcionando um deslocamento das identificações (HALL, 2006, p.12-13) e ao mesmo tempo ocasionando “a reconversão de saberes e costumes” que são recursos para o surgimento de novas

identidades ou identidades híbridas (CANCLINI, 2013, p. XXX). Assim sendo, esses apontamentos servem para traçarmos o sujeito de nossa pesquisa, os haitianos, que deixaram seu território espacial e simbólico, e, por determinados motivos, que veremos mais adiante, estão passando por um processo de reconversão de suas identidades, influenciados pelo território geográfico e simbólico-cultural de Porto Velho.

Outro caractere importante a respeito dos estudos identitários é o de comunidade local. Castells (2010), ao se referir a comunidades locais que produzem identidades territoriais, propõe uma discussão sobre a identidade comunal ou comunas culturais. Ele salienta que o discurso dos comunitaristas é correlato à sua própria observação intercultural e argumenta:

[...] é que as pessoas resistem ao processo de individualização e atomização, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentido de pertença e, em última análise, em muitos casos, uma identidade cultural, comunal. Apresento a hipótese de que, para que isso aconteça, faz-se necessário um processo de mobilização social, isto é, as pessoas precisam participar de movimentos urbanos (não exatamente revolucionários), pelos quais são revelados e defendidos interesses em comum, e a vida é, de algum modo, compartilhada, e um novo significado pode ser produzido (CASTELLS, 2010, p. 79).

É interessante observar, na conjectura de Castells (2010), a necessidade de uma mobilização social, em prol de interesses de algum grupo, pode (re)produzir significados, ou seja, pode contribuir para uma nova identificação. Isso, em síntese, parece ser uma nova roupagem para os teoremas da desterritorialização de Deleuze e Guattari (1996, p. 40-42) que discutiremos adiante.

Castells (2010, p. 79) tece algumas considerações sobre movimentos urbanos que é interessante para relacionarmos ao processo migratório dos haitianos. Ele salienta que, de acordo com seus estudos, os movimentos urbanos ou “processos de mobilização social com finalidade preestabelecida, organizados em um determinado território e visando objetivos urbanos” estariam envolvidos em três conjuntos de metas principais: a primeira diz respeito à busca por condições de vida e consumo coletivo, ambas como necessidades urbanas; a segunda é asseguarção da identidade cultural local; e a terceira consiste na aquisição de certa independência política local e “participação na qualidade de cidadãos”.

Por fim, com bases nos pressupostos discutidos até aqui, entendemos que os sujeitos não perdem suas identidades, pois também não acreditamos que elas sejam fixas. Acreditamos que a identidade do sujeito está em constante transformação, agregando caracteres do passado, do presente e daquilo que está por vir. Assim, nesse contexto de construção, verificaremos, no Capítulo III, que os haitianos tentam se adaptar, se agregar aos caracteres locais e se reinventar em seu novo território. Contudo, continuam a construir suas identificações em meio à memória do antigo, ao novo e à reinvenção.

### **1.1.2 Cultura**

Conceituar a “cultura” também não é uma tarefa fácil, pois poderíamos limitar sua acepção a uma única máxima ou ampliá-la a várias definições. Assim, preferimos expor algumas discussões a respeito do termo “cultura”, levando em consideração os elementos “homem” e “sociedade”, visto que ambos são, por natureza, heterogêneos. Isso, a nosso ver, reflete no entendimento de cultura que, por sua vez, contribuirá para a compreensão das dinâmicas de desterritorialização e reterritorialização tratadas nesse trabalho.

Eliot (1999) salienta que a palavra “cultura” tem ligamentos diferentes se tivermos em mente “o desenvolvimento de um indivíduo, de um grupo ou classe” e “de toda uma sociedade”, pois segundo sua tese, “a cultura do indivíduo depende da cultura de um grupo ou classe, e que a cultura do grupo ou classe depende da cultura da sociedade a que pertence a este grupo ou classe”. Percebemos que o autor distingue o caráter indissolúvel entre os três âmbitos, porém, enfatiza que a cultura da sociedade influencia as outras duas esferas e afirma “o significado do termo ‘cultura’ em relação com toda a sociedade é que deveríamos examinar primeiro”. O autor diz que poderíamos evitar algumas interpretações desordenadas se “nos abstivéssemos de colocar para o grupo o que pode ser o objetivo apenas do indivíduo; e para toda a sociedade o que pode ser o objetivo unicamente de um grupo” (ELIOT, 1999, p. 33-34).

Assim, apontaremos o conceito moderno de cultura que foi proposto pelo antropólogo britânico Edward Burnett Tylor (1920):

CULTURA ou civilização, tomada em seu sentido amplo pela etnografia, é todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte moral, leis, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade. A condição de cultura entre as diversas sociedades da humanidade, na medida em que é capaz de ser investigada em princípios gerais, é um sujeito apto para o estudo das leis do pensamento e da ação humana (TYLOR, 1920, p.01, tradução nossa)<sup>1</sup>.

O autor define a cultura como a manifestação contextual da vida social dos sujeitos, caracterizada por sua amplitude coletiva, pois entende que a civilização estava ligada às práticas materiais construídas pelos homens.

Para Laraia (2001, p. 45), o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. Nesse caso, temos uma visão somatória de cultura, ou seja, ela é a adição de todos os contatos obtidos no decorrer das gerações.

Nessa perspectiva, Geertz (2008, p. 60) afirma que o homem foi moldado pela soma de vários fatores, como exemplos: de início, através da invenção e manipulação de ferramentas, pelo aprimoramento da caça, pela construção de um sistema familiar, e, posteriormente, com difusão artística, religiosa e, também, pela ciência. Esses mecanismos são necessários para a sobrevivência do homem, como também para a sua realização existencial.

Assim, Geertz (2008) conceitua a cultura em uma visão semiótica:

O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície (GEERTZ, 2008, p.04).

---

<sup>1</sup>CULTURE or Civilization, taken in its wide ethnographic sense, is that complex whole which includes knowledge, belief, art morals, Law, custom, and any other capabilities and habits acquired by man as a member of society. The condition of culture among the various societies of mankind, in so far as it is capable of being investigated on general principles, is a subject apt for the study of laws of human thought and action (TYLOR, 1920, p.01).

O autor deixa claro que a cultura é a ligação existente entre homem e suas construções diante da sociedade e, ainda, é a análise dessas composições com os sujeitos operadores. Geertz (2008, p. 20) acrescenta que “as formas da sociedade são a substância da cultura”, ou seja, a sociedade é heterogênea, além de possuir caracteres diversos, e, também, será diversa essa cultura.

A respeito desse último ponto, Geertz (2008, p. 66) chama a atenção para o conceito de cultura, pois “não possui referentes múltiplos nem qualquer ambiguidade fora do comum”. O conceito de cultura alude a um modelo de significados transmitidos historicamente, congregado em símbolos, um conjunto de percepções passadas de geração para geração, proclamam de forma simbólica possibilitando a comunicação humana, transcendem e ampliam seu conhecimento e o exercício de seres sociais diante da vida.

Estudando as concepções de culturas elencadas da literatura, Mota (2010) defende:

[...] os sentidos que constituem uma cultura não são estáticos e, portanto, não são os mesmos ao longo da história, uma vez que, assim como a história, a cultura também é dinâmica. Uma cultura é atravessada pela cultura do outro, pelos valores, hábitos e crenças de outros povos, o que a torna móvel, dinâmica, heterogênea (MOTA, 2010, p. 220).

Assim, em um mundo pós-moderno, a compressão tempo-espaço aproxima ainda mais os sujeitos, reforça-se a ideia de que a cultura é constituída pelo imaginário social, formada pela heterogeneidade dos sujeitos, pelos contatos obtidos no percurso histórico de um grupo ou de uma sociedade.

Diante dos expostos, vimos que a cultura é a teia construída pelo homem como membro de uma sociedade. A cultura do indivíduo depende da cultura do grupo e, por sua vez, também da cultura da sociedade. A sociedade constrói sua história, seu imaginário através do tempo. Ainda, relacionando cultura e identidade, vimos, no item 1.1.1 deste Capítulo, que a identidade está ligada ao sujeito e à sociedade, ela não é estática, está em constante construção e modificação (BAUMAN, 2005; HALL, 2006). Nesse contexto, entendemos que a cultura de um povo está em construção, assim como a identidade dos sujeitos. A cultura está relacionada à sociedade que não é homogênea, que possui caracteres não estáticos como a língua e a identidade. Acreditamos que a cultura produz sentidos



imaginários, que são construídos historicamente com e para os sujeitos, para os grupos sociais. Assim, entenderemos mais adiante que a cultura também está relacionada aos movimentos de desterritorialização e de reterritorialização.

Relacionando cultura, identidade e território, em uma visão não materialista, Bonnemaïson e Cambrézy (1996) dizem que o território não pode ser definido como um princípio de caráter material, mas devemos levar em consideração o seu princípio de identificação cultural, logo, esse princípio explica a força simbólica que está relacionada ao território. Os autores ainda acrescentam que o território “não pode ser percebido apenas como uma posse ou como uma entidade externa de uma sociedade que nele habita. Essa é uma parcela de identidade, fonte de um relacionamento afetivo, até mesmo de amor pelo espaço” (BONNEMAISON; CAMBRÉZY, 1996, p. 13-14, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Em suma, percebemos que os recortes sobre cultura são variados e contínuos e provavelmente nunca terminarão, porque uma compreensão exata do conceito de cultura talvez não abarcasse toda a gama de significações contidas em suas possíveis representações. Entender a acepção de cultura é tentar compreender a própria natureza do ser humano, tema este inesgotável da investigação humana. Por fim, essas explanações basilares nos orientam à investigação dos movimentos desterritorializador e reterritorializador que discutiremos mais adiante e também em nossa análise no Capítulo III.

### **1.1.3 Nação e globalização**

A nação pode ser considerada um mecanismo de identificação do sujeito. Uma determinada nação possui uma organização interna própria, com características de seu povo, como por exemplo: um sistema político, leis, sua história, religião, língua, entre outros quesitos que descrevem sua sociedade. Apointaremos, a seguir, algumas discussões sobre nação e, também, sobre a globalização.

---

<sup>2</sup> Il ne peut être perçu seulement comme une possession ou comme une entité extérieure à la société qui l’habite. C’est une parcelle d’identité, source d’une relation d’essence affective, voire amoureuse à l’espace (BONNEMAISON; CAMBRÉZY, 1996, p. 13-4).

Utilizamos a definição a respeito de nações proposta por Castells (2010), no que ele chama de era da informação. O autor define as nações “como *comunidades culturais construídas nas mentes e memória coletiva das pessoas por meio de uma história e de projetos políticos compartilhados*” (CASTELLS, 2010, p. 69, grifo do autor). O autor leva em consideração todos os contatos identitários e culturais que foram influenciados e agregados à memória de um grupo para a constituição da nação, assim, ele cita como exemplo a memória dos cidadãos da Catalunha, na Espanha, que possuíam um sentimento de nacionalidade, porém, sem estrutura política de uma nação. Considera, também, a influência do Estado na criação de uma identidade por meio de projetos políticos impostos pelos Governos, nesse caso, ele toma como exemplo a construção da antiga União Soviética a partir da aglutinação, fortemente política, de várias nacionalidades.

Hall (2006, p.47-49) demonstra sua preocupação com a identidade nacional e argumenta que “as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”. Elas não são coisas com as quais nós nascemos, mas são desenvolvidas e transformadas no interior de nossas representações. A nação é algo que produz sentidos para a memória de um povo, ela é um “sistema de representação cultural”.

Dentro dos elementos que constituem uma nação, encontramos características regionais que podem proporcionar um conjunto de diferenciações dentro de um grupo maior, como por exemplo, um país. Essas diferenciações são ocasionadas também por fatores históricos, geográficos, políticos, religiosos, sociais e culturais que distinguem um grupo menor dentro de um grupo maior. Uma nação é uma comunidade simbólica, conseqüentemente proporcionará um sentimento de identidade, pois há elementos que caracterizam determinados grupos sociais.

Canclini (2013, p. 348), falando sobre hibridismo no mundo pós-moderno, salienta que as culturas são de fronteiras, as artes se desenvolvem em relação com outras artes, o artesanato migra do campo para a cidade, o território simbólico-cultural de um povo está intercambiado com outros territórios. Sendo assim, “as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento”. Desse modo, na visão do autor, o hibridismo cultural

desencadeia a perda de uma identidade homogênea, mas proporciona o surgimento e o intercâmbio de culturas heterogêneas.

A velocidade em que os povos e suas culturas se (des)conectam pode estar relacionada ao mundo globalizado. Bauman (2005, p. 18-19) chama a globalização no mundo pós-moderno, metaforicamente, de “modernidade líquida”. A globalização econômica do mercado capitalista, por meio da compressão tempo-espço, se propaga em uma velocidade ímpar, assim também acontecem com as identidades, elas transpassam fronteiras, comprometendo sua unidade. Nesse contexto, de acordo com o autor, a modernidade tardia vem juntamente com a globalização acelerando a liquefação das estruturas e instituições sociais.

Bauman (2005) cita o discurso de um cartaz, que foi espalhado pelas ruas de Berlim na última década do século XX, o qual está implícito o mundo globalizado e, ainda, é possível identificar que a globalização não é, somente, um fenômeno contemporâneo, mas algo construído através da história da humanidade:

Em 1994, um cartaz espalhado pelas ruas de Berlim ridicularizava a lealdade a estruturas que não eram mais capazes de conter as realidades do mundo: “Seu Cristo é judeu. Seu carro japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro” (BAUMAN, 2005, p. 33).

Assim, segundo Bauman (2005, p. 34), a globalização pode estar associada ao dizer que “o Estado não tem mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação”, justificando seu discurso sobre a modernidade líquida. Ele acrescenta que uma identidade fixa ou sólida seria um peso que o indivíduo carregaria, seria uma repressão, pois não teria liberdade de escolha.

Milton Santos (2005) chama a atenção para a importância do papel da ciência, da tecnologia e da informação no mundo globalizado. Ele ressalta a respeito do território nesse mundo fluído:

Tratando de território, não basta falar de mundialização ou globalização, se desejamos aprofundar o processo de conhecimento desse aspecto da realidade total. O território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado. Mesmo a análise da fluidez posta ao serviço da competitividade, que hoje rege as relações econômicas, passa por aí. De um lado, temos uma fluidez virtual, oferecida por objetos criados para facilitar essa fluidez e que são, cada vez mais, objetos técnicos. Mas os objetos não nos dão senão uma fluidez virtual,

porque o real vem das ações humanas, que são cada vez mais ações informadas, ações normatizadas (SANTOS, 2005, p. 255-256).

A partir desse contexto, o território possui outros recortes além das antigas categorias de região. Isso é consequência da nova estrutura e funcionamento territorial, pois há domínios das circunvizinhanças formadas por grupamentos vizinhos em determinada comunidade territorial e há domínios por ligações através de pontos distantes uns dos outros, conectados por todas as desenvolvuras e processos sociais (SANTOS, 2005, p. 256).

Por fim, com a globalização, temos um espaço curto entre os lugares. Alguns estudiosos acreditam na homogeneização cultural e isso pode provocar a destruição das identidades. Entretanto, Hall (2006, p. 77) enfatiza um ponto importante, “ao invés de pensar no global como ‘substituindo’ o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre ‘o global’ e o ‘local’”. Assim como Bauman (2005) e Hall (2006), acreditamos que a globalização, no mundo pós-moderno, pode provocar, não a eliminação de identidades nacionais, mas sim, o surgimento de novas identidades locais, nacionais e globais.

#### **1.1.4 Redes**

Discutiremos neste momento as redes e suas ligações com a construção de territórios. Haesbaert (2012, p. 280) afirma que “territorializar-se significa também, hoje, construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referências simbólicas num espaço em movimento, no e pelo movimento”. Construir um território em meio à mobilidade humana não é uma novidade, isso sempre aconteceu, como é o caso dos nômades, dos migrantes, dos vagabundos, dos povos em diáspora. O que muda é o tipo de rede, nesse caso, o tipo de sujeito que constitui essa rede e sua articulação em meio ao fenômeno da compressão espaço-tempo, levando em consideração a velocidade e a diversidade de territórios existentes no mundo pós-moderno.

Nesse contexto, Requena Santos e Muñoz (2002, p. 72), se referindo às redes sociais, salientam que elas centram-se em um estudo que leva em

consideração a estrutura social como um conjunto de ligações entre os sujeitos, individuais ou coletivos, com uma sociedade<sup>3</sup>.

Conceituando sobre redes sociais, Requena Santos (1998, p. 653) aponta que a rede social é um conglomerado finito de indivíduos ou grupos de indivíduos e das relações estabelecidas entre ambos, ou seja, é a contextura desenvolvida por conexões de um conjunto destes que estão vinculados, direta ou indiretamente, por meio de informações, compromissos, questões econômicas, trabalho, etc.

As redes são construídas por conjuntos de sujeitos e das relações entre esses indivíduos. Assim sendo, os elementos essenciais das redes sociais são os sujeitos e suas ligações. Indivíduos e seus vínculos são vertentes que devem direcionar a análise de rede, pois essas vertentes têm suas peculiaridades: os sujeitos têm caracteres, como por exemplo, sexo, faixa etária, profissão, nível cultural, dentre outros; já as ligações entre esses sujeitos têm como características os tipos de relacionamentos, como família, amizade, trabalho, estudo, o período de duração desse vínculo (REQUENA SANTOS; MUÑOZ, 2002, p. 74).

Requena Santos e Muñoz (2002) afirmam que a estrutura das relações sociais afeta o contexto da própria relação social. A teoria das redes pode ser aplicada a qualquer vertente que tenha como caracteres a realidade social, no entanto, os autores propõem sua operação em três principais dimensões: “1) O efeito da posição do ator na rede em seu próprio comportamento; 2) Identificação dos subgrupos da estrutura da rede; e 3) A natureza das relações entre os atores”. Essas dimensões aludem a uma análise das redes sociais focada nas relações entre os próprios indivíduos e, também, entre os próprios grupos, ou seja, uma vez estabelecidos os vínculos entre os sujeitos e entre os grupos, há redes sociais (REQUENA SANTOS; MUÑOZ, 2002, p. 72, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Milroy e Milroy (1992) chamam a atenção para os estudos de redes:

Para além do seu valor teórico, uma abordagem de rede tem se mostrado útil no fornecimento de uma metodologia adequada para estudar subgrupos étnicos ou outros na população em situações em que um modelo de classe

---

<sup>3</sup> É interessante ressaltar que as redes sociais abordadas pelos autores, não são as redes sociais disponibilizadas por programas computacionais, por aplicativos eletrônicos ou pela internet, mas sim, são os vínculos sociais estabelecidos entre as pessoas no dia a dia.

<sup>4</sup> 1) El efecto de la posición del actor en la red sobre su propia conducta; 2) La identificación de los subgrupos en la estructura de la red; y 3) La naturaleza de las relaciones entre los actores (REQUENA SANTOS; MUÑOZ, 2002, p. 72).

social [...] é menos prático. [...] A abordagem de rede é mais viável com grupos que são economicamente marginal, impotente ou residente no bairro homogêneo e territorialmente bem definido. Além disso, um forte senso de etnia ou de identidade local, muitas vezes, cria e mantém localizadas normas e sistemas de valores culturais e linguísticos que são apresentados e percebidos como forte oposição aos valores tradicionais de fora (MILROY; MILROY, 1992, p. 06, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Assim, os autores apontam que a análise de redes é um método apropriado para analisar os sujeitos que estão fora de seu cotidiano espacial, ou seja, estão em outras territorialidades, visto que seus laços afetivos são intensificados para manterem suas características diante do novo território.

A respeito das relações de conteúdo nas redes sociais, apontaremos uma lista elaborada por Knoke e Kuklinski (1982, p. 16) sobre os tipos mais comuns dessas relações. A primeira são as *relações de comunicação* – as relações entre os sujeitos são canais através dos quais mensagens de um indivíduo são transmitidas para outro dentro do sistema de comunicação. A segunda são as *relações de transação* – nesses relacionamentos, os sujeitos controlam as trocas que podem ser físicas ou simbólicas, como por exemplo, aquelas que estão presentes nas relações de compra e venda. A terceira são as *relações instrumentais* – os sujeitos se relacionam entre si para assegurarem alguns recursos como segurança, bens, serviços ou informações. É o caso das redes que ajudam os indivíduos a conseguirem um emprego. A quarta são as *relações sentimentais* – são as relações em que os indivíduos manifestam sentimentos de carinho, amizade, admiração e até mesmo de hostilidade. A quinta são as *relações de autoridade* ou de poder – estas, frequentemente, ocorrem dentro de organizações e instituições, em alguns casos, elas são submetidas a níveis de hierarquia. E, por fim, a sexta são as *relações de parentesco e grupos étnicos* – essas relações formam um tipo especial de rede social, pois indicam não apenas as posições dos membros na estrutura familiar, mas é compatível com as demais relações mencionadas anteriormente.

---

<sup>5</sup> Apart from its theoretical value, a network approach has been found useful in providing a suitable methodology for studying ethnic or other subgroups in the population in situations where a social class model (particularly one that focuses on consensus) is less practical. [...] A network approach is more feasible with groups who are economically marginal, or powerless, or resident in homogeneous and territorially well-defined neighborhood. Moreover, a strong sense of ethnicity or of local identity often creates and maintain localized cultural and linguistic norms and value systems that are presented and perceived as sharply opposed to the mainstream values of outsider (MILROY; MILROY, 1992, p. 06).

Sobre a força ou intensidade das redes sociais, Requena Santos e Muñoz (2002, p.75) asseguram que isso se refere à consistência da ligação entre dois ou mais agentes que compõem a rede. Essa consistência não é o relacionamento íntimo de amizade ocasionalmente entre os sujeitos, pois amigos e conhecidos são exemplos de níveis força de ligação. A frequência da interação entre os sujeitos é outro nível de força de ligação, por exemplo, se é em um período de tempo mais longo ou mais curto. Desta forma, pode-se quantificar a força de ligação, pois entre os dois sujeitos não existem apenas o vínculo que os unem, mas a força quantificadora desse vínculo.

As redes contemporâneas combinam o material e o imaterial, estas são componentes de (des)territorialização e constituem territórios descontínuos, fragmentados, superpostos. Haesbaert (2012, p. 282) discorre que território e rede não são elementos distintos e adversos. A rede pode ser vista como um elemento de composição do território. Ele, ainda, aponta o seguinte argumento sobre redes:

[...] a característica mais importante das redes é seu efeito concomitantemente territorializador e desterritorializador, o que faz com que os fluxos que por elas circulam tenham um efeito que pode ser ora de sustentação, mais “interno” ou construtor de territórios, ora de desestruturação, mais, “externo” ou desarticulador de território. (HAESBAERT, 2012, p. 294).

Nesse contexto, percebemos que o território hoje é movimento, ritmo, fluxo, rede. Ele é um movimento repleto de significados, de expressividade para o sujeito que o constrói e dele o usufrui. Esse significado e essa expressividade consistem no estabelecimento de um território simbólico, fruto da territorialização espacial, do movimento, da rede, do meio e do ritmo (HAESBAERT, 2012, p. 281).

Para Castells (2010, p. 85), a formação de redes e a flexibilidade transformam indistintas as fronteiras de participação e de desenvolvimento, “individualizam as relações sociais de produção e provocam a instabilidade estrutural do trabalho, do tempo e do espaço”. O autor afirma que quando as redes desagregam o tempo e o espaço, os indivíduos se apegam a espaços físicos, reativando a sua identidade e sua memória histórica.

Levando em consideração as discussões apontadas nessa seção, entendemos que a rede é uma relação estabelecida entre os membros de um grupo

que podem estar fora de seu contexto espacial e isso desenvolve uma maior ligação entre os sujeitos. Veremos, no Capítulo III, que as redes foram essenciais para o fortalecimento da imigração haitiana, para reviverem o Haiti no Brasil e para se reinventarem.

Portanto, as discussões realizadas até o momento servem de suporte para compreendermos as inter-relações que subsidiam os movimentos de desterritorialização e de reterritorialização em que os sujeitos imigrantes haitianos estão engrenados.

## **1.2 O movimento de desterritorialização**

Nesta seção, procuramos trabalhar o movimento de desterritorialização, sinalizando que ele não é somente um deslocamento espacial realizado pelo sujeito, mas sim um processo mais amplo que congrega valores, memórias, identificações dos sujeitos, bem como valores do território que possibilitou a construção de imaginários e de territorialidades dos sujeitos. Assim, nossa preocupação não é encontrar uma aceção precisa para esse fenômeno, mas sim estudar e compreender as ações dos sujeitos oriundas e inseridas nesse movimento espacial.

Haesbaert (2012, p. 16), debruçando nos estudos sobre desterritorialização, aborda esta temática como um mito, pois, segundo ele, o ser humano não pode viver sem território, a sociedade não pode existir sem territorialidade e, ainda, acrescenta que todo o movimento de destruição de território é, de algum modo, a reconstrução de uma nova base. Nesse contexto, observamos que a desterritorialização é um movimento de mão dupla, ou seja, ela gera um novo movimento que chamaremos de reterritorialização. Dedicar-nos-emos, nesta primeira parte, a apontar as discussões que giram em torno da desterritorialização, mas, como vimos, sempre ligada a um processo reterritorializador.

Assim, Haesbaert diz que seria paradoxal determinar uma desterritorialização “absoluta”, ou seja, decretar o “fim dos territórios”, “pelo simples fato de que o próprio conceito de sociedade implica, de qualquer modo, sua espacialização ou, através de um sentido mais restrito, sua territorialização”. Desse modo, não é possível definir indivíduo e sociedade sem inseri-lo em um determinado espaço, ou



melhor, em um território. O autor reforça que sociedade e espaço social “são dimensões gêmeas”, nesse sentido, não existe sociedade sem território (HAESBAERT, 2012, p. 20).

Feitas essas considerações, devemos traçar qual é o território que estamos falando e os sujeitos que habitam ou foram levados a habitar tal território. Os imigrantes haitianos são os sujeitos de análise da nossa pesquisa, todavia, discutiremos sobre esse grupo social na segunda parte deste trabalho. Para este momento, procuramos nos ater as discussões teóricas acerca de território, além de delimitá-lo sob o nosso viés de pesquisa. Assim, que território é esse? Para responder a esta pergunta, verificaremos, nas literaturas, os tipos de territórios que envolvem o processo de desterritorialização.

Nesse contexto, Haesbaert (2012, p. 35) lembra que a desterritorialização pode estar ligada às instabilidades das fronteiras, principalmente das estatais, caracterizando um território político. No entanto, o processo de desterritorialização pode estar ligado a uma fusão cultural, proporcionando o surgimento de identidades “indefinidas”, se assim podemos dizer, e, nesse caso, temos um território simbólico que serve de referência para a construção de identidades. Com isso, percebemos que a concepção de território vai além de uma demarcação espacial, alcançando níveis simbólicos.

Nesses termos, a respeito das concepções de território, apontamos uma síntese elaborada por Haesbaert (2012, p. 40) que agrupa quatro vertentes básicas. A primeira vertente, a *política*, está vinculada às relações de espaço-poder e é a mais propagada. Nela o território é visto como um espaço demarcado e controlado por um determinado poder que, na maioria das vezes, se remete ao poder político do Estado. A segunda vertente, *cultural* ou *simbólico-cultural*, prioriza a dimensão simbólica na qual o território é visto “como um meio de apropriação e de valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido”. A terceira vertente, a *econômica*, pouco difundida, destaca a dimensão territorial das relações econômicas, pois o território é visto como uma fonte de recurso ligada às classes sociais e à relação capital-trabalho. A quarta e última vertente é a *natural* ou *naturalista*, que prioriza a dimensão entre sociedade e natureza, principalmente, “no

que se refere ao comportamento ‘natural’ dos homens em relação ao seu ambiente físico” (HAESBAERT, 2012, p. 40).

Dado essas especificidades, podemos afirmar que a desterritorialização pode ser estudada de alguns ângulos, por exemplo: alguns estudiosos acreditam que o problema é o movimento crescente de capital e das empresas, nesse caso, a desterritorialização é um fenômeno de âmbito econômico; temos aqueles que focam seus estudos na questão da crescente “permeabilidade das fronteiras nacionais”, assim sendo, a desterritorialização é de âmbito político; e, ainda, para outros, a questão central é a vertente cultural, nessa, o processo de desterritorialização está vinculado a uma hibridização de culturas, “dissolvendo os elos entre um determinado território e uma identidade cultural que lhe seria correspondente”. Percebemos que esses campos de estudos se preocupam em observar diversas dimensões e se esquecem de agregar a grande questão: os problemas sociais que abarcam as dimensões políticas, econômicas, naturais e culturais, pois essas dimensões giram em torno de uma sociedade (HAESBAERT, 2012, p. 172).

Cabe dizer que o termo desterritorialização é creditado aos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010). Na obra *O que é filosofia?*, os autores salientam que a filosofia consiste na atividade de criação de conceitos. Informação fundamental para falarmos do conceito de desterritorialização, pois Deleuze e Guattari propuseram uma acepção que mesclasse o movimento de entrada e de saída ou de tornar-se e desfazer-se.

Para compreendermos o conceito de desterritorialização, apontamos quatro teoremas desenvolvidos por Deleuze e Guattari (1996, p. 40-41). O primeiro teorema de desterritorialização consiste em dizer que “Jamais nos desterritorializamos sozinhos, mas no mínimo com dois termos [...]. E cada um dos dois se reterritorializa sobre o outro” e ainda afirmam que a reterritorialização “implica necessariamente um conjunto de artifícios pelos quais um elemento, ele mesmo desterritorializado, serve de territorialidade nova ao outro, que também perdeu a sua”. Nesse caso, temos um sistema de desterritorialização horizontal e um complementa o outro.

O segundo teorema consiste em dizer que o movimento de desterritorialização mais rápido não é forçosamente o mais intenso ou o mais desterritorializador. O movimento “mais rápido conecta sua intensidade com a

intensidade do mais lento, a qual enquanto intensidade, não o sucede, mas trabalha simultaneamente sobre outro estrato ou sobre um outro plano” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 41).

Temos, no terceiro teorema, o sistema de reterritorialização vertical que acontece de baixo para cima. O movimento “*menos* desterritorializado se reterritorializa sobre o *mais* desterritorializado”. A desterritorialização relativa, também chamada de “transcodificação”, se “reterritorializa sobre a desterritorialização absoluta em determinado aspecto (sobrecodificação)” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 41, grifo do autor).

No quarto teorema da desterritorialização, Deleuze e Guattari (1996, p. 42) salientam que a “máquina abstrata não se efetua então apenas nos rostos que produz, mas, em diversos graus, nas partes do corpo, nas roupas, nos objetos que ela rostifica segundo uma ordem das razões”. Compreendendo as metáforas dos filósofos, a desterritorialização é como uma transcodificação, pois esse movimento não acontece somente na perda do território, mas em partes, em níveis que também se reconfiguram em uma nova roupagem, isto é, na construção de um novo território, de uma nova identidade, ou seja, na reterritorialização.

Levando em consideração essas proposições acima, percebemos que os teoremas de desterritorialização não se limitam a explicar a perda do espaço, ou, a ausência do território. A desterritorialização está inter-relacionada com a reterritorialização e leva em consonância as dimensões políticas, econômicas, culturais e naturais.

A desterritorialização, em seu sentido *stricto*, acaba negando a existência do próprio espaço, porque é vista como uma barreira para o desenvolvimento humano, mas o certo é que não existe fim da espacialidade.

Nem “fim da espacialidade”, inerente à existência do mundo, nem “fim da territorialidade”, inerente à condição humana, a desterritorialidade é simplesmente a outra face, sempre ambivalente, da construção de territórios. [...] Des-territorialização (sempre hifenizada), tal como a multiterritorialização do nosso tempo, carrega sempre a própria multivalência, o múltiplo, o sincrético [...], uma “condição híbrida” (HAESBAERT, 2012, p. 365).

Valendo-se dos pressupostos de Deleuze e Guattari (1996, p. 41), no seu primeiro teorema, então concluímos não haver desterritorialização dissociada da

reterritorialização. É justamente a partir desse conceito que Haesbaert (2012) chama o movimento de desterritorialização de um mito, não em relação a sua existência, mas em relação à perda do território, pois o autor adverte que os sujeitos não perdem seus territórios, eles se transformam, se reorganizam, se reterritorializam.

Assim, discutimos que os indivíduos não perdem seus territórios, devido a existência de duas forças, uma desterritorializadora e outra reterritorializadora, bem como vimos quatro dimensões em que habitualmente o território é concebido: a política, a cultural, a econômica e a natural. Comentamos, ainda, que indivíduo e sociedade também são definidos por seu território. Com essas explicações, podemos responder parcialmente a pergunta sobre qual território estamos falando. O nosso estudo tem como espaço de desterritorialização o Haiti e as territorialidades construídas na memória dos sujeitos, os haitianos, todavia, terminaremos de responder a essa questão no próximo item, pois discutiremos a o conceito de reterritorialização.

Nessa medida, é interessante lembrar a proposição de Milton Santos (2005, p. 255) quando diz que “é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social”, desse modo, não é o espaço em sentido estrito que analisaremos, mas o uso desse território pela comunidade de imigrantes haitianos. O autor, ainda, salienta sobre a relação homem e espaço:

Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território. Seu valor vai mudando, incessantemente, para melhor ou para pior, em função das diferenças de acessibilidade (tempo, frequência, preço), independentes de sua própria condição. Pessoas, com as mesmas virtualidades, a mesma formação, até mesmo o mesmo salário têm valor diferente segundo o lugar em que vivem: as oportunidades não são as mesmas (SANTOS, 2011, p. 161).

Nesses termos, o autor chama a atenção para a condição de ser mais ou menos cidadão, pois, segundo ele, isso depende do ponto territorial no qual o indivíduo se encontra. O espaço, em alguns casos, pode ser a condição de sua pobreza, entretanto, outro espaço poderia ser mediador naquilo que lhe falta (SANTOS, 2011, p. 161). Desse modo, as condições sociais do espaço podem provocar o movimento de saída de um território.

Portanto, vimos que o movimento de desterritorialização envolve várias dimensões sobre o território e, nesse caso, algumas dessas perspectivas se

interagem em nosso estudo. Veremos, no Capítulo III, que há a presença dessas modalidades de territórios no processo de descolamento espacial dos haitianos. Além disso, com as discussões acima, vimos que a desterritorialização não é a perda das territorialidades, assim, os imigrantes haitianos levam consigo uma bagagem simbólico-cultural.

### 1.3 O movimento de reterritorialização

Como temos dito na seção anterior, não é possível falar de desterritorialização sem dialogar com o movimento reterritorializador. Como já apontamos, no primeiro teorema de Deleuze e Guattari (1996, p. 41), não nos desterritorializamos sozinhos, pois todo o movimento desterritorializador é, conseqüentemente, acompanhado de um movimento reterritorializador.

É importante dizer que a palavra reterritorialização está engendrada à palavra território, assim, continuamos a verificar as várias discussões que giram em torno do termo território em consonância com os movimentos espaciais. Devemos contextualizar, historicamente, o território sobre o qual estamos trabalhando. Se fizermos uma leitura integradora, o território corresponderá ao contíguo de nossas vivências, ou seja, as “relações de domínio e apropriação, no/com/através do espaço, os elementos-chave responsáveis por essas relações diferem consideravelmente ao longo do tempo” (HAESBAERT, 2012, p. 78). Também é interessante ter uma visão de território numa perspectiva a qual o espaço predominante é o *multi*, ou apropriando-se das palavras de Haesbaert (2012, p. 79), “espaço como um híbrido – híbrido entre sociedade e natureza, entre política, economia e cultura, e entre materialidade e ‘idealidade’, numa complexa interação tempo-espaço”.

As sociedades modernas são, por essências, compostas de mudanças constantes, ágeis e permanentes (HALL, 2006, p. 15). O mundo moderno exige essa agilidade que reflete nas relações sociais e, também, direcionando em nossa vertente de pesquisa, entre sociedade e espaço. O rompimento das territorializações tradicionais, marcada pelas comunidades sociais, abre espaço, ou melhor, perde espaço para o movimento da modernidade que estabelece sua própria

reterritorialização que, nesse caso, acompanha a velocidade e a fusão, o multi, o híbrido do mundo pós-moderno.

O híbrido não está somente no espaço físico, mas também no sujeito, nos costumes, na identidade. No mundo pós-moderno, encontramos uma sociedade líquida como salienta Bauman (2005), uma sociedade em mudanças e em constantes processos de construção identitária. Nesse sentido, o movimento de reterritorialização está ligado ao processo de hibridação cultural dos sujeitos. Canclini (2013, p. XIX) diz: “entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Em alguns casos, as novas estruturas formadas a partir da hibridação ocorrem sem planejamento ou podem ser oriundas de processos migratórios, turísticos e intercâmbios econômicos. Nessa perspectiva, Carbonieri (2011, p. 36) salienta que “os processos de hibridismo, totalmente espontâneo e não planejado” tornam o *corpus* de estudo mais instigante. Assim, o processo migratório dos haitianos em Porto Velho está sujeito à hibridação espontânea e não planejada, isto é, fenômeno relacionado à reterritorialização que veremos como se dá em nossa análise, no Capítulo III.

Nesse sentido, Guattari e Rolnik (1996, p. 323) discorreram que o território pode ser compreendido em um sentido muito amplo, indo além do utilizado pela etologia e pela etnologia. Os grupos sociais se organizam de acordo com os territórios que os demarcam e os ligam aos outros existentes e aos “fluxos cósmicos” e, ainda discorrem:

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um espaço percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323).

Portanto, Guattari e Rolnik (1996) deixam claras as suas perspectivas no caráter simbólico do território e não, somente, no caráter espacial. Desse modo, sinalizamos que o nosso estudo a respeito de reterritorialização compreende a visão de território como apropriação de valores, reconstrução de identidade em um ambiente onde predomina o multi, o diverso, o híbrido.

A vertente cultural é um aspecto importante da reterritorialização, pois sempre esteve presente nos processos de formação territorial. Anderson (1989, p. 14), dentro de uma perspectiva antropológica, propõe a seguinte definição para nação “ela é uma comunidade política imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana”. O autor acrescenta:

A nação é imaginada como *limitada*, porque até mesmo a maior delas, que abarca talvez um bilhão de seres humanos possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais encontram-se outras nações. [...] É imaginada como *soberana* porque o conceito nasceu numa época em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade do reino dinástico hierárquico, divinamente instituído (ANDERSON, 1989, p. 15-6, grifo do autor).

De tal modo, a carga identitária que envolve a dimensão simbólico-cultural, naquilo que Anderson (1989) designou “comunidades imaginadas” surgiria na atualidade com muita força. Por exemplo, o Estado-nação, na modernidade, se reinventa, cria sua identidade e suas marcas simbólico-culturais organizadas (se é organizada, isso acontece por influências políticas) para solidificar o novo Estado-nação. Logo, as comunidades nacionais desagregam antigos laços e criam novos laços universais e, até mesmo, abstratos que, com o passar do tempo, manifestam um intenso sentido reterritorializador. Com isso, percebemos uma reconstrução, uma reorganização e uma reinvenção de uma dada comunidade, temos aí a reterritorialização.

O território, em uma relação de dominação, de apropriação da sociedade e do espaço, “desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’”. Isso significa dizer que tanto a dominação político-econômica, quanto à apropriação simbólico-cultural estão extremamente ligadas à construção do território, ou, no processo de territorialização. Logo, essas vertentes são inseparáveis, pois “cada grupo social, classe ou instituição pode ‘territorializar-se’ através de processos de caráter mais funcional (econômico-político) ou mais simbólico (político-cultural)” no vínculo que se tem com os espaços geográficos que convive, levando em consideração as estratégias e a relação de poder. Percebemos que a construção de território está sujeita a conflitos dentro desse jogo de territorialidades (HAESBAERT, 2012, p. 95-6).

Deleuze e Guattari (1996, p. 41) advertem que “não deve confundir a reterritorialização com o retorno a uma territorialidade primitiva ou mais antiga” e, ainda, valemo-nos das conjeturas de Guattari e Rolnik (1996, p. 323), a territorialização “consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante”.

Por fim, Deleuze e Guattari (1997, p. 224) afirmam que o processo de desterritorialização é o movimento pelo qual o indivíduo é levado a abandonar um território, “é a operação da linha de fuga”, e o processo de reterritorialização é o movimento pelo qual o indivíduo (re)constrói um novo território, lembrando que este território não é somente geográfico ou físico, mas também simbólico-cultural. Esses movimentos podem estar engajados pelas forças das dinâmicas políticas, econômicas, naturais e simbólicas.

Como já dissemos no item anterior, a nossa pesquisa tem o Haiti como espaço de desterritorialização, bem como as territorialidades construídas na memória dos imigrantes haitianos e, a respeito do território evolvido no movimento de reterritorialização, temos a capital de Rondônia, Porto Velho, que carrega um imaginário local, que por sua vez contribui para a reterritorialização haitiana, como veremos no Capítulo III. Assim, analisaremos os haitianos do processo de desterritorialização ao de reterritorialização, ou seja, do Haiti ao Brasil, especialmente, em Porto Velho – RO.

#### **1.4 O movimento de des-reterritorialização**

Os conceitos que estamos abordando, muitas vezes, são extremamente complexos. Iniciamos essa explanação discutindo o movimento de desterritorialização e vimos que, de acordo com Deleuze e Guattari (1996, p. 40-42), através de seus teoremas sobre a desterritorialização, esse movimento não pode existir sozinho, está certamente vinculado ao processo de reterritorialização, pois os dois movimentos são indissociáveis, aludindo ao um novo termo, a des-reterritorialização.

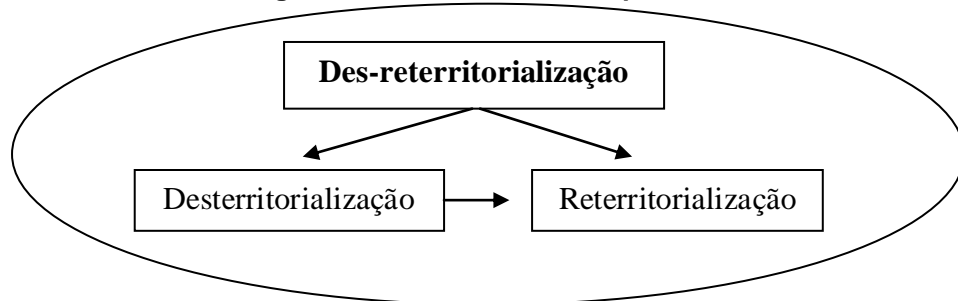
Levando em consideração as discussões dos tópicos anteriores, em que o movimento de desterritorialização é processo pelo qual o indivíduo, por meio de



influências políticas, econômicas, simbólico-culturais e, até mesmo, naturais, é levado a abandonar um território, trata-se de uma linha de fuga. Já a reterritorialização é o movimento pelo qual o sujeito constrói um novo território, ou seja, se reinventa. Desse modo, voltamos ao primeiro teorema de desterritorialização de Deleuze e Guattari (1996, p. 40-41) em que apontam os dois movimentos como via de mão dupla e, a nosso ver, não se limita às abordagens sobre o movimento de desterritorialização, mas sim a toda a gama que envolvem os movimentos vinculados à mobilidade espacial e à construção de novos significados. Com isso, devemos pensar que a desterritorialização e a reterritorialização são processos concomitantes, pois os territórios, nos deslocamentos espaciais, sempre comportam dentro de si uma força desterritorializante e reterritorializante.

Feito essas explanações, tentamos representar o movimento de des-reterritorialização por meio da Figura 01. Com ela, percebemos que a des-reterritorialização abarca, simultaneamente, forças que conduzem os indivíduos a abandonarem um território (desterritorialização) e, ao mesmo tempo, os levam a reconstruir um novo território (reterritorialização).

**Figura 01: Os movimentos espaciais**



**Fonte: o autor da pesquisa.**

Portanto, o movimento de des-reterritorialização é o processo de saída e de entrada em determinado território que pode ser influenciado por questões políticas, econômicas, naturais e simbólicas. Deleuze e Guattari (1996, p. 41), relacionando as intensidades dentro do processo de des-reterritorialização, propõem a divisão de dois movimentos desterritorializadores: a desterritorialização relativa e a desterritorialização absoluta. O movimento de desterritorialização relativa corresponde à própria sociedade, ele é a desconstrução dos territórios criados nas sociedades e sua simultânea reterritorialização. Já o movimento de

desterritorialização absoluta refere-se ao próprio pensamento, à criação, à reinvenção do território, da identidade, dos valores simbólicos. Esses dois movimentos se relacionam:

A desterritorialização absoluta não existe sem reterritorialização. A filosofia se reterritorializa sobre o conceito. O conceito não é objeto, mas território. Não há Objeto, mas um território. Precisamente por isso, ele tem uma forma passada, presente e talvez por vir. A filosofia moderna se reterritorializa sobre a Grécia como forma de seu próprio passado (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 121-2).

Assim sendo, o pensamento surge no processo de desterritorialização, ou seja, pensar, chegar a um conceito é o mesmo que criar um novo território. Para criar um novo território é essencial romper ou flexionar o território existente. Essa dinâmica consiste no movimento de des-reterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 121-2). Os autores falam de rompimento, porém, esse rompimento não é a perda do território físico ou simbólico-cultural, mas sim, um processo de reinvenção, de fusão ou hibridação, como salienta Canclini (2013, p. XIX), pois estruturas existentes se combinam para gerar novas estruturas. Haesbaert (2012) também afirma que ninguém perde o território, pois os sujeitos passam de um território ao outro, levando consigo uma bagagem histórico-cultural que será reinventada ou readaptada em um novo território.

Deleuze e Guattari (2010, p. 103), discorrendo sobre os movimentos de desterritorialização e reterritorialização, argumentam:

A terra não é um elemento entre os outros, ela reúne todos os elementos num mesmo abraço, mas se serve de um ou de outro para desterritorializar o território. Os movimentos de desterritorialização não são separáveis dos territórios que se abrem sobre um alhures, e os processos de reterritorialização não são separáveis da terra que restitui territórios. São dois componentes, o território e a terra, com duas zonas de indiscernibilidade, a desterritorialização (do território à terra) e a reterritorialização (da terra ao território) (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 103).

Nessa abordagem, os autores enfatizam a importância dos dois movimentos espaciais em que a reterritorialização, é consequência do primeiro, desterritorialização, além de ambos estarem ligados ao território. Desse modo, temos a intersecção desses movimentos espaciais com o termo aglutinador des-reterritorialização.

Assim, exploramos até aqui algumas acepções sobre os movimentos de desterritorialização e de reterritorialização. Percebemos, por meio das discussões apresentadas, que esses deslocamentos espaciais acontecem simultaneamente, sugerindo o termo que os aglutinam, a des-reterritorialização. Esse entendimento está calcado no primeiro teorema da desterritorialização de Deleuze e Guattari (1996, p. 41), pois integra o movimento de saída e o de entrada. Com base nessas considerações, entendemos, nesta pesquisa, que o movimento de des-reterritorialização é quando os sujeitos vivenciam as dinâmicas de desterritorialização e reterritorialização.

Feitas essas considerações, reforçamos o objetivo desta pesquisa em estudar os processos de desterritorialização e de reterritorialização dos imigrantes haitianos, verificando as forças que os levaram à saída do Haiti, bem como aquelas que os conduziram à entrada e à reorganização no Brasil, especialmente na capital de Rondônia, Porto Velho. Para isso, estudamos os imigrantes haitianos, um grupo de base da pirâmide social, que devido a questões naturais, políticas e socioeconômicas, estão passando pelo processo de des-reterritorialização. Nesse sentido, no próximo Capítulo, apresentaremos o contexto histórico, socioeconômico e cultural do território de saída, o Haiti, e do de entrada, Brasil (Porto Velho – RO), para melhor compreendermos o modo como os sujeitos vivenciam os movimentos espaciais de desterritorialização e de reterritorialização.

## CAPÍTULO II

### 2. TERRITÓRIOS: SAÍDA E ENTRADA

Como dissemos no capítulo anterior, a mobilidade espacial está ligada a vários fenômenos nas dinâmicas de desterritorialização e reterritorialização. Ela pode ser vivida por vários grupos sociais, como exemplo: os nômades, os vagabundos, os viajantes, os turistas, os imigrantes, os refugiados, dentre outros. Para cada grupo, existem também alguns fatores que conduzem a esses movimentos, como o social, o político, o simbólico-cultural e o natural. Assim, neste capítulo, nosso empreendimento está calcado em discorrer acerca dos territórios de saída e de entrada, os quais os haitianos se deslocaram.

Nessa medida, exploramos o território de saída, o Haiti, alguns traços culturais de seus habitantes, bem como discutimos questões que envolvem o movimento de saída, além de conhecer algumas especificidades dos sujeitos. E, ainda, há explanações a respeito do território de entrada, O Brasil, Rondônia e Porto Velho, para compreendermos o movimento e o território de entrada.

#### 2.1 O território de saída

Conhecer a origem e a história dos imigrantes haitianos faz-se necessário para compreender os movimentos espaciais de desterritorialização e reterritorialização desse grupo social no mundo pós-moderno. Nesse momento, o estudo contemplará os sujeitos dessa pesquisa, bem como o território de saída desse grupo, o Haiti, seus aspectos gerais, contexto histórico e algumas questões simbólico-culturais.

##### 2.1.1 Haiti: dados gerais

O Haiti está localizado na segunda maior ilha do Mar do Caribe, a ilha de *Hispaniola* que fica no arquipélago das Grandes Antilhas, e divide espaço com a República Dominicana, a leste. Porto Príncipe é a capital da República do Haiti. A

população do país, de acordo com os dados do Banco Mundial<sup>6</sup>, é de aproximadamente 10.320 milhões em 2013. Sua superfície é de 27.500 quilômetros quadrados. Seu território está dividido e subdividido politicamente em departamentos, distritos e municípios. Seu clima é tropical e a economia é baseada na agricultura com a produção, principalmente, de frutas e grãos como arroz, o café e o milho.

A maioria da população vive na condição de pobreza e, conforme dados apresentados em 2014 pela Organização das Nações Unidas - ONU, o Haiti apresenta um dos mais baixos índices de desenvolvimento humano do mundo – IDH, com o índice de 0,471, ocupando a 168ª posição. A população em situação de pobreza multidimensional é de 50.16 (%). No quesito Saúde, a expectativa de vida ao nascer é de 63.1. Em relação à Educação, a média de anos de escolaridade é de 4.9. No campo da desigualdade social, o IDH ajustado à Desigualdade (IDHAD) é de 0.285<sup>7</sup>. Com isso, o Haiti carrega o título de país mais pobre das Américas.

O Haiti representa historicamente a primeira república negra do mundo. Sua população é composta em sua grande maioria por pessoas de raça negra, mais de 95% da população (LOUIDOR, 2013, p. 14).

No artigo 5º da Constituição da República do Haiti de 1987<sup>8</sup>, tem-se o seguinte texto: “todos os haitianos estão unidos por uma língua comum: crioulo. Crioulo e francês são as línguas oficiais da República”. Sendo assim, as línguas oficiais do Haiti são o crioulo e o francês, porém, o espanhol e o inglês também são veiculados no país.

Ainda na Constituição da República do Haiti de 1987, em seus artigos 30 e 30-1, o texto diz que todos têm o direito de professar sua religião e seu culto, e que ninguém poderá ser obrigado a fazer parte de associações ou segmentos religiosos contrários às suas convicções. Levando em consideração, também, o decreto de 04 de abril de 2003, sancionado pelo Presidente do Haiti, Jean-Bertrand Aristide, em que reconheceu o vodu como religião e parte da identidade cultural dos haitianos,

---

<sup>6</sup> BANCO MUNDIAL. Disponível em < <http://www.worldbank.org/en/country/haiti>>. Acesso em 14 de setembro de 2014.

<sup>7</sup> PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: < <http://hdr.undp.org/en/countries/profiles/HTI>>. Acesso em 14 de setembro de 2014.

<sup>8</sup> HAITI. LA CONSTITUTION DE LA RÉPUBLIQUE D'HAÏTI DE 1987. Disponível em: <[http://www.sdn.mefhaiti.gouv.ht/lois/CH87/CH\\_TM.php](http://www.sdn.mefhaiti.gouv.ht/lois/CH87/CH_TM.php)>. Acesso em 14 de setembro de 2014.

assim, as principais religiões no Haiti são o vodu de berço africano, o catolicismo que esteve presente desde o início da colonização da ilha *Hispaniola* pelos europeus e o protestantismo que teve influência no período de domínio dos Estados Unidos.

### 2.1.2 Contexto histórico-político

O Haiti, assim como as várias colônias dos países europeus, era uma colônia de exploração, onde suas mais diversificadas riquezas eram transferidas para a Europa. Em meio a essa política de exploração, os autóctones foram massacrados e a ilha de *Hispaniola* subsidiada por escravos oriundos do continente africano.

Em 1492, o navegador Cristovão Colombo descobre o novo mundo, se é que se pode acreditar nessa teoria da descoberta. Colombo chega à ilha onde atualmente se localizam o Haiti e a República Dominicana e, por achar a ilha bela, resolve batizá-la de *Hispaniola* em homenagem à Espanha. A partir do momento da “descoberta”, inicia-se a dominação da região em nome da Coroa Espanhola.

Antes da chegada dos europeus, viviam na região do Haiti e da República Dominicana, as etnias aborígenes dos arawakos e dos taianos que se dedicavam à agricultura e praticavam atividades de caça em prol de seu sustento. Esses autóctones foram os primeiros alvos dos espanhóis, eles foram perseguidos, escravizados e mortos. A dizimação acontecia em ritmo acelerado. Documentos de 1650 revelam que, nesse período, não havia mais sobreviventes ou descendentes de arawakos na ilha de *Hispaniola* (LOUIDOR, 2013, p. 14).

Posteriormente por impasses políticos, a Espanha cedeu para a França em 1697, através do Tratado de Ryswick, a parte ocidental da ilha. Porém, vale lembrar que a França já havia se instalado, entre 1650 e 1670, em *Saint-Domingue*, parte ocidental da ilha denominada pelos franceses. Com a falta de mão de obra ocasionada pela dizimação dos indígenas, inicia-se o tráfico negreiro. Somente no século XVIII, o colonizador trouxe mais de 864.000 escravos negros da África para *Saint-Domingue* (LOUIDOR, 2013, p. 17).

O Haiti se tornou a mais rica colônia do Império Francês, conhecida como *Pérola das Antilhas* devido ao solo fértil e ao clima propício à agricultura, onde se desenvolveu o plantio de cana-de-açúcar, algodão, cacau e café. No entanto, essas

riquezas eram frutos de exploração humana, pois a economia da colônia era sustentada pela mão de obra escrava. Uma minoria francesa mantinha o domínio sobre a grande maioria da população de escravos negros.

Em meio a este clima de exploração, as rebeliões por parte dos escravos eram inevitáveis. Todavia, antes de discutir essa parte histórica, vale ressaltar outro ponto que teve influência decisiva nas revoltas dos escravos: o vodú.

O vodú foi essencial para as rebeliões realizadas pelos escravos. A cerimônia vodú de Bois-Caïman, presidida pelo sacerdote jamaicano Bouckman, deu início à revolução haitiana. Bouckman anunciava um pacto entre os iniciados do Haiti e os grandes espíritos da África em prol da guerra, ele salientou ainda que os deuses pediam vingança e conduzir-lhes-iam e dar-lhes-iam resistência. A luta decisiva foi liderada por Toussaint Louverture, grande herói nacional, a partir de 1791. Ele foi capturado em 1802. Dois anos depois da derrota de Louverture, em 1804, finalmente os escravos negros derrotaram o onipotente exército de Napoleão Bonaparte (LOUIDOR, 2013, p. 17).

A partir da vitória dos haitianos sobre o exército de Bonaparte, o Haiti se tornou símbolo da rebelião contra a escravidão em todo o continente Americano, especialmente na América Latina. Como forma de represália à Revolução Haitiana, em 1804, os escravocratas Americanos e Europeus firmaram um bloqueio naval contra o país revolucionário, isolando-o comercialmente por cerca de 60 anos (JOINT, 1999, p. 21).

As grandes potências, norte-americana e europeia obrigaram o Haiti a pagar uma indenização de 150 milhões de francos em ouro aos proprietários franceses, que perderam suas plantações no país. Essa indenização era muito superior à renda do país que precisou recorrer a empréstimos de banqueiros franceses. O país pagou à França, durante um século e meio (HALLWARD, 2004, p. 26; LOUIDOR, 2013, p. 18-9).

Em 1915, aproveitando o clima de instabilidade política, os Estados Unidos da América ocuparam o Haiti. Com o pretexto de estabilizar o país, os EUA impuseram seu imperialismo, se apropriaram de terras e de recursos financeiros do Banco Nacional do Haiti (HNRH). Nesse período de dominação, também foi inserido no país o protestantismo. Os Estados Unidos da América desocuparam o Haiti em

1934, entretanto, deixaram importantes marcas políticas de sua dominação, como exemplo: a Guarda Nacional que eles criaram durante a ocupação e o apoio ao regime ditatorial de Duvalier (HALLWARD, 2004, p. 26-7; LOUIDOR, 2013, p. 19-20).

Assim, em 1957, temendo que os comunistas de Cuba influenciassem o Haiti em uma aliada à União Soviética, os Estados Unidos da América apoiaram François Duvalier, conhecido como *Papa Doc*, que foi eleito presidente do Haiti. Ele criou uma milícia chamada *Tontons Macoute*, que assegurou a implantação da ditadura militar. A ditadura de Papa Doc foi radical, então passou a perseguir seus inimigos e limitou a liberdade da Igreja Católica. Com uma administração na base da imposição forçada e os grandes escândalos em desvios de recursos do país, François Duvalier conseguiu acentuar a decadência da economia do Haiti que já estava fragilizada, pelas turbulências históricas enfrentadas. Seu filho, Jean-Claude Duvalier (*Baby Doc*), quando substituiu seu pai em 1971, continuou com a mesma sequência de perseguições e de corrupções.

Várias revoltas populares aconteceram pelo descontentamento dos haitianos em relação ao governo de Baby Doc, porém, resistiu até 1986 quando receando uma guerra civil, este fugiu para a França com sua família, colocando fim a uma ditadura que durou cerca de 30 anos. De acordo com Louidor (2013, p. 22), o dia 07 de fevereiro de 1986 foi considerado, por muitos haitianos, como a segunda independência do país. Em 1987, foi elaborada uma nova Constituição democrática e com as reivindicações da população.

Após os governos duvalieristas, os haitianos não viveram um período promissor, pois foram vários golpes de Estado, regimes militares autoritários e o Haiti adentrou cada vez mais em uma crise econômica. Em 1990, Jean-Bertrand Aristide, ex-sacerdote salesiano e louvado pelos moradores dos bairros populares foi escolhido presidente com 67% dos votos populares nas eleições de dezembro. No entanto, em 30 de setembro de 1991, através de um golpe de Estado, foi derrubado por Raoul Cedras com apoio dos EUA, de forças duvalieristas, parte da elite nacional e por membros da hierarquia da Igreja Católica (CHRISTO, 2013, p. 44).

Em 1994, Aristide volta ao poder com apoio de Bill Clinton (Presidente dos EUA) e da Organização das Nações Unidas (ONU), porém não conseguiu conter as



mudanças estabelecidas pelo Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional sobre a abertura comercial e a liberação financeira.

De acordo com Louidor (2013, p. 23-24), de 1994 a 2010, foram elaborados vários documentos de políticas públicas para o Haiti sem consulta à sociedade civil haitiana. Essas políticas adversas para o povo haitiano desencadearam a intensificação da dependência econômica e financeira do país diante das instituições financeiras internacionais. Essas instituições forçaram o Estado a diminuir seus gastos, privatizar empresas públicas e abrir seu mercado sem nenhum subsídio à produção local. E ainda, a instabilidade política gerada por atritos entre diferentes facções políticas no país, com isso levou o Haiti a acolher cinco missões de apoio e manutenção da paz desde 1993, são elas: a Minuha (Missão das Nações Unidas no Haiti), a Manuh (Missão de Apoio das Nações Unidas no Haiti), a Mitnuh (Missão de Transição das Nações Unidas no Haiti), a Miponuh (Missão de Polícia Civil das Nações Unidas no Haiti) e a Minustah (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti) que o Brasil detém o comando. Essas diferentes missões de paz têm sido alvos de críticas e denúncias, pois são acusadas de cometer abusos e violações contra os direitos humanos e aos cidadãos haitianos.

Por fim, esses programas para o desenvolvimento e manutenção da paz haitiana levam à reflexão sobre o que tem sido feito para o país alcançar a independência alimentar, recuperar os recursos naturais, a questão do desemprego, a distribuição de terras que sempre foi um problema para a população haitiana. Através desse pequeno resumo histórico e político, observa-se que o Haiti nunca conseguiu de fato uma independência política, sempre esteve prezo aos *colonizadores*. Não se pode esquecer que este país também foi vítima dos próprios haitianos, por meio da exploração, da corrupção e da ditadura imposta à população haitiana.

### **2.1.3 Elementos identitários haitianos**

Com base nos apontamentos históricos acerca do Haiti, observamos que o domínio do colonizador e das grandes potências mundiais influenciaram na construção de uma identidade haitiana. Assim, os referenciais do colonizador foram

tomados como sinal de ascensão social e de soberania. Ele impôs seus costumes, sistema político, sua língua e religião, discriminando e não levando em consideração a voz, os costumes, a língua e a religião do Outro. De acordo com Said (2007, p. 161)<sup>9</sup>, a visão do colonizador em relação ao Oriente consiste em dizer que “O Ocidente é o ator, o Oriente é um coadjuvante passivo. O Ocidente é o espectador, o juiz e o júri de cada faceta do comportamento oriental”. Desse modo, os haitianos foram vistos, assim como os orientais, isto é, como seres inferiores, marginalizados. No entanto, os haitianos, em meio a tantos atritos históricos, mantiveram resistência em alguns de seus elementos simbólico-culturais, assim como relata Gates Jr (2014, p. 210), “como parte de sua origem histórica e de seu legado cultural, o Haiti continua a ser, até hoje, uma cultura indiscutivelmente negra”, pois mantêm uma forte herança cultural africana.

De acordo com Louis Lesley Marcelin, diretor da Escola Nacional de Artes de Porto Príncipe (*apud* GATES Jr, 2014 p. 217) “tudo o que ele leciona tem raízes africanas, mas todas as tradições musicais ensinadas na escola são claramente haitianas. A música nacional surgiu de uma rica mistura cultural – uma mistura africana”. Marcelin acrescenta:

Muitas etnicidades diferentes vieram da África. [...] E é por isso que temos tantos estilos musicais. Por exemplo, há o daomé, que vem do Benin. Ou veja o nagô, que temos no Norte, em Gonaïves, que vem da Nigéria. Por descendermos de tantos lugares na África, herdamos tudo o que a África tinha a oferecer (MARCELIN *apud* GATES JR, 2014, p. 217).

Nesse contexto, a música haitiana teve sua herança africana e se constituiu por meio de um hibridismo cultural. Assim, dissemos, no capítulo anterior, que a cultura produz sentidos e imaginários que são construídos historicamente com os sujeitos, com os grupos sociais, resultando em identidades. Portanto, a música haitiana faz parte da cultura e da identidade de seu povo, pois carrega traços da essência haitiana.

Assim, a música, a religião e a língua são elementos de identificação e da cultura do povo haitiano. Considerando o contexto cultural e psicológico estabelecido pelos sujeitos por meio do elemento religioso, os indivíduos necessitam de uma

---

<sup>9</sup> Edward W. Said (2007), em *Orientalismo*, chama de Oriente, Oriental ou de Outro, todos aqueles que são discriminados, marginalizados e tidos como inferiores ao Ocidente, ao Colonizador ou às grandes potências mundiais.

linguagem para de fato estabelecerem uma ligação e uma comunicação entre homens e divindade (RODRIGUES, 2008, p. 58). A língua utilizada pelos haitianos é o crioulo e a religião que estamos nos referindo é o vodu. Desse modo, veremos algumas discussões a respeito do crioulo e o vodu para melhor compreendermos o contexto histórico e identitário dos sujeitos haitianos.

### 2.1.3.1 O crioulo

O crioulo ou o crioulo haitiano tem suas bases na língua francesa trazida pelo colonizador europeu e sofreu resistência desde sua origem. O crioulo surgiu como mecanismo linguístico desenvolvido pelos escravos para se comunicarem, como forma de resistência à manipulação e à opressão francesa. Ele está fortemente ligado à história dos escravos, ou seja, dos menos favorecidos do meio social haitiano.

A origem do termo crioulo haitiano se inter-relaciona com a história de seu povo. A seguir, há alguns apontamentos sobre a origem de uma língua crioula, de acordo com Joint (1999):

Originalmente, o termo "crioulo" (*criollo* no espanhol e *crioulo* no Português) geralmente é designado a quaisquer negros nascidos nas colônias. Logo foi aplicado às expressões idiomáticas que foram formados com base nas línguas europeias e essa mistura favoreceu as pessoas que não tinham acesso a uma linguagem comum. Essa linguagem se tornou rapidamente um suficiente meio comum de comunicação entre os vários grupos envolvidos (indígenas, africanos, europeus). Uma característica das línguas crioulas é a conservação de quase todo o léxico da língua de base, compensados por mudanças significativas na gramática e fonética [...] (JOINT, 1999, p. 24, tradução nossa)<sup>10</sup>.

Nesse sentido, uma língua crioula carrega uma bagagem estrutural de uma língua principal, no caso do crioulo haitiano, essa base é a língua francesa. Outro ponto importante é que as línguas crioulas possuem uma semelhança muito forte

<sup>10</sup> À l'origine, le terme <créole> (de l'espagnol *criollo* et du portugais *crioulo*) désignait de manière générale tout Noir né dans les colonies. On ne tarda pas à l'appliquer aux idiomes qui se sont formés sur la base des langues européennes et à la faveur du mélange de populations dépourvues de langue commune. Ces idiomes devinrent assez rapidement les moyens ordinaires de communication entre les divers groupes en présence (autochtones, africains, européens). Caractéristique des langues créoles est la conservation de la quasi-totalité du lexique de la langue de base, compensée par des changements considérables au niveau de la grammaire et de la phonétique [...] (JOINT, 1999, p. 24).

entre si, mais do que com a língua base, como exemplo, a língua portuguesa que é base para o crioulo de Goa e Damão na Índia, Macau na China, Guiné-Bissau e das Ilhas de Cabo Verde na África. Há também o crioulo de base francesa que são próximos do crioulo haitiano, como por exemplo: o crioulo de Martinica, Guiana, Guadalupe, Ilhas Maurícias e Reunião, e, ainda, de alguns países da África equatorial e ocidental (JOINT, 1999, p. 24).

O crioulo tem certa amplitude no território haitiano, através de alguns meios de comunicação. Entre os vários setores em que o crioulo é veiculado, destacam-se as rádios, pois, nesse setor, seu progresso foi incontestável, principalmente, a partir da saída de Jean-Claude Duvalier em 1986. Na capital Porto Príncipe, em meio a quarenta estações de rádios, as principais delas dedicam mais da metade de suas horas para a emissão de sua programação em crioulo, no entanto, as informações são divulgadas concomitantes nas duas línguas, pois não há nenhuma estação de rádio que veicule sua programação somente em francês. A propagação do crioulo na televisão remete ao início da década de 1990. Na atualidade, existe certo equilíbrio nas transmissões das programações da televisão, pois está dividida entre o crioulo, francês e inglês. O jornalismo escrito é principalmente realizado em língua francesa, poucos jornais são emitidos em crioulo (RODRIGUES, 2008, p. 80).

No ambiente familiar, a língua francesa pode ser facilmente vista como referencial. As famílias que têm certo conhecimento desta língua, enfatizam seu uso, porém o crioulo se sobressai. Como aponta Rodrigues (2008):

No seio das famílias, constata-se que os escolarizados tentam falar francês com suas crianças. Esta prática está circunscrita a certos campos do discurso. Ela pode ser limitada às ordens: “vá se lavar”, “vá fazer seu dever”. As conversas mais animadas e divertidas e qualquer outra troca entre familiares são feitas em crioulo (RODRIGUES, 2008, p. 81).

Dependendo da situação de comunicação, como por exemplo, quando um visitante sem ligação com a família se insere em uma dada conversação, a mesma acontece em francês e, posteriormente, de acordo com o entrosamento afetivo, continua em crioulo. O francês é a língua considerada da elite haitiana e ela praticamente não existe nas classes sociais mais baixas (RODRIGUES, 2008, p. 81).

De acordo com Thomaz (2005, p. 137), a língua francesa é considerada um dos mais importantes bem simbólicos no Haiti. Ela é dominada pela elite que a aprendeu nas escolas de Porto Príncipe ou no exterior, diferente do restante da população que fala quase exclusivamente em crioulo. O conhecimento do francês é pré-requisito para os haitianos terem acesso a cargos públicos e de mobilidade social em geral. Com isso, percebemos o grande nível de exclusão que há em relação àquelas pessoas que só dominam a língua crioula. Thomaz (2005) acrescenta:

A incapacidade de falar e de escrever em francês é um dos principais mecanismos de exclusão social: os pobres, sejam eles de origem rural ou urbana estão imersos em um universo que se expressa em crioulo e percebem que todas as portas para a mobilidade social são fechadas (THOMAZ, 2005, p. 137, tradução nossa)<sup>11</sup>.

Assim, percebe-se que, devido a fatores históricos, sociais e, também, políticos, os haitianos têm certo preconceito em relação ao crioulo, considerada língua de baixo prestígio social. Em contrapartida, a língua francesa é vista como mecanismo de ascensão e como língua de alto prestígio social.

O uso do crioulo foi proibido e reprimido nas escolas, em alguns momentos da história haitiana, porém foi ganhando respeitabilidade e, com a Constituição de 1987, poetas, professores e atores populares elevaram seu uso. De acordo com Thomaz (2005), o domínio do crioulo sempre esteve presente entre a sociedade elitizada do Haiti, assim como o vodu:

Deve-se notar que as elites sempre souberam como falar essa linguagem, pois é necessário, a fim de ser capaz de dar um passeio pela rua, ir ao mercado, falar com os empregados, ou entrar em um templo vodu através da porta dos fundos. Embora seja evidente que se trata de uma sociedade dividida entre o "país" e da "cidade", entre Estado e sociedade, é importante ter em mente que os diferentes grupos sociais se constituem em suas inter-relações. Enquanto o uso do francês é um meio de exclusão, é em crioulo que a relação é estabelecida (THOMAZ, 2005, p. 137, tradução nossa)<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> The inability to speak and write in French is one of the main mechanisms of social exclusion: the poor, whether they are of rural or urban origin, are immersed in a universe that expresses itself in Creole, and perceives that all doors to social mobility are closed (THOMAZ, 2005, p. 137).

<sup>12</sup> It should be noted that the elites have always known how to speak this language, for it is necessary in order to be able to take a walk down the street, GO to the market, speak to employees, or walk into a voodoo temple through the back door. While it is evident that this is a society divided between the 'country' and the 'city', between state and society, it is important to keep in mind that the different social groups constitute themselves in their interrelations. While the use of French is a means of exclusion, it is in Creole that the relationship is established (Ibid., p. 137).

O crioulo por muito tempo foi uma língua oral, não havia um registro oficial de seu código linguístico, motivo também, de discriminação por parte de seus falantes, pois viam a língua francesa como referência. Evangelista (2010, p. 08) salienta que “além de bem simbólico dotado de grande prestígio, o domínio da língua francesa significa acesso ao mundo das letras e possibilidade de comunicação com o mundo exterior”.

Rodrigues (2008) aponta a evolução histórica do crioulo de oral para língua grafada:

Em 18 de setembro de 1979 o crioulo é introduzido na escola por decreto presidencial. Em 1980 um manual fixando os princípios da escrita do crioulo haitiano é publicado. Em 30 de março de 1980 o crioulo é decretado língua de ensino e língua ensinada ao longo da escola fundamental. Em 29 de março de 1987 é reconhecido como língua oficial da República do Haiti, ao lado do francês (RODRIGUES, 2008, p. 85).

Assim, desde a Constituição de 1987, o crioulo tem o seu reconhecimento pelas autoridades políticas do Haiti. Existe uma rica literatura proveniente do crioulo, composto por histórias, provérbios, canções populares, poemas, peças de teatro e novelas. O crioulo é falado por todos os haitianos, é o veículo do pensamento e de expressão da cultura haitiana (JOINT, 1999, p. 24).

De acordo com Evangelista (2010, p. 08), o crioulo é a língua nativa de 100% da população haitiana, ela é falada por todas as classes sociais. O crioulo não é muito conhecido fora do Haiti e, assim, é vista como desprestigiada. Não havia uma gramática e uma grafia padrão para ele, era associada somente à oralidade, porém recentemente tem havido empenhos para sistematizá-lo.

### **2.1.3.2 O vodu**

Em religião, o sentir, o viver, o ser religioso que é passível de ser codificado através da linguagem é, em si, um ato de normalização e de abertura ao outro: se a religião necessita de ser expressa em comunicação para outrem, então essa religião já não é a religião do simples indivíduo, mas do grupo que a assume num quadro discursivo específico (RODRIGUES, 2008, p. 58).

Este tópico foi iniciado de maneira atípica com uma citação, justamente para enfatizar, já de início, que a religião é um mecanismo sociocultural de um povo. A linguagem codifica a religião que por sua vez é transmitida aos demais indivíduos

por meio de suas manifestações e de necessidades simbólicas. Desse modo, de acordo com Rodrigues (2008), a religião não é um fenômeno individual, mas social que possui suas vozes, porém, não é aceita por todos os membros de uma comunidade, pois a sociedade é por essência heterogênea.

O vodu é uma prática religiosa que, no Haiti, tem suas bases de resistência, assim como o crioulo, pois foi perseguido desde o período colonial e foi silenciada ao longo de sua história. Sua prática ficou conhecida por ser realizada por pessoas menos favorecidas, mas exercitada, também, pela burguesia haitiana, porém pelos estereótipos, perseguições e preconceitos lançados sobre o vodu, alguns haitianos têm resistência em declararem-se adeptos a ele.

Nesse contexto, Gates Jr (2014) discorre a respeito do vodu:

Todos já tivemos contato com a versão de Hollywood da religião comumente chamada de vodu: zumbis, bonecos espetados com alfinetes, negros com ossos fincados no nariz criando tumulto durante transe assustadores, rituais que culminam com a morte de um porco negro aos berros. Já foi chamada de culto do diabo [...] A religião foi também chamada de magia negra (GATES JR, 2014, p. 223).

O autor salienta que pessoas sem conhecimento a respeito dessa religião de origem africana discriminam e inferiorizam-na a uma representação racista e preconceituosa. Entretanto, o vodu é uma religião complexa, ela é tão sofisticada e sagrada quanto qualquer outra religião (GATES JR, 2014, p. 223).

Mas afinal, o que é e qual a origem do vodu? Essas não são perguntas simples de responder, pois, apesar de existir várias luzes projetadas sobre o tal fenômeno, o investigador, muitas vezes, se vê a navegar em um mar de informações, geralmente, duvidosas, porque o vodu tem manifestações diversas, é ambivalente e ambíguo.

Joint (1999, p. 17) adverte que elaborar uma definição *a priori* de vodu é muito arriscado, porém, convém apontar algumas orientações gerais sobre sua natureza, seu significado, vocação, e acrescenta:

[...] não existe uma definição rigorosa, exata de vodu, justamente por causa da grande diversidade de seus ritos, bem como sua forte tendência para se adaptar às novas realidades. No entanto, podemos dizer, como uma primeira aproximação, que o vodu cultiva a amizade com os espíritos e a

harmonia com a natureza, o ambiente e os arredores (JOINT, 1999, p. 18, tradução nossa)<sup>13</sup>.

O autor chama a atenção para a hibridação que o vodu pode proporcionar devido às suas nuances de ritos e propensão para se adaptar. Assim, faz-se necessário conhecer alguns discursos sobre o vodu, além de compreender sua realidade e, principalmente, sua história que está intrinsecamente ligada à identidade haitiana.

Para comentar um pouco a respeito da origem da tradição do vodu e seus vínculos espirituais, Joint (1999) discorre:

A palavra vodu que proveio da língua de Dahomey, refere-se a espíritos ancestrais ou as *loas*. De acordo com uma longa tradição que remota na concepção dahomeana de divindade, supostamente as *loas* fazem a mediação entre os seres humanos e o Ser Supremo, tanto imanente quanto transcendente, ao princípio e ao fim da criação, mas muito distante dos homens, para que elas possam atender diretamente. Assim, vodu “doutrina da mente e da intuição” lembra das origens (JOINT, 1999, p. 18, tradução nossa)<sup>14</sup>.

Percebe-se que o vodu está ligado a uma relação entre homens, espíritos (*loas*) e uma divindade superior. Joseph (2013) entrevistou Max Beauvoir, líder supremo do vodu no Haiti, que também explica a origem do termo e sua relação histórica com os haitianos:

Max Beauvoir [...] explica que essa é uma tradição cultural e religiosa haitiana que resulta de uma combinação de conhecimentos e práticas ancestrais deixadas pelos africanos (Congo, Dahomey), levados para Hispaniola pelos europeus, e os índios (arawakos e tainos), habitantes originais da ilha. O vodu teve uma importância fundamental na vida da população e, como tradição cultural, integra todas as expressões artísticas autênticas haitianas: os cantos tradicionais, a música, a pintura, a dança etc. Todas as produções artísticas do País - destaca Max Beauvoir, e passam pelo formato que molda a expressão haitiana. Mesmo as expressões profanas, a forma de sentar, de comer, de rir, são moldadas nesse modelo. Como religião, continua (sic), o vodu é a relação que o

<sup>13</sup> [...] il n'existe pas de définition rigoureuse, exhaustive du vaudou, en raison même de la grande diversité de ses rites, ainsi que de sa forte tendance à s'adapter aux conjonctures nouvelles. N'empêche qu'on peut affirmer, en première approximation, que le vaudou proprement dit consiste à cultiver une relation d'amitié avec les génies et d'harmonie avec la nature, l'environnement et l'entourage (JOINT, 1999, p. 18).

<sup>14</sup> Le mot vodoum, dans la langue des Fons du Dahomey dont il derive, désigne les esprits des ancêtres ou *loas*. Selon une longue tradition qui remonte à la conception dahoméenne de la divinité, les *loas* sont censés assurer la médiation entre les humains et l'Être Suprême, à la fois immanent et transcendant, principe et fin de la création, mais trop éloigné des hommes pour que ceux-ci puissent le rencontrer directement. En cela, le vaudou est <une doctrine de l'esprit et de l'intuition>, une réminiscence des origines (Ibid., p. 18).



voduísta estabelece com seu deus. No vodu haitiano, Deus é uma mulher: Yèhwe. Todas as loas são expressões desse deus (JOSEPH, 2013, p. 138).

De acordo com Kawas François, o vodu, em uma visão antropológica, como as demais religiões, procura propor respostas às grandes indagações existenciais, como a essência da vida, a vida depois da morte, existência e a identidade de Deus. Desse modo, a teologia do vodu também assegura a existência de um Deus que, por sua vez, não segue a mesma referência do Deus da comunidade cristã. No vodu, Deus existe e é poderoso, todavia não se amalgama com a história cotidiana dos homens, pois isso é de competência dos espíritos, as *loas*, que estão mais próximas dos humanos e estão inseridas nas coisas do dia a dia (TEIXEIRA, 2013, p. 142).

Sobre a sistemática da religião, os cultos do vodu são realizados nos templos chamados de *hounfo* na zona urbana e também nas áreas comuns das comunidades rurais, denominado *lakou*. Esse último é um espaço de encontro, de comunicação fraterna em que os membros familiares oferecem cultos religiosos a *loas* (JOSEPH, 2013, p. 138).

Um templo do vodu não é fácil de identificar igual aos templos católicos e protestantes. Na maioria das vezes, são casas comuns, no entanto, os templos do vodu são, em números, superiores em relação aos dos católicos e dos protestantes no Haiti. Teixeira (2013) cita alguns levantamentos realizados por François, estudioso do vodu, nas três grandes áreas da capital Porto Príncipe (Delmas, Carrefour e Zona Sul), com mais de 800 mil habitantes, lá havia cerca de 419 *hounfo*, templos do vodu, com 419 *hougan* (sacerdotes), no ano de 2000, entretanto, existiam 24 paróquias da Igreja Católica com média de 25 padres atuando na comunidade (TEIXEIRA, 2013, p. 141).

Teixeira (2013), em entrevista com Kawas François, aponta:

Franois afirma que todas as camadas sociais praticam o vodu no Haiti. Está em vários setores da classe média, em setores da burguesia e do mundo político. “E como historicamente foi marginalizado e identificado como coisa de gente não civilizada, então até hoje os setores mais ‘civilizados’ (se assim podemos dizer), os ocidentalizados, estão com medo de expressar publicamente sua pertença ao vodu” (TEIXEIRA, 2013, p. 140).

Percebe-se nesse discurso, de fato, a resistência de alguns adeptos do vodu em declararem-se praticantes da religião. Porém, esse quadro de restrição perante a sociedade haitiana tem mudado desde 04 de abril de 2003, quando o então Presidente Jean-Bertrand Aristide, por meio de um decreto, reconheceu o vodu como religião, como identidade e parte da cultura haitiana. Esse acontecimento reforçou a presença do vodu em espaço público.

Tal como já foi informando, é possível entender que o crioulo e o vodu trilharam por muito tempo o mesmo caminho turbulento, um se sustentando ao outro. Assim, no histórico haitiano, a língua crioula e as crenças populares foram acoçadas, ridicularizadas, proibidas de serem veiculadas e praticadas. Rodrigues (2008, p. 58) salienta que, diante desse contexto, não era necessário abdicar à força do colonizador, era preciso “conservar o terreiro do vodu como o local onde a língua crioula poderia ser falada livremente, pois só através dela poder-se-ia perpetuar a tradição do vodu, guardando suas histórias, seus segredos, seus ritos”. Por fim, em uma comunidade que tem por tradição uma religião oral que não se sustenta por uma referência a um livro sagrado, assim como o cristianismo se sustenta na Bíblia ou o Alcorão para o islamismo, a língua desempenha uma função essencial que, no caso haitiano, também tinha sua tradição na oralidade. Portanto, através da língua, os haitianos mantiveram vivos seus costumes e suas crenças.

Com base nas considerações das duas últimas seções, percebemos que o vodu e crioulo, por meio do processo histórico, tornaram-se caracteres da cultura haitiana e ambos foram reconhecidos pelas autoridades políticas do Haiti. O sociólogo haitiano Guy Alexandre (*apud* GATES JR, 2014, p. 222) salienta que o reconhecimento do vodu e do crioulo indica que “os haitianos e especialmente a elite haitiana aceitaram suas origens africanas a ponto de nossa origem negra ser parte da cultura nacional”. Desse modo, a língua crioula e a religião vodu oriundas da herança africana são construções realizadas pelo povo haitiano, criado para o Haiti. Portanto, elas são elementos identitários dos haitianos.

#### **2.1.4 A saída**

Neste momento, serão discutidos alguns fatores que possivelmente levaram os haitianos a imigrarem para outros países e, também, para escolherem o Brasil como destino. Há várias abordagens que serão apontadas, visto que essa temática foi questionada aos próprios haitianos, na pesquisa de campo. No entanto faz-se necessário conhecer algumas questões sociais, políticas e naturais que envolvem o processo de desterritorialização dos imigrantes haitianos.

De acordo com S. Silva (2013, p. 04), a imigração haitiana não é um fato recente a 2010, os haitianos têm, historicamente, se deslocados para diversos países, principalmente, para República Dominicana, além de Cuba, Estados Unidos, Canadá, Venezuela, França, Guiana Francesa e países das Antilhas. Esse deslocamento espacial tem sido motivado, principalmente, pela busca de trabalho, desse modo, classificamos este processo como econômico.

Uma questão que pode associar à inclusão do Brasil na rota da imigração haitiana é que os Estados Unidos aumentaram suas restrições para a imigração, principalmente, após o episódio de 11 de setembro de 2001. E, ainda, os Estados Unidos e países europeus vêm enfrentando dificuldades econômicas, assim, deixaram de ser uma atração para os imigrantes caribenhos e da América Latina (SILVA, S., 2013, p. 04).

Cogo (2014, p. 25) também chama a atenção para a crise econômica que atingiu os Estados Unidos e a Europa a partir de 2008 e aponta como fatores que despertaram os interesses dos haitianos, a realização de grandes eventos no Brasil acompanhado de suas obras, como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Nesse sentido, o Brasil tornou-se opção para novos imigrantes. Esses eventos também fomentaram o interesse de retorno dos próprios brasileiros que estavam em Portugal, Japão e Estados Unidos.

O Haiti vive grande instabilidade na política interna, acompanhada pelos altos índices de violência, pela pobreza e pela falta de alimentos. A falta de alimento no país estaria associada à política de exportação e importação, pois os haitianos importam a maior parte da comida que consomem (FERNANDES, 2010, p. 01). Allegri (2013, p. 09) lembra que, em 1970, o Haiti era quase autossuficiente na produção de alimentos, pois produziu 95% dos alimentos que consumia, porém, na atualidade, importa cerca de 50% dos alimentos destinados a seu consumo.

S. Silva (2013, p. 04-05) chama atenção, também, a outros fatores que podem ter contribuído para o processo de saída, ou seja, a emigração haitiana, tais como: fatores estruturais, redirecionamento de recursos, conflitos internos envolvendo corrupção e poder, a falta de oportunidade de emprego e, em uma análise geral, a falta de serviços básicos para a população haitiana.

O Haiti, antes mesmo do terremoto de 2010, já vinha sofrendo com fenômenos naturais. Por exemplo, o Haiti foi intensamente atingido por furacões e tempestades, entre agosto e setembro de 2008, que acarretaram em inúmeras mortes e prejuízos estimados em US\$ 1 bilhão. Na ocasião, foram registradas 793 mortes, entretanto, os mesmos furacões, Fay, Gustav, Anna e Ilke, atingiram também a ilha de Cuba. Em outubro de 2012, o furacão Sandy atingiu o Haiti, matou 54 pessoas e 21 ficaram desaparecidas e, ainda, em Cuba, 11 pessoas foram mortas vítimas de Sandy (ALLEGRI, 2013, p. 09).

Há quem diga que a imigração haitiana para o Brasil foi oriunda do pós-terremoto que atingiu o país em 2010. Desse modo, uma contextualização é necessária para uma melhor análise desse discurso. No dia 12 de janeiro de 2010, pouco antes das 17 horas, um terremoto de magnitude 7,3 da escala Richter atingiu a região metropolitana de Porto Príncipe, ou seja, a região mais populosa do país. O hipocentro do terremoto foi a uma profundidade de 10 km, perto da superfície da terra, este foi considerado o terremoto mais forte a atingir o país em 200 anos. Seus efeitos foram devastadores e sentidos nos departamentos de Oeste, Sudeste e Nippes e, ainda, 80% da cidade de Léogâne acabaram destruídas. Cerca de 15% da população do Haiti, o equivalente a 1,5 milhão foram afetados diretamente pelo sismo. De acordo com um levantamento nacional realizado meses após o terremoto, mais de 300 mil pessoas morreram, 1,3 milhão de haitianos estavam vivendo em abrigos temporários, mais de 600 mil pessoas deixaram as áreas atingidas e foram para outras regiões do país<sup>15</sup>.

O pós-terremoto comprometeu a infraestrutura do Haiti. Uma média de 105 mil casas totalmente destruídas e mais de 208 mil danificadas. Cerca de 1.300

---

<sup>15</sup> INTERNATIONAL RECOVERY PLATFORM. Números oficiais apresentados pelo Post Disaster Needs Assessment – PDNA. Disponível em: <[http://www.recoveryplatform.org/assets/publication/Action\\_Plan\\_12April\\_haiti.pdf](http://www.recoveryplatform.org/assets/publication/Action_Plan_12April_haiti.pdf)>. Acesso em 19 de setembro de 2014.

instituições de ensino e mais de 50 hospitais e centros de saúde desmoronaram. O principal porto do país ficou inutilizado. Os principais prédios da administração pública ficaram destruídos, como o parlamento, tribunais e o palácio presidencial<sup>16</sup>.

De fato, o terremoto de janeiro de 2010 foi responsável por agravar ainda mais o quadro das dificuldades sociais e econômicas no Haiti. Assim, o Brasil e outros países se mobilizaram para gerenciar assistência humanitária ao país, porém o desenvolvimento dessas ações pressupõe, também, um discurso com um olhar político no âmbito internacional.

A assistência humanitária, a participação e a presença do Brasil no Haiti como líder da Minustash, também, podem ser vistas como fatores que proporcionaram a imigração para o Brasil. Entretanto, a presença militar do Brasil no Haiti desperta dois discursos: de um lado, há a assistência ao país que necessita de ajuda para se recompor, por outro lado, há o posicionamento político do Brasil diante da política internacional. Todavia, esses pontos serão abordados mais adiante.

Portanto, esses fatores naturais, políticos e econômicos supracitados, e, ainda, levando em consideração, o percurso histórico do Haiti até a atualidade, que foram discutidos nesse capítulo, ocasionaram a imigração haitiana para diversas partes do globo. Assim, o Brasil aparecendo na mídia internacional como um país emergente, com economia crescendo e necessitando de mão de obra indispensável para o desenvolvimento de grandes projetos de construção, com certeza, contribuem para um olhar diferenciado dos haitianos em relação ao Brasil, pois é visto como uma linha de fuga às dificuldades vivenciadas no Haiti e como um mecanismo econômico para a guinada das vidas dos imigrantes haitianos e de suas famílias.

## **2.2 O território de entrada**

A primeira parte desse capítulo foi destinada a explorar o Haiti e seu povo, dentro de um contexto histórico, político, econômico e natural. Esta segunda parte é

---

<sup>16</sup> INTERNATIONAL RECOVERY PLATAFORM. Números oficiais apresentados pelo Post Disaster Needs Assessment – PDNA. Disponível em: <[http://www.recoveryplatform.org/assets/publication/Action\\_Plan\\_12April\\_haiti.pdf](http://www.recoveryplatform.org/assets/publication/Action_Plan_12April_haiti.pdf)>. Acesso em 19 de setembro de 2014.

destinada a uma breve explanação sobre o território de entrada, alguns sucintos apontamentos a respeito do contexto histórico do Brasil, de Rondônia e de Porto Velho que se posicionam como territórios de entrada nessa pesquisa.

A título de esclarecimento, estamos apontando Rondônia e sua capital, Porto Velho, como territórios de entrada, pois uma leva de imigrantes haitianos entrou e permaneceu em Porto Velho. Todavia, explicaremos adiante que a imigração haitiana, a título de Brasil, iniciou-se pelos estados do Amazonas e do Acre. Assim, estamos trabalhando Porto Velho como território de entrada e de reterritorialização dos nossos entrevistados.

### **2.2.1 O Brasil**

O Brasil é considerado um país emergente e, de acordo com dados apresentados em 2014 pela Organização das Nações Unidas - ONU, ele apresenta Índice de Desenvolvimento Humano – IDH de 0,744, desse modo, ocupando a 79ª posição. Sua população está estimada em aproximadamente 200,36 milhões de habitantes. No quesito Saúde, a expectativa de vida ao nascer é de 73,94. Sobre a Educação, a média de anos de escolaridade é de 7.18. A população em situação de pobreza multidimensional é de 3,06 (%). Sobre a desigualdade social, o IDH ajustado à Desigualdade (IDHAD) é de 0.542<sup>17</sup>.

Na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em seu Art. 13º, consta o seguinte texto: “A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”, assim, apesar de que o país possua inúmeras línguas indígenas e línguas oriundas do africano, o Estado brasileiro considera oficial, somente, a língua portuguesa. E, ainda, em seu Art. 19, inciso I, diz que é vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios estabelecerem “cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada,

---

<sup>17</sup> PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/countries/profiles/BRA>>. Acesso em 14 de setembro de 2014.

na forma da lei, a colaboração de interesse público”, com isso, o Estado brasileiro é considerado *laico* <sup>18</sup>.

Faz-se necessário falar sucintamente sobre a história e colonização do Brasil para compreender um pouco a respeito da formação do Estado brasileiro, bem como da formação de seu povo. A história inicial do Brasil não é muito distante da história haitiana. Assim como o Haiti, o Brasil foi uma colônia de exploração, na qual sua mão de obra era composta por indígenas e por escravos africanos.

Com a expansão marítima comercial do século XV, de acordo com a história, a expedição de Pedro Álvares Cabral procurava uma rota para o Oriente, distanciando-se da costa africana, navegando no sentido oeste, chegou, em 1500, a um território novo, que viria a ser denominado de Brasil. Esse episódio ficou conhecido, historicamente, por *descobrimto do Brasil*, porém, esse discurso não leva em consideração que a terra já era habitada por autóctones que possuíam seus costumes, suas línguas, suas crenças (CHAUNU, 1984, p. 137-140).

Entre 1500 e 1530, a Coroa Portuguesa não demonstrou interesse em garantir a posse das terras, pois percebeu que não conseguiria lucro de imediato, enviou-lhe limitadas expedições nesse período. Em 1530, Portugal envia a primeira expedição comandada por Martim Afonso de Souza, com o objetivo de ocupar as terras *descobertas*, explorar o território, procurar ouro, combater aos invasores e para fazer o reconhecimento geográfico. Em 1532, Martim Afonso fundou a vila de São Vicente, a primeira vila do Brasil. Assim, com esses episódios, inicia-se a colonização do país. A colônia brasileira iniciava com a exploração do pau-brasil e com o cultivo da cana-de-açúcar. Com uma rentabilidade maior, Portugal abandona a atividade de extração do pau-brasil, que até então era um produto de grande interesse no comércio, e implanta a empresa açucareira (BRUNO, 1967, p. 17-21).

De início, no século XVI, os portugueses, agindo da violência, escravizaram os indígenas para trabalharem nas empresas açucareiras que se instalavam na região, porém os aborígenes mantiveram-se resistentes à escravidão, assim iniciou-se a dizimação de várias etnias. Isso aconteceu por conflitos com os portugueses,

---

<sup>18</sup> BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA - CASA CIVIL. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em 23 de setembro de 2014.

pelo trabalho forçado, por doenças trazidas pelos europeus, dentre outros fatores. Portugal, visando encontrar formas alternativas de trabalho, optou pela escravidão africana.

Do século XVI ao Século XIX, foram trazidos milhões de escravos para o Brasil. Ao longo de todo esse período os escravos tentaram reagir contra a escravidão e isso gerou vários conflitos entre colonizadores e escravos. Enquanto o Haiti teve sua independência em 1804, motivada por revoltas e lutas dos escravos, o Brasil permaneceu com conflitos e revoltas em prol da abolição da escravatura até o dia 13 de maio de 1888, período imperial, quando a escravidão foi abolida pela Lei Áurea (BOSI, 1992, p. 233-245).

No período colonial, o Brasil teve algumas invasões como a holandesa no nordeste brasileiro, a francesa no Rio de Janeiro e Maranhão, além do domínio da colônia pela Cora Espanhola. Esses fatores, em uma visão cultural, contribuíram para a construção de uma identidade local e, também, nacional.

Dando um salto do período colonial para os séculos XIX e XX, falando sobre a questão da migração brasileira, Cogo (2014, p. 25) salienta que o Brasil é conhecido, no contexto dos movimentos migratórios internacionais, como um país de emigrantes, pois leva em consideração a saída de brasileiros, principalmente, para os Estados Unidos, Japão, Portugal e Paraguai na década de 1990. Entretanto, em seu histórico, o Brasil também é reconhecido como um país de imigração que, na primeira metade do século XIX, recebeu perto de cinco milhões de imigrantes estrangeiros, oriundos, especialmente da Itália, de Portugal, da Espanha, da Alemanha e do Japão, bem como grupos de imigrantes não tão expressivos como: sírio-libaneses, russos, poloneses e austríacos.

Por fim, não foram explorados nesse trabalho todos os fatores históricos do período colonial, muito menos, se expôs sobre a história do império e da república brasileira. Prendeu-se em fazer abordagens a respeito do período colonial para comparar as semelhanças com a história haitiana, que foi trabalhada na primeira parte deste capítulo. Assim, pode-se ter uma visão da formação do povo brasileiro que tem por sua essência inter-relacionada com o indígena, o africano e o europeu.



### 2.2.1.1 Influência africana no Brasil

Faremos uma breve exposição a respeito de algumas contribuições da cultura negra na composição de elementos do imaginário e da identidade do povo brasileiro.

Mendonça (1973) ressalta que a distribuição dos escravos negros no período colonial brasileiro se estendeu pela faixa litorânea desde São Vicente ao Maranhão, e também para o interior “em todos os centros de atividade agrícola ou mineradora, quer os do planalto meridional quer os do sertão do norte” (MENDONÇA, 1973, p. 40). O autor ainda afirma:

[...] a procedência dos negros brasileiros é da África superequatorial e meridional, ou melhor, sudanesa e bantu. Ambas as correntes tiveram elevado coeficiente numérico. Dos sudaneses vieram as nações mais importantes da Bahia: Jalofos, Mandingas, Fulos, Haussás, Jarubas ou Nagôs, Achanti e Gêges ou Ewes. [...] Negros bantu foram os Angolas, Congos ou Cabindas, Benguelas, Cassanges, Bángalas ou Inbángalas, Dembos, Macuas e Anjicos. Predominaram os bantu no sul do Brasil: Estado do Rio, Minas, S. Paulo, bem como no norte: Pernambuco e Maranhão (MENDONÇA, 1973, p. 37).

Com essa pequena amostra, vimos que foram trazidos para o Brasil negros de diversas regiões da África e essa distribuição ao longo do país fez parte da política escravocrata imposta por Portugal. O colonizador adotou um sistema que misturava as famílias e os grupos étnicos na tentativa de impossibilitar a comunicação entre os escravos e evitar rebeliões na colônia brasileira.

Assim, esses vários grupos étnicos africanos trouxeram contribuições para a língua brasileira. Mendonça (1973) discorre sobre a influência africana no português do Brasil. Ele diz que as línguas africanas deixaram traços na sintaxe, na morfologia e na fonética. O autor ressalta que há influências na estrutura e no som de algumas palavras pronunciadas pelos brasileiros. Ele também aponta termos africanos usados no vocabulário e utilizados pelos escritores brasileiros, como exemplo: acarajé, babá, banguela, batucar, cachimbo, cachaça, caçula, dendê, denço, engambelar, fubá, maxixe, muamba, papagaio, quiabo, quilombo, tanga, tutu, vatapá, dentre outros (MENDONÇA, 1973, p. 51-175).

As religiões afro-brasileiras apareceram primeiramente na periferia urbana, pois os escravos podiam se movimentar e organizar seus ritos. Posteriormente se espalham pelas demais partes do país e receberam os mais variados nomes, como

exemplo o Candomblé, Umbanda, Quimbanda, Catimbó, Tambor de Minas, Xangó, Batuques e outras. Dessas, o Candomblé é a religião afro-brasileira mais tradicional, surgiu no Nordeste. Ele nasceu na Bahia, tem sido cultuado desde longa data e é “sinônimo de tradições religiosas afro-brasileiras em geral” (JENSEN, 2001, p. 02-03). A título de esclarecimento, não vamos aprofundar nos estudos dessas religiões, mas veremos, em síntese, a origem destas e alguns de seus caracteres.

A respeito da herança religiosa, Jensen (2001) salienta:

Entre as tradições religiosas africanas que exerceram influência nas religiões afro-brasileiras, os cultos aos Orixás e Voduns foram de capital importância. Orixás e Voduns são divindades dos grupos da Nigéria e Benin que falam Yorubá e Jeje. Na África cada divindade preside um aspecto da natureza e uma família em particular (JENSEN, 2001, p. 02).

Como já foi dito, o colonizador adotou uma política escravocrata na colônia brasileira em que os grupos étnicos foram separados para evitar a comunicação entre os escravos, a fim de impossibilitar o surgimento de revoltas. Assim, as divindades tornaram-se protetoras dos escravos que viviam separados de seus grupos na colônia brasileira. Os escravos africanos desenvolviam festas para os Orixás e Voduns que envolviam “possessões de divindades e sacrifícios de animais” (JENSEN, 2001, p. 02).

As crenças africanas, no Brasil, tiveram que passar por uma moldagem com outras religiões, principalmente, com o catolicismo. Jensen (2001) discorre que “os Voduns e Orixás foram justapostos com os santos católicos e o interior dos terreiros possuía numerosos elementos católicos, incluindo estátuas de santos, enquanto os objetos religiosos africanos eram escondidos”. Com isso, percebemos que as religiões afro-brasileiras eram proibidas e perseguidas, assim, seus fieis buscavam constantemente caminhos para fundir as crenças dos Orixás e as práticas do terreiro com os rituais católicos, na tentativa de sobreviverem.

Na história brasileira, as religiões oriundas da África eram concebidas como baixo espiritismo, assim, ficava explícito o preconceito social lançado sobre seus praticantes, pois, geralmente, pertenciam às camadas mais pobres da sociedade brasileira (JENSEN, 2001, p. 03).

Com base nessas considerações apontadas até o momento, percebemos que as religiões afro-brasileiras trilharam caminhos parecidos com o vodu no Haiti, pois

foram perseguidos, apontados como culto de pessoas não civilizadas e discriminadas socialmente. Tiveram que se amalgamar com outras religiões para se manterem acesas na colônia. Gates Jr (2014, p. 223) salienta que o candomblé, no Brasil, a santería, em Cuba, e o vodu, no Haiti, são misturas de religiões europeias. Essas misturas foram necessárias para garantir a sobrevivência dessas crenças nas colônias da América.

A respeito do folclore do Brasil, Mendonça (1973) ressalta elementos da magia africana nos costumes dos brasileiros:

A magia africana perdurou, pois, nas camadas populares, com uma insistência notável e as <simpatias> fazem parte das nossas superstições familiares.

A macumba no Brasil tomou incremento extraordinário principalmente no século passado, em que suas capitais eram a Bahia e o Rio (MENDONÇA, 1973, p. 76).

Mendonça (1973) discorre que a feitiçaria negra “sofreu influxo do cristianismo, o qual longe de alterar a essência passou por uma adaptação, pois o catolicismo dos nossos negros era um batismo aplicado a seus *orixás*, daí em diante chamados santos”. O autor argumenta que na atualidade a magia africana se encontra em “franca deturpação, vítima do charlatanismo grosseiro, gêmea do baixo espiritismo”. Contudo, percebemos que elementos da magia africana nos credos brasileiros transcendem até a atualidade (MENDONÇA, 1973, p.74-76).

Portanto, procuramos mostrar algumas contribuições herdadas dos escravos africanos na cultura brasileira. Não nos aprofundamos em descrever esses elementos, pois nosso objetivo é estudar os movimentos de desterritorialização e de reterritorialização dos haitianos, mas achamos necessário apontar alguns atributos da cultura negra no Brasil. Assim, não poderíamos deixar de mencionar que, ainda, temos contribuições na culinária, na literatura, nas músicas populares, no esporte, como exemplo a capoeira. Por fim, percebemos que a identidade do povo brasileiro também carrega em sua nuance contribuições oriundas da África. Em relação ao Haiti, não podemos dizer que nossas religiões afro-brasileiras se estendem a toda população, muito menos podemos dizer que temos uma língua criada para o povo brasileiro a partir de seus escravos, mas podemos ressaltar que herdamos muitos traços das culturas africanas na constituição sociocultural brasileira.

## 2.2.2 O estado de Rondônia

O estado de Rondônia faz parte dos 26 estados da República Federativa do Brasil, sua população, de acordo com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE<sup>19</sup>, em 2014, é de 1.748.531 milhão de habitantes e possui área territorial de 237.590, 547 milhões de km<sup>2</sup>. O estado possui 52 municípios e sua capital é Porto Velho. Rondônia faz limite ao Norte e ao Nordeste com o estado do Amazonas, ao Sul e ao Oeste com a República da Bolívia, à Leste e ao Sudeste com o estado do Mato Grosso e ao Noroeste com os estados do Acre e do Amazonas.

A respeito do desenvolvimento político administrativo de Rondônia, Teixeira e Fonseca (2001, p.162-164) discorrem que com o progresso da região e com o crescimento econômico e demográfico, no dia 13 de setembro de 1943, o Presidente da República, Getúlio Vargas, criou o Território Federal do Guaporé e mais quatro territórios para garantir a segurança das fronteiras, a saber: Ponta Porã, Iguazu, Rio Branco e Amapá.

Em 17 de fevereiro de 1956, o Território Federal do Guaporé passa à denominação de Território Federal de Rondônia em homenagem ao sertanista Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, como relata Menezes (1981):

Como justa homenagem seu nome foi atribuído, pela Lei 2.731, de 17 de fevereiro de 1956, assinado pelo Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira ao antigo Território Federal do Guaporé. Também pelo Decreto nº 435 de 14 de abril de 1965 - assinado pelo Gov. José Manoel Lutz da Cunha e Menezes, foi criada a condecoração Medalha Mérito Marechal Rondon (MENEZES, 1981, p. 37).

Em 22 de dezembro de 1981, foi criado o estado de Rondônia, com áreas desmembradas do estado de Mato Grosso e Amazonas. Naquele momento, o estado continha 13 municípios: Porto Velho, Guajará-Mirim, Ariquemes, Jaru, Ouro Preto do Oeste, Ji-Paraná, Presidente Médici, Cacoal, Pimenta Bueno, Espigão do Oeste, Colorado do Oeste, Costa Marques e Vilhena (TEIXEIRA; FONSECA, 2001, p. 177-9).

---

<sup>19</sup> BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em 21 de setembro de 2014.

### 2.2.2.1 Contextualização histórica de Rondônia

Falar historicamente do estado de Rondônia, também é falar de Porto Velho, pois parte da história da capital está intrinsecamente ligada à história do estado. A colonização do estado de Rondônia ocorreu por vários fatores. Assim, serão apontados os principais episódios de sua história.

A chegada dos jesuítas foi o marco inicial da migração rondoniense. Eles vieram para catequizar os índios. Em 1687, Gomes Ferreira de Andrade, governador da capitania do Pará, solicitou aos jesuítas a fundação de missões na região do Rio Madeira. De acordo com Oliveira (1998), em 1723 e 1728, o padre João Sampaio fundou a aldeia de Santo Antônio na primeira das cachoeiras do rio Madeira.

Com a descoberta de ouro na região, a Coroa Portuguesa, com o objetivo de proteger a região do Madeira e do Guaporé, criou a capitania de Mato Grosso e Cuiabá em 1748, abrangendo a maior parte de terras do atual estado de Rondônia. Para garantir a posse da região do Guaporé e auxiliar aos navegantes portugueses, Portugal construiu uma fortificação no lado direito do Guaporé, entre 1776 e 1783, denominada de Forte Príncipe da Beira. Entretanto, a fortaleza teve vida curta, pois com a queda do imperialismo castelhano, com o declínio da mineração e com o abandono da rota fluvial do Madeira, Mamoré e Guaporé, o Forte Príncipe entrou em decadência e a região se despovoou e ficou abandonada até meados do século XIX, sendo tombado historicamente em 30 de novembro de 1937 (SILVA, 1984, p. 35-36).

Outros fatores importantes para o surgimento e desenvolvimento do estado foram o primeiro e o segundo ciclo da borracha, pois desencadearam a migração de um contingente populacional natural, em sua grande parte, do nordeste brasileiro. Eles fugiam da seca que assolava o sertão entre 1877 e 1879. Oliveira (1998, p. 34) também ressalta que, a mão de obra utilizada para a extração do látex da Amazônia era proveniente de diversas partes do Brasil e do Mundo. Os dois ciclos da borracha promoveram um forte crescimento populacional e econômico para a região do Madeira-Mamoré, visto que recebeu vários migrantes para trabalhar nos seringais, os conhecidos soldados da borracha.

Em 1907, o governo brasileiro em acordo com o governo boliviano, objetivando viabilizar o escoamento da borracha e dos demais produtos do leste boliviano, dos vales do Mamoré e Guaporé, a partir daí iniciou a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré para vencer o trecho encachoeirado do Rio Madeira. Nesse mesmo ano, com a crescente comercialização da borracha, o governo pretendeu ligar Santo Antônio do Alto Madeira ao restante do país, assim foi nomeada a Comissão Rondon que integrou a vila à Cuiabá, no estado do Mato Grosso, através da linha telegráfica.

A exploração de cassiterita e a atividade de garimpo também contribuíram para a colonização e desenvolvimento do estado de Rondônia. De acordo com Silva (1984), a garimpagem começou em 1959, crescendo no início da década de 1960. Desde seu início, desencadeou um forte progresso na região, pois a economia aumentava e, conseqüentemente, crescia a circulação de dinheiro. No ano de 1960, a produção de cassiterita foi de 49 toneladas, porém, nos próximos anos, seu crescimento foi intensificado, pois, em 1962, produziu-se 678 toneladas. Após dez anos, na década de 1972, a produção foi de 2.794 toneladas; com esse aumento na produção, o Brasil havia se tornado autossuficiente e começou a exportar o minério.

No ano de 1971, houve uma interferência do governo federal, pois ele determinou que a exploração das jazidas fosse mecanizada através de empresas. Esse acontecimento gerou grandes revoltas à população de garimpeiros, todavia, o fechamento do garimpo proporcionou, mais tarde, elevadíssimos lucros, visto que as indústrias instaladas na região criaram vilas operárias que empregaram mais de 20.000 pessoas.

O ex-governador do Território Federal de Rondônia, Paulo Nunes Leal, solicitou ao presidente Juscelino Kubistchek, em 1960, a averiguação da necessidade de construção de uma rodovia para ligar o Território do Guaporé ao restante do país. Assim, deu início à construção da BR 29, que mais tarde passou a ser chamada de BR 364. Ela caminhou pelas picadas das linhas telegráficas construídas por Marechal Rondon. Segundo Oliveira (1998, p. 64-6), existiam povoados nas margens das linhas telegráficas, como a Vila de Rondônia, atual Ji-Paraná, Jaru, Ariquemes e Pimenta Bueno. Com a abertura da BR 364, começou o crescente desenvolvimento das vilas, causados pelas notícias de terras férteis e

baratas; esse fato desencadeou um avanço migratório desordenado em terras da União e particulares.

Nesse contexto, o Governo Federal juntamente com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA implantaram os Projetos de Integração e Colonização (PIC'S) na década de 1970. Os projetos assentaram milhares de famílias nas regiões de Ouro Preto D'Oeste, Cacoal, Rolim de Moura, Colorado D'Oeste e Ariquemes.

No século XXI, o estado de Rondônia passa por mais dois processos migratórios: um processo movido pela construção de duas Usinas Hidroelétricas no Rio Madeira, Santo Antônio e Jirau, que resultaram em um deslocamento considerável de brasileiros para o estado e, que por sua vez, fomentou a economia local; e o outro movimento ocasionado pela imigração haitiana.

Esses processos históricos proporcionam o surgimento, a colonização e o desenvolvimento do estado de Rondônia. Eles servem de referência para traçar um perfil de sua população. Assim, Rondônia possui uma população heterogênea que carrega uma bagagem cultural de várias regiões do Brasil e do mundo. Ele é um estado novo, não possui uma identidade cultural própria, pois dialoga com referenciais simbólico-culturais de seus imigrantes. Sua população está construindo uma identidade e, na atualidade, passa por novos processos de imigração que podem contribuir para sua construção cultural.

### **2.2.3 Porto Velho**

Porto Velho, a capital do estado de Rondônia, de acordo estimativas do IBGE, tem uma população de aproximadamente 494.013 mil habitantes em 2014. Uma área de 34.096,388 milhões de km<sup>2</sup>. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 2010 (IDHM 2010) era de 0,736<sup>20</sup>.

Falar-se-á sucintamente sobre a história de Porto Velho, visto que os principais fatores que desenvolveram o estado de Rondônia correspondem à história da capital. No final da década de 1890, o povoado de Santo Antônio teve algumas

---

<sup>20</sup> BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em 21 de setembro de 2014.

prosperidades. A produção da borracha estava crescendo, vapores chegavam e atracavam nas proximidades do povoado. Começavam os comércios voltados para o atendimento aos seringais. O povoado foi transformado em vila. Entre 1907 e 1912, foi construída a Ferrovia Madeira Mamoré que contornou o trecho encachoeirado do Madeira. Porém, o ponto inicial da ferrovia foi construído a sete quilômetros rio abaixo da vila de Santo Antônio e surgiu então um novo núcleo de povoamento, a cidade de Porto Velho (TEIXEIRA; FONSECA, 2001, p. 105).

De acordo com Teixeira e Fonseca (2001, p. 139), para a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré que ligou Guajará-Mirim a Porto Velho, foram recrutados trabalhadores provenientes dos estados brasileiros e estrangeiros que, além de trabalharem na construção da ferrovia, foram aproveitados também em diversos outros momentos históricos, como para trabalharem nos seringais, na construção da linha telegráfica e na demarcação territorial do atual estado de Rondônia.

Porto Velho foi uma cidade projetada e construída pela empresa americana Madeira Mamoré Railway Company em meio à selva amazônica para atender aos trabalhadores da ferrovia. Teixeira e Fonseca (2001) destacam sobre a estrutura inicial da cidade de Porto Velho:

Além das edificações de uso propriamente industrial foram construídas residências, alojamentos, usina de geração de eletricidade, sistema de telefonia, captação de água, hospital, porto fluvial, armazém para o abastecimento dos funcionários, lavanderia e até uma fábrica de biscoitos e outra de gelo (TEIXEIRA; FONSECA, 2001, p. 143).

Assim, em 4 de junho de 1907, Porto Velho foi fundada pela construtora americana de Percival Farquar que, afinal, conseguiu concluir as obras da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Já, em 02 de outubro de 1914, foi oficializada pela Assembleia Legislativa do Amazonas como município, visto que sua região pertencia a esse estado. No entanto, em 1943, com a criação do Território Federal do Guaporé, Porto Velho passa a ser sua capital<sup>21</sup>.

Na atualidade, século XXI, a capital de Rondônia passa por um novo ciclo de imigração e econômico proporcionados pela construção das Usinas de Santo Antônio e de Jirau. Essas grandes obras, em Porto Velho, proporcionaram um

---

<sup>21</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO VELHO. Dados sobre a história de Porto Velho. Disponível em: <<http://www.portovelho.ro.gov.br>>. Acesso em 22 de setembro de 2014.



deslocamento populacional instantâneo para sua região, pessoas de diversas áreas do país migraram para trabalharem nas obras das Usinas. Concomitante a esse movimento espacial de pessoas, acontece a imigração haitiana. Imigrações essas que certamente contribuirão para um hibridismo cultural na região.

Porto Velho, assim como o estado de Rondônia, possui uma população heterogênea e isso se reflete na identidade e na cultura de seu povo. Seu folclore é fortemente vinculado ao nordeste brasileiro, tradições como o Boi-Bumbá, quadrilhas e Pastorinha estão presentes na capital de Rondônia. O folclore local também é interpretado por lendas indígenas, como as do Iara, do Boto e do Mapinguari.

Fez-se um levantamento sobre as principais religiões de Porto Velho. Os dados foram selecionados do IBGE (2010) e organizados na Tabela 01:

**Tabela 01 – Amostra das principais religiões em Porto Velho**

<b>Religião</b>	<b>Frequência</b>
Católico Apostólico Romano	207.296 mil
Evangélico	138.587 mil
Espírita	4.855 mil

**Fonte: IBGE (2010)<sup>22</sup>**

A tabela acima foi construída com dados obtidos através de pesquisas realizadas pelo IBGE (2010) em que verificaram a religião da população de Porto Velho. Entre os dados coletados, encontraram-se os três principais segmentos religiosos: católicos, evangélicos (Protestantes) e espíritas. Em uma análise geral, pode-se afirmar que a grande maioria da população da capital é católica.

Por fim, esses breves apontamentos a respeito do estado de Rondônia e de sua capital, Porto Velho serviram para conhecer um pouco do território de entrada dos imigrantes haitianos, visto que a capital é também uma rota de passagem dos imigrantes que adentram ao país através do estado do Acre, entretanto, muitos permanecem em Porto Velho. Falar da história da capital de Rondônia é falar sobre a história de seu povo, portanto, nesse contexto, a migração haitiana também começa a fazer parte da história de Porto Velho.

<sup>22</sup> Tabela construída pelo autor da pesquisa de acordo com os dados obtidos no INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em 21 de setembro de 2014.

#### 2.2.4 A entrada

A imigração haitiana no Brasil, mais precisamente na Região Amazônica, se intensificou no início de 2010, logo após o terremoto que destruiu parte do Haiti. Os estados do Amazonas e do Acre foram portas de entrada para essa imigração. Com a vinda da primeira leva de haitianos para o Brasil, buscaram-se alguns questionamentos sobre como assegurar direitos mínimos aos imigrantes.

De acordo com S. Silva (2013, p. 03) os primeiros imigrantes haitianos solicitaram o reconhecimento como refugiados para as autoridades das fronteiras brasileiras, porém os refugiados têm necessidades urgentes, como alimentação, habitação, emprego, assistência jurídica para exercer alguns direitos de cidadão. Pensou-se no refúgio que é um direito garantido pela Lei nº. 9.474/97 que define os mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951. Desse modo, temos em seu texto:

Art. 1º Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que:

I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país;

II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior;

III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país<sup>23</sup>.

Contudo, os imigrantes haitianos que chegaram ao Brasil não se enquadravam em nenhuma das três opções de refugiados expressos no artigo acima. O Governo brasileiro deveria tomar uma atitude, pois existiam milhares de haitianos na fronteira aguardando um posicionamento. O Brasil não poderia recusar a entrada desses imigrantes, pois, afinal, desde 2004, ele tinha assumido o controle da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah) e não permitir a entrada desses imigrantes poderia resultar em desgastes políticos de âmbito internacional.

---

<sup>23</sup> BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA - CASA CIVIL. Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9474.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9474.htm)>. Acesso em 20 de setembro de 2014.

Logo mais, o desfecho dessa questão acima será retomado, pois, nesse momento, é preciso verificar os trâmites políticos desenvolvidos pelo Brasil em relação à migração haitiana. Com o intuito de legalizar a situação dos imigrantes haitianos, em 12 de janeiro de 2012, o Conselho Nacional de Imigração criou, em caráter especial, a Resolução Normativa nº 97 que dispõe sobre a concessão de visto permanente aos nacionais do Haiti, em decorrência do terremoto ocorrido em 12 de janeiro de 2010, porém, a Embaixada do Brasil em Porto Príncipe iria intermediar na liberação dos vistos. A Resolução limitava os vistos em 1.200 por ano, por um período de dois anos, correspondendo a uma média de 100 concessões por mês. Ela foi revogada pela Resolução Normativa 102, de 25 de abril de 2013, e prorrogada por doze meses pela Resolução Normativa nº 106, de 24 de outubro de 2013<sup>24</sup>.

A partir da Resolução Normativa nº 97, os vistos deveriam ser emitidos no Haiti pela Embaixada Brasileira. Desse modo, de acordo com Costa (2012, p. 92), o Governo Brasileiro, com essa resolução, decretou o fechamento das fronteiras e a suspensão dos vistos que vinha concedendo aos imigrantes que estavam nas fronteiras, pois teriam que se regularizarem na Embaixada Brasileira no Haiti. Entretanto, voltando à questão levantada no início desse tópico, o Brasil deveria tomar um posicionamento, pois havia haitianos em Tabatinga, estado do Amazonas, na tríplice fronteira do Brasil com a Colômbia e Peru, e, também, na cidade de Brasiléia, estado do Acre, fronteira entre Brasil e Peru e, ainda, haitianos que estavam no trajeto para o Brasil. Assim, o Governo brasileiro autorizou a concessão de vistos imediatamente aos imigrantes que estavam nas fronteiras do país.

Esse direcionamento político tomado pelo Governo brasileiro em legalizar a situação da imigração haitiana está inter-relacionada a uma política bilateral. A presença militar do Brasil no Haiti e a concessão de vistos aos haitianos despertam dois discursos: o primeiro, de forma direta, expressa a assistência ao país que necessita de ajuda para se recompor; já o segundo, indiretamente está associado ao posicionamento político do Brasil diante da política internacional.

---

<sup>24</sup> BRASIL. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Resolução Normativa nº 97, 102 e 106. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br>>. Acesso em 20 de setembro de 2014.

Fernandes (2010) sustenta esses discursos afirmando que a missão para estabelecer a ordem e a paz no Haiti, por parte do Governo brasileiro, poderia ser benéfica por duas questões:

A primeira e principal, do ponto de vista haitiano, seria a tentativa de promover o próprio bem estar da sociedade afetada a qual necessita urgentemente de auxílio, e o segundo seria a importância, para a política externa brasileira, de reforçar sua relação com outros países na ordem multilateral (FERNANDES, 2010, p. 03).

Diniz (2005) também sustenta a tese acima. Segundo o autor, a disposição brasileira de participar e liderar a Missão das Nações Unidas de Estabilização do Haiti (Minustah), que foi criada pela Resolução nº 1.542, em 30 de abril de 2004, teria outro discurso além de ajudar o Haiti a se estabelecer. Ele aponta:

O governo brasileiro tem claramente a intenção de obter um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas, e, embora as autoridades diplomáticas brasileiras relutem em publicamente ligar a participação brasileira na Missão e o objetivo do assento permanente no Conselho, há relatos na imprensa de declarações de diplomatas de outros países que afirmam ser essa participação a “prova de fogo” da candidatura do Brasil ao assento permanente (DINIZ, 2005, p. 90-91).

Esses fatores, de alguma forma, motivaram a política brasileira em relação à imigração haitiana, ela foi regularizada pelo Governo brasileiro, porém não se esperava que o processo migratório tomasse tamanha proporção. Os haitianos que primeiro chegaram ao Brasil estabeleceram redes sociais e familiares contribuindo para o acolhimento de inúmeros outros haitianos.

Com essas explanações, vimos alguns elementos sociais, políticos, econômicos e culturais a respeito do contexto haitiano e determinados fatores que possivelmente contribuem para a desterritorialização. Fizemos também levantamentos a respeito do território de entrada, o Brasil, o estado de Rondônia e sua capital, Porto Velho, além de algumas questões políticas que favoreceram a imigração haitiana para o Brasil. Desse modo, fizemos discussões que contextualizaram o território de entrada e saída para melhor compreensão dos movimentos espaciais vivenciados pelos haitianos. Assim sendo, no próximo capítulo, temos os dados de nossa pesquisa de campo em que analisamos, de acordo com a visão dos imigrantes, os processos de desterritorialização e de reterritorialização.

## CAPÍTULO III

### 3. OS MOVIMENTOS NA PERSPECTIVA DOS SUJEITOS

O nosso objetivo, neste capítulo, foi o de apresentar e discutir os dados coletados em nossa pesquisa. Procuramos analisar o perfil dos imigrantes entrevistados para melhor compreendermos como se dão os processos de desterritorialização e reterritorialização na visão desses sujeitos.

Antes de expormos os resultados deste estudo, comentaremos sobre o percurso metodológico adotado na coleta dos dados, bem como na configuração da pesquisa. Fizemos uma pesquisa de campo etnográfica e qualitativa, com a utilização de questionários escritos e entrevistas gravadas.

O questionário consistiu em trinta e cinco perguntas as quais, por consulta prévia aos imigrantes, elaboramos opções de respostas, entretanto, deixamos um espaço em aberto, caso os informantes optassem em acrescentar uma resposta diferente das listadas no questionário. O questionário foi dividido em três partes: a primeira contemplou o estudo do perfil dos sujeitos; na segunda parte, procuramos verificar o processo de desterritorialização na visão do sujeito; e o terceiro momento contemplou o processo de reterritorialização.

A pesquisa foi aplicada, entre os dias 17 e 27 de junho de 2014, nos bairros São Cristóvão e Liberdade, pois havia uma grande concentração de imigrantes haitianos residindo nessas localidades.

Com isso, foram entrevistados vinte e cinco imigrantes haitianos, distribuídos em quinze do sexo masculino e dez do sexo feminino. Vale ressaltar que, de início, nosso objetivo era entrevistar dez informantes do sexo masculino e dez informantes do sexo feminino que estivessem residindo em Porto Velho, Rondônia, em um período igual ou superior a um ano, pois, desse modo, teríamos uma amostra de imigrantes já em processo de reterritorialização e também informantes que pudessem dialogar em língua portuguesa (LP).

Assim sendo, foram descartados, de início, os informantes que estavam no município em um período inferior a um ano, especialmente, imigrantes do sexo masculino, totalizando cinco informantes. Porém, tivemos dificuldades em encontrar

informantes do sexo feminino que estivessem dispostos a contribuir com a pesquisa e que falassem em língua portuguesa. Desse modo, utilizamos todas as entrevistas dos informantes do sexo feminino, inclusive, daqueles que estavam na cidade em um período inferior a um ano. Por fim, mantivemos parte da proposta inicial e utilizamos as informações de vinte imigrantes haitianos: dez homens e dez mulheres.

### 3.1 O perfil dos imigrantes

Neste primeiro item, apresentaremos o perfil dos imigrantes haitianos entrevistados em Porto Velho, pois, como vimos no Capítulo I, para tratarmos da desterritorialização e da reterritorialização, precisamos conhecer quem são os sujeitos. Todavia, já dissemos que os sujeitos são os imigrantes haitianos e, também, no Capítulo II, fizemos uma contextualização histórica desses imigrantes no território de saída. Desse modo, nesse momento, abordaremos, especificamente, os imigrantes haitianos que estão vivendo as dinâmicas espaciais tratadas nesta pesquisa.

Assim, com as perguntas de 01 a 08 do questionário, traçamos algumas informações a respeito dos informantes. Os haitianos entrevistados do sexo masculino residem na cidade de Porto Velho em um período de um ano e dois meses a quatro anos. Já, os informantes do sexo feminino residem de oito meses a três anos na capital de Rondônia. Vale lembrar que a imigração haitiana intensificou-se em 2010, desse modo, conseguimos informantes que moram, em Porto Velho, desde essa data, ou seja, entrevistamos alguns imigrantes que foram os primeiros a chegarem no Brasil.

**Tabela 02: Faixa etária dos haitianos**

			Sexo					
			Masculino		Feminino		Total	
			Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Faixa etária</b>	1	18 e 19 anos	0	0%	0	0%	0	0%
	2	20 a 24 anos	1	10%	1	10%	2	10%
	3	25 a 29 anos	1	10%	2	20%	3	15%
	4	30 a 39 anos	7	70%	6	60%	13	65%
	5	40 a 49 anos	0	0%	0	0%	0	0%

6	50 a 59 anos	1	10%	1	10%	2	10%
7	60 anos ou mais	0	0%	0	0%	0	0%
		10	100%	10	100%	20	100%

Fonte: o autor da pesquisa.

A respeito da faixa etária dos imigrantes entrevistados, percebemos que é um grupo que está ativo e propício ao mercado de trabalho, pois sua grande concentração está distribuída em pessoas de 25 a 39 anos. A faixa etária dos entrevistados está distribuída da seguinte forma (ver Tabela 02): 10% dos homens têm entre 20 e 24 anos; outros 10% têm entre 25 e 29 anos; 70% dos homens têm entre 30 e 39 anos; e, por fim, 10% dos homens têm entre 50 e 59 anos. As mulheres estão distribuídas em: 10% têm entre 20 e 24 anos; 15% têm entre 25 e 29 anos; 65% apresentam entre 30 e 39 anos; e outros 10% entre 50 e 59 anos.

Na Tabela 03, temos informações a respeito do estado civil dos imigrantes haitianos. Os dados apontam que 30% dos homens e 60% das mulheres disseram que são casados, o que corresponde ao total de 45% dos entrevistados. No entanto, 40% dos homens e 20% das mulheres salientaram morar com companheiro, isso equivale a 30% dos informantes, mas não são casados oficialmente, ou seja, têm uma união estável. Por fim, 30% dos homens e 20% das mulheres afirmaram que estão solteiros, o que corresponde a 25% dos informantes em uma análise geral.

**Tabela 03: Estado civil dos haitianos**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Estado civil	Casado (a)	3	30%	6	60%	9	45%
	União estável	4	40%	2	20%	6	30%
	Solteiro (a)	3	30%	2	20%	5	25%
	Total	10	100%	10	100%	20	100%

Fonte: o autor da pesquisa.

O nível de instrução dos imigrantes entrevistados variou muito, pois encontramos de haitianos não escolarizados até imigrantes com ensino superior incompleto. Desse modo, conseguimos as informações que estão expressas na Tabela 04. Assim, em uma análise comparativa entre homens e mulheres, temos: 80% dos homens salientaram que possuem o ensino básico completo, enquanto

30% das mulheres fizeram a mesma afirmação; 40% das mulheres disseram que têm o ensino superior incompleto e, as áreas que estavam se qualificando foram a de Sociologia, Consultoria e Tecnologia da Informação, todavia, não tivemos informantes do sexo masculino com esse grau de instrução; 10% dos homens e 30% das mulheres salientaram que têm o ensino básico incompleto; e, por fim, 10% dos homens afirmaram que não são escolarizados, entretanto, não obtivemos informantes do sexo feminino para esse nível de escolaridade.

**Tabela 04: Nível de instrução dos haitianos**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Nível de instrução</b>	Não escolarizado	1	10%	0	0%	1	5%
	Ensino básico incompleto	1	10%	3	30%	4	20%
	Ensino básico completo	8	80%	3	30%	11	55%
	Ensino superior incompleto	0	0%	4	40%	4	20%
	Total	10	100%	10	100%	20	100%

Fonte: o autor da pesquisa.

Investigamos qual é a religião dos imigrantes. Com os dados coletados, construímos a Tabela 05:

**Tabela 05: Religião dos haitianos**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Segmento religioso</b>	Católico	2	20%	0	0%	2	10%
	Protestante	8	80%	10	100%	18	90%
	Total	10	100%	10	100%	20	100%

Fonte: o autor da pesquisa.

No Capítulo II, vimos que o catolicismo foi implantado na ilha de *Hispaniola* pelo colonizador europeu no século XV e o protestantismo inserido com a dominação dos Estados Unidos no século XX. Assim, por meio dos dados da Tabela 05, podemos dizer que 10% dos informantes pertencem ao catolicismo e 90% ao protestantismo.



Investigamos também sobre as línguas faladas pela comunidade haitiana. Mussalim e Bentes (2005, p. 28-9) salientam que a língua revela o próprio ser humano, pois através da linguagem é possível identificar o sexo, a idade, a origem geográfica, a escolaridade, o nível social e econômico dos indivíduos. Desse modo, podemos fazer a alusão de que a língua faz parte da cultura e, ainda, da bagagem identitária de um povo. Pensando na parte linguística, investigamos quais línguas os haitianos falavam e dominavam no Haiti. Encontramos a predominância de quatro idiomas segundo os informantes, a saber: o francês, o crioulo, o espanhol e o inglês.

É importante lembrar que trabalhamos com dados declarados pelos informantes e que não fizemos uma acareação para verificarmos se realmente esses imigrantes falam as línguas apontadas, pois esse foco de estudo não é objetivo desta pesquisa. Assim, com os dados coletados, organizamos a Tabela 06 e algumas orientações são fundamentais para melhor compreendê-la. Como alguns informantes disseram que dominam mais de uma língua, optamos em organizar a tabela por idioma falado, ou seja, cada idioma tem uma amostra geral dos dez informantes de cada sexo, logo, na amostra total, temos as referências dos vinte informantes para cada língua mencionada.

Nesse contexto, analisando a Tabela 06, temos as seguintes informações: 90% dos homens e 90% das mulheres disseram que compreendem e falam o francês; 100% dos homens e 100% das mulheres disseram que compreendem e falam o crioulo; 90% dos homens e 40% das mulheres salientaram que compreendem e falam espanhol; 30% dos homens e 30% das mulheres disseram que compreendem e falam o inglês.

**Tabela 06: As línguas no Haiti**

		Sexo								
		Masculino			Feminino			Total		
		N. Infor.	Freq.	%	N. Infor.	Freq.	%	N. Infor.	Freq.	%
<b>Línguas faladas e compreendidas no Haiti</b>	Francês	10	9	90%	10	9	90%	20	18	90%
	Crioulo	10	10	100%	10	10	100%	20	20	100%
	Espanhol	10	9	90%	10	4	40%	20	13	65%
	Inglês	10	3	30%	10	3	30%	20	6	30%

**Fonte: o autor da pesquisa.**

Os dados supracitados nos levam a alguns questionamentos, pois temos o francês e o crioulo como as principais línguas apontadas pelos imigrantes e de acordo com os estudos de Rodrigues (2008), cerca de 5% da população do Haiti fala francês, que é considerada língua de prestígio social, utilizada na administração (Governo), em escolas, na universidade e por uma pequena elite haitiana. No entanto, como vimos no Capítulo II, 100% da população haitiana falam o crioulo (EVANGELISTA, 2010, p. 08; JOINT, 1999, p. 24) que é considerada a língua baixa, usada no dia a dia, nas conversas particulares, nas telenovelas, nas relações com as pessoas comuns, língua considerada como *inferior*. O crioulo teve sua posição social de língua oficial alcançada há pouco tempo, porém o francês continua ocupando o *status* de idioma de prestígio (RODRIGUES, 2008, p. 66-67). O certo é que, através de nosso questionamento sobre quais línguas falavam e compreendiam no Haiti, conseguimos abstrair o crioulo que faz parte da essência da identidade haitiana, pois 100% dos informantes disseram falar e compreender esse idioma.

Mussalim e Bentes (2005) comentam a respeito da capacidade de operar com regras variáveis. De acordo com as autoras, indivíduos de baixa escolarização, que exercem atividades com aptidões manuais e não intelectuais, não desenvolvem a capacidade de operar com regras variáveis e acrescentam: “como lhe são vedadas as possibilidades de adaptar seu estilo às circunstâncias de interação, a língua que usam acaba representando uma poderosa barreira a todo tipo de ascensão social que dependa de capacidade verbal” (MUSSALIM; BENTES, 2005, p. 61). Assim, percebemos que a língua pode ser uma barreira social e os imigrantes, de certa forma, veem o crioulo como uma língua inferior e o francês como língua de prestígio.

Com efeito, vimos que 90% dos homens e, também, 90% das mulheres disseram que falam e compreendem o Francês (ver Tabela 06). Levando em consideração os estudos de Rodrigues (2008, p. 66-67) em que o francês é a língua de prestígio social falada por cerca de 5% da população haitiana e cruzando com as informações sobre o nível de escolaridade de nossa pesquisa em que 80% dos informantes não chegaram ao ensino superior (ver Tabela 04) e, para tornar ainda mais crítica a situação, cerca de 25% dos entrevistados não completaram o ensino básico, assim, questionamos as afirmações sobre o domínio do idioma francês pelos

informantes. Contudo, tentamos compreender esse posicionamento pelo fato de o francês ser a língua de prestígio no Haiti e os informantes, isentando-se do sentimento de inferioridade, fora de seu país, afirmaram ter domínio de tal idioma. Calvet (2002, p. 79), falando sobre variação e atitudes linguísticas, salienta que é por considerar o próprio modo de falar com pouco prestígio que a pessoa tenta imitar, de modo exagerado, as formas que ele acha prestigiosas. Podemos vincular essa afirmação às declarações dos imigrantes, pois eles veem o idioma francês como língua de prestígio, de poder no Haiti, desse modo, dizem dominá-la.

Entretanto, na Tabela 06, o idioma espanhol foi apontado por 90% dos homens e 40% das mulheres ou, em uma amostra geral, por 65% dos entrevistados. Também são números considerados que podem ser justificados, talvez, pelo compartilhamento da fronteira geográfica com a República Dominicana que tem o espanhol como língua oficial e, ainda, adiantando alguns dados de nossa pesquisa (ver Tabela 13), em que 45% dos entrevistados disseram que antes de imigrarem para o Brasil, estavam na República Dominicana e não no Haiti. Contudo, o estudo mais aprofundado desse ponto poderá ser tema para futuras pesquisas que não serão tratadas nesse trabalho.

Não podemos deixar de comentar sobre a língua inglesa apontada por 30% dos homens e 30% de mulheres (ver Tabela 06). Novamente não nos aprofundamos a esse estudo, mas considerando a questão histórica discutida no Capítulo II, a qual o Haiti teve influência política dos Estados Unidos, e, também, adiantando dados da próxima questão (ver tabela 07) em que 10% dos entrevistados salientaram que têm familiares residindo nos Estados Unidos e no Canadá, países em que têm o uso do idioma inglês, essas respostas podem, de alguma forma, cobrir as lacunas sobre a afirmação do domínio desse idioma pelos haitianos.

**Tabela 07: País que reside a maioria da família**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Residência da maioria da família</b>	Haiti	8	80%	9	90%	17	85%
	Haiti, EUA e Canadá	1	10%	0	0%	1	5%
	Haiti e Rep. Dominicana	0	0%	1	10%	1	5%
	EUA	1	10%	0	0%	1	5%

<b>Total</b>	10	100%	10	100%	20	100%
--------------	----	------	----	------	----	------

**Fonte: o autor da pesquisa.**

Indagamos aos haitianos onde mora a maioria dos membros de sua família e obtivemos as seguintes informações (ver Tabela 07): 80% dos homens e 90% das mulheres disseram que seus familiares moram no Haiti; 10% dos homens e nenhuma das mulheres salientaram que a maioria dos membros de sua família reside no Haiti, Estados Unidos (EUA) e Canadá; nenhum dos homens e 10% das mulheres afirmaram que seus parentes moram no Haiti e na República Dominicana; 10% dos homens e nenhuma das mulheres disseram que seus familiares vivem nos EUA. Nessa pequena amostra de 20 informantes, percebemos que os haitianos têm familiares por vários países, o que nos levou a constatar que o processo migratório haitiano não é um acontecimento recente e boa parte de sua população está em constante processo de desterritorialização e de reterritorialização.

### **3.2 Dados da desterritorialização**

Neste item, apresentaremos os dados coletados a respeito do movimento de desterritorialização na visão dos imigrantes haitianos. Assim, reiteramos que o movimento de desterritorialização pode ser ocasionado por vários fatores como, por exemplo: questões econômicas, políticas, naturais e culturais. Esses elementos levam os sujeitos a buscarem uma linha de fuga e isso consiste em desterritorializar. Vimos, no Capítulo I, que a desterritorialização não é a perda do território, pois, na passagem de um território a outro, os sujeitos não perdem suas territorialidades, e sim levam consigo as representações culturais de seu território, sua memória nacional, além das identificações individuais.

Para analisar o processo de desterritorialização dos imigrantes haitianos fizemos indagações com as questões de 09 a 15. É importante lembrar que, em alguns casos, não é possível estudar a desterritorialização sem levar em consideração o processo de reterritorialização, como vimos no Capítulo I. Verificaremos, a seguir, os dados coletados que envolvem os sujeitos e o processo de saída.

Perguntamos aos haitianos o que vieram fazer no Brasil e dentre as várias respostas que tivemos, elaboramos resumidamente a Tabela 08. Entre as diferentes declarações, a palavra *trabalho* ou *trabalhar* esteve presente em dezessete discursos.

Detalhando os dados da Tabela 08, temos 90% dos homens e 80% das mulheres entrevistados salientaram que o principal motivo de estarem no Brasil era para conseguir trabalho; nenhum dos homens e 10% das mulheres afirmaram que vieram para ajudar a família; 10% dos homens e nenhuma das mulheres disseram que vieram para o Brasil a passeio e resolveram ficar; nenhum dos homens e 10% das mulheres ressaltaram que imigraram para o Brasil para acompanhar o cônjuge.

**Tabela 08: Motivo dos haitianos terem imigrado para o Brasil**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>O que veio fazer no Brasil?</b>	Trabalhar	9	90%	8	80%	17	85%
	Ajudar a família	0	0%	1	10%	1	5%
	Passeio e resolveu ficar	1	10%	0	0%	1	5%
	Acompanhar o cônjuge	0	0%	1	10%	1	5%
	Total	10	100%	10	100%	20	100%

Fonte: o autor da pesquisa.

Selecionamos os discursos de alguns informantes e os transcrevemos. Enumeramos as transcrições (Ex.: T01, T02, T03...) para melhor discutir e fazer as citações necessárias nesse trabalho. Assim, apontamos o depoimento de três informantes do sexo masculino e três do sexo feminino.

Informantes do sexo masculino:

(T01) – Eu venho a trabalhar... para ajudar meu família (Informante 01);

(T02) – Venho aqui para trabalhar e melhorar minha vida mesmo (Informante 02);

(T03) – Venho aqui buscar trabalho... aqui é melhor que o Haiti (Informante 14).

Informantes do sexo feminino:

(T04) – Eu vim trabalhar, para ajudar a família... tenho filho e quero que venha para cá, no Brasil (Informante 08);

(T05) – Porque uma coisa passou em Haiti, aí muita coisa perdeu todo o dinheiro, comércio perdeu... não há pessoa para ajudar, eu vim aqui... (Informante 09);

(T06) – Eu vim aqui porque meu esposo está aqui, é pai da minha filha... trabalhar, sim! (Informante 19).

Com esses discursos e os dados da Tabela 08, percebemos que o território brasileiro é visto pela maioria dos entrevistados como um elemento econômico ou, como disse Haesbaert (2012, p. 40) sobre a dimensão econômica, o território é visto “como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho”. Assim, trabalhar e ajudar a família alude ao ganho de capital para se subsidiar e, também, auxiliar a família que ficou no Haiti.

Para verificar o tempo de residência em Porto Velho e analisar o processo de desterritorialização, investigamos há quanto tempo os imigrantes estão em Porto Velho. Através das respostas obtidas chegamos as seguintes informações: os informantes do sexo masculino estão no Brasil em um período de um ano e dois meses a três anos e seis meses; já os informantes do sexo feminino estão em um período de oito meses a três anos.

Com o intuito de verificar os motivos que levaram os imigrantes a saírem de seu país, indagamos “Por que saiu de seu país?”. Com as respostas obtidas fizemos a Tabela 09 e, em análise, observamos que: 50% dos homens e 30% das mulheres apontaram o terremoto como principal motivo. Assim, temos a influência natural ou da dimensão natural. Haesbaert (2012, p. 40-41) salienta que essa dimensão “se refere ao comportamento ‘natural’ dos homens em relação ao seu ambiente físico” e, nesse caso, como consequência, temos o movimento de saída, a desterritorialização.

**Tabela 09: Motivo dos haitianos terem emigrado do Haiti**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Por que saiu de seu</b>	Terremoto	5	50%	3	30%	8	40%
	Desemprego	3	30%	3	30%	6	30%

<b>país?</b>	Terremoto e desemprego	2	20%	2	20%	4	20%
	Desemprego e acompanhar o cônjuge	0	0%	1	10%	1	5%
	Economia ruim e busca de uma vida melhor	0	0%	1	10%	1	5%
	<b>Total</b>	10	100%	10	100%	20	100%

**Fonte: o autor da pesquisa.**

Ainda, na Tabela 09, tivemos: 30% dos homens e 30% das mulheres disseram que foi por causa do desemprego, nesse ponto, temos a dimensão econômica, ou seja, a busca por trabalho e melhores condições de vida desencadearam o processo de desterritorialização; 20% dos homens e 20% das mulheres afirmaram que foi por causa do terremoto e, também, pelo desemprego, com esses dados temos a junção da dimensão natural e da econômica. Nenhum dos homens e 10% das mulheres apontaram o desemprego e para acompanhar o cônjuge, aqui também temos a influência econômica e das redes sociais; nenhum dos homens e 10% das mulheres disseram que a economia de seu país estava ruim e saiu em busca de uma vida melhor, novamente o predomínio da dimensão econômica. Por fim, podemos apontar o terremoto de 2010 e o desemprego como os principais motivos que levaram os haitianos a saírem de seu país, contribuindo para o processo de desterritorialização.

Perguntamos para os imigrantes por que decidiram imigrar para o Brasil e não para outro país do Caribe, considerando a distância entre o Brasil e o Haiti. Como salientamos em momentos anteriores, fizemos uma consulta prévia à comunidade de imigrantes haitianos em Porto Velho e fechamos o questionário com algumas opções, tais como: “Apoio do Governo brasileiro”, “Maiores oportunidades de emprego”, “Desenvolvimento econômico do Brasil”, “Valorização da moeda brasileira em relação à haitiana”, “Apoio de amigos e parentes” e “Outros”. Com as variadas respostas obtidas, elaboramos a Tabela 10.

A mobilidade espacial está diretamente ligada aos sujeitos que propõem e aos que exercem tal dinâmica espacial. Nesse caso, os sujeitos que vivem essa mobilidade são os imigrantes haitianos. Haesbaert (2012, p. 238) salienta que o migrante é parcela integrante, ou seja, está em busca de integração das relações de trabalho e, como percebemos na Tabela 10, as proposições do autor se confirmam,

pois 40% dos homens e 60% das mulheres disseram que escolheram o Brasil por ter maiores oportunidades de emprego. Ainda, 20% dos homens e nenhuma das mulheres falaram que tiveram apoio do governo brasileiro, nesse caso, temos também a influência política. Tivemos também os seguintes dados: 30% dos homens e 20% das mulheres afirmaram que gostaram do Brasil; 10% dos homens e nenhuma das mulheres afirmaram que o Brasil é um país que gosta do Haiti; nenhum dos homens e 10% das mulheres disseram que vieram acompanhar o cônjuge; nenhum dos homens e 10% das mulheres não responderam. Em uma análise geral, 50% dos entrevistados salientam que no Brasil há maior oportunidade de emprego.

**Tabela 10: Motivo dos haitianos pela escolha do Brasil**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Por que o Brasil e não outro país do Caribe?</b>	Maior oport. de emprego	4	40%	6	60%	10	50%
	Apoio do gov. brasileiro	2	20%	0	0%	2	10%
	Gosto do Brasil	3	30%	2	20%	5	25%
	É um país que gosta do Haiti	1	10%	0	0%	1	5%
	Acompanhar o cônjuge	0	0%	1	10%	1	5%
	Não respondeu	0	0%	1	10%	1	5%
<b>Total</b>		10	100%	10	100%	20	100%

Fonte: o autor da pesquisa.

Além dos dados referenciais da Tabela 10, em conversas com os haitianos, transcrevemos alguns discursos dos informantes quando indagamos por que escolheram o Brasil e não outro país do Caribe, visto a grande distância espacial do Brasil em relação ao Haiti.

Registramos os discursos de quatro imigrantes do sexo masculino:

(T07) – Porque o Brasil está muito bom! Oportunidades! (Informante 01);

(T08) – Porque eu não gostei, passei pelo Panamá, passei pelo Peru e não gostei (...) Equador, Peru, Panamá, Panamá-Peru, República Dominicana também (informante 13);

(T09) – Porque... aqui está mais fácil para entrar e aqui todo haitiano gostou! O país tem muito imigração! Gostei do Brasil (Informante 14);

(T10) – Eu vim para trabalho... e ganhar dinheiro! (Informante 16).



Transcrevemos também as falas de duas haitianas:

(T11) – Por que o marido está aqui e também tenho visto! (Informante 19);

(T12) – Para trabalhar... só aqui no Brasil eu gostar, venho para cá... (Informante 08).

Com esses dados, percebemos que a força desterritorializadora que impulsiona o deslocamento espacial está ligada às dinâmicas econômica, natural e política. Assim, compreendemos também, nas transcrições T09 e T10, que o governo brasileiro influenciou na imigração haitiana com a liberação de vistos, colocando o Brasil como uma linha de fuga para os haitianos. Deleuze e Parnet (1987, p. 135-6) salientaram que uma sociedade é definida por seus pontos e seus fluxos de desterritorialização. Os grandes deslocamentos geográficos da história são linhas de fuga e é sempre sobre uma linha de fuga que nós criamos, pois compomos um plano de consistência diante da realidade. Os autores fazem alusão entre a linha de fuga e o ato de fugir que remete a um mecanismo de defesa, a uma arma que, nesse caso, também está associada à reconstrução, ou seja, a dinâmica da reterritorialização.

Investigamos se os imigrantes tiveram alguma ajuda financeira para imigrarem para o Brasil. Com essa indagação, tentamos verificar as relações financeiras dentro da rede familiar que se enquadra na rede social e pode contribuir para a desterritorialização. Com as informações coletadas, constituímos a Tabela 11:

**Tabela 11: Financiamento da imigração haitiana**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Teve ajuda financeira para imigrar para o Brasil?</b>	Sim	7	70%	6	60%	13	65%
	Não	3	30%	4	40%	7	35%
	<b>Total</b>	10	100%	10	100%	20	100%

**Fonte: o autor da pesquisa.**

Analisando a Tabela 11, temos: 70% dos homens e 60% das mulheres disseram que tiveram ajuda financeira para imigrarem para o Brasil; todavia, 30% dos homens e 40% das mulheres disseram que não. Requena Santos (1998, p. 653,

tradução nossa) aponta que a rede social “é um conglomerado finito de indivíduos ou grupos de indivíduos e das relações estabelecidas entre ambos”<sup>25</sup>. Desse modo, há uma relação financeira entre os imigrantes para auxiliar no processo migratório, relação essa que transcende o seio familiar, visto que os informantes apontaram como colaboradores: os pais, irmãos e irmãs, primo, tia, esposa e esposo, e, até mesmo, amigos.

**Tabela 12: Problemas enfrentados no percurso para o Brasil**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Teve algum problema quanto à migração para o Brasil?</b>	Sim	2	20%	5	50%	7	35%
	Não	8	80%	5	50%	13	65%
	<b>Total</b>	10	100%	10	100%	20	100%

Fonte: o autor da pesquisa.

Pesquisamos se os haitianos tiveram algum problema quanto à migração para o Brasil e com as respostas obtidas elaboramos a Tabela 12. Nela, observamos que 20% dos homens e 50% das mulheres disseram que tiveram problemas quanto à migração para o Brasil e percebemos que as mulheres, em relação aos homens, foram alvos de exploração. Perguntamos ainda, qual foi o problema e em qual país ele aconteceu. Entre as respostas impetradas, tivemos uma ocorrência de problema na Bolívia e seis ocorrências no Peru, destes, três informantes disseram que foram roubados pela polícia peruana. Por fim, 80% dos homens e outros 50% das mulheres disseram que não tiveram problemas.

Verificando o processo de saída, perguntamos aos haitianos por onde passaram até chegar ao Brasil. O nosso principal objetivo, com essa pergunta, era identificar o território onde esses imigrantes estavam antes de se deslocarem para o Brasil. Encontramos informações ímpares que estão expressas na Tabela 13.

**Tabela 13: País que os haitianos residiam antes de imigrarem para o Brasil**

		Sexo		
		Masculino	Feminino	Total

<sup>25</sup> “un conjunto finito de actores o grupos de actores y las relaciones definidas entre ellos” (REQUENA SANTOS, 1998, p. 653).

		<b>Freq.</b>	<b>%</b>	<b>Freq.</b>	<b>%</b>	<b>Freq.</b>	<b>%</b>
<b>Onde estava antes de imigrar para o Brasil?</b>	Saiu do Haiti	7	70%	4	40%	11	55%
	Saiu da Rep. Dominicana	3	30%	6	60%	9	45%
	<b>Total</b>	10	100%	10	100%	20	100%

**Fonte: o autor da pesquisa.**

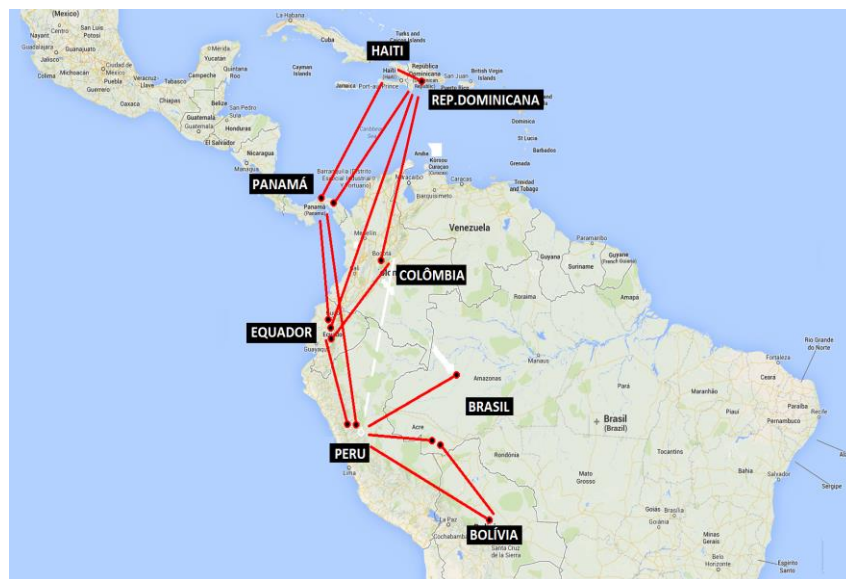
Na Tabela 13, temos 70% dos homens e 40% das mulheres declararam terem saído do Haiti antes de imigrarem para o Brasil; 30% dos homens e 60% das mulheres salientaram que saíram da República Dominicana. Em uma análise geral, 55% dos imigrantes entrevistados saíram do Haiti, enquanto outros 45% afirmaram terem saído da República Dominicana. Esses dados revelam que os imigrantes haitianos vivem em constantes processos de des-reterritorialização. Em uma visão territorialista, os haitianos que se encontravam na República Dominicana estavam desterritorializados em relação ao Haiti e novamente passaram por um processo de desterritorialização imigrando para o Brasil. No entanto, Haesbaert (2012, p. 35) lembra que a desterritorialização pode estar ligada à instabilidade das fronteiras, principalmente das fronteiras estatais, desse modo, temos, nesse caso, influências políticas no processo de desterritorialização, pois a liberação dos vistos humanitários, pelo governo brasileiro, proporcionou não somente uma migração do Haiti para o Brasil, mas também um deslocamento, para o Brasil, de haitianos que estavam na República Dominicana.

Vimos no Capítulo II que, devido a fatores sócio-político-econômicos, os haitianos estão em constantes migrações e, com o terremoto de 2010, milhares imigraram para outros países. Assim, essas ocorrências ajudariam a explicar a residência desses haitianos na República Dominicana.

Ainda, com as informações obtidas com a questão que originou a Tabela 13, traçamos dois mapas: um com as rotas dos imigrantes que saíram do Haiti para o Brasil (Mapa 01) e outro com as rotas dos haitianos que saíram da República Dominicana (Mapa 02). Os mapas foram construídos e adaptados às informações dos imigrantes, no entanto, reforçamos que não fizemos nenhum confronto das informações para analisar a condição de verdade, visto que não era objetivo dessa pesquisa.

No Mapa 01, temos a rota por onde os imigrantes haitianos disseram que passaram. A maioria dos informantes disse que saiu do Haiti passou pela República Dominicana, alguns seguiram pela América Central, Panamá, e passaram pelos países do oeste da América do Sul até chegarem ao Peru e à Bolívia, se direcionaram para o Brasil, entrando, principalmente, pelo estado do Acre e, também, pelo do Amazonas.

**Mapa 01: Rota a partir do Haiti**

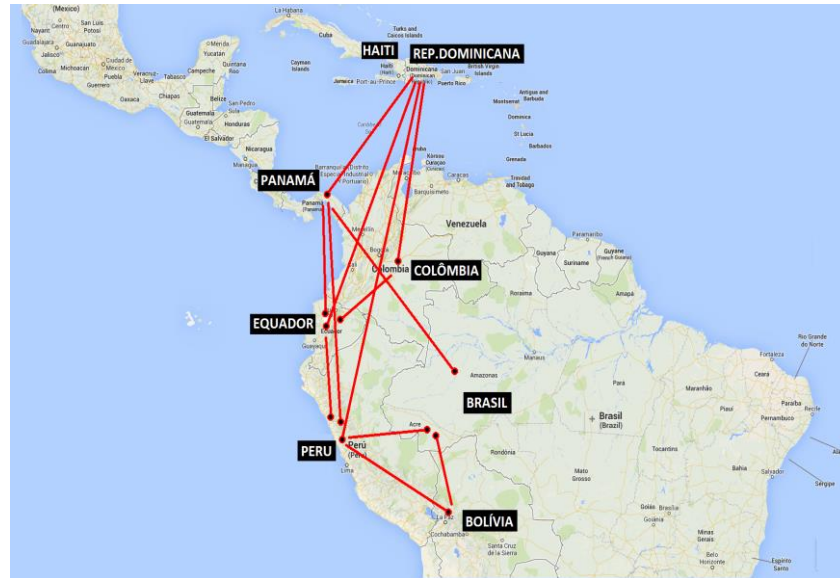


Fonte: o autor da pesquisa<sup>26</sup>.

O Mapa 02 representa a rota que alguns haitianos fizeram, lembrando que esses imigrantes salientaram que estavam na República Dominicana. A rota consistia em sair da República Dominicana, passar pelo Panamá, na América Central, ou, diretamente para o Equador, Colômbia e Peru, na América do Sul.

**Mapa 02: Rota a partir da República Dominicana**

<sup>26</sup> Mapa construído pelo autor a partir das informações dos imigrantes haitianos e adaptado por meio do Google Maps. Disponível em: <[www.google.com.br/maps](http://www.google.com.br/maps)>. Acesso em: 05 de setembro de 2014.



Fonte: o autor da pesquisa<sup>27</sup>.

Os imigrantes que passavam pela Colômbia e Equador seguiam para o Peru e para a Bolívia e a partir desses países imigravam para o Brasil pelo estado do Acre. Vale ressaltar que um imigrante salientou ter feito a rota República Dominicana-Panamá-Brasil, ingressando diretamente pelo estado do Amazonas.

Com isso, os dados coletados a respeito do movimento de desterritorialização sinalizam que o deslocamento espacial foi fomentado por questões econômicas (principalmente, a busca por trabalho), por influências naturais (terremoto) e por questões políticas (liberação de visto humanitário pelo Governo brasileiro).

### 3.3 Dados da reterritorialização

Neste momento, apresentaremos a exposição dos dados acerca do movimento de reterritorialização dos imigrantes haitianos. Para isso, retomamos alguns pontos a respeito desse movimento. Deleuze e Guattari (1997, p. 224) salientam que o movimento de desterritorialização é a dinâmica que consiste em influenciar os sujeitos a saírem de seu território. O movimento reterritorialização é a dinâmica que consiste em conduzir os indivíduos ao processo de (re)construção de seu território. Essa (re)construção poderá ser em um território espacial distinto, diferente do seu antigo território e isso levará a possíveis amalgamas entre as

<sup>27</sup> Mapa construído pelo autor a partir das informações dos imigrantes haitianos e adaptado por meio do Google Maps. Disponível em: <[www.google.com.br/maps](http://www.google.com.br/maps)>. Acesso em: 05 de setembro de 2014.

territorialidades trazidas pelos sujeitos e as encontradas no novo território. Assim, a reterritorialização consiste em uma reorganização do território, reinvenção dos costumes, das identificações e dos elementos socioculturais.

Nesse contexto, a terceira fase desta pesquisa versa analisar o processo de reterritorialização levando em consideração a chegada, a mistura de culturas, a apropriação material e simbólico-culturais, a reconstrução de um imaginário. Para fazer tal análise, utilizamos as perguntas de 16 a 35 que contemplam o processo de reconstrução em Porto Velho.

Exploramos os motivos que levaram os imigrantes a permanecerem em Porto Velho. Com os dados coletados construímos a Tabela 14:

**Tabela 14: Motivos dos haitianos terem permanecido em Porto Velho**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Por que escolheu ficar em Porto Velho?</b>	Trabalho aqui	7	70%	3	30%	10	50%
	Acompanho o cônjuge	0	0%	3	30%	3	15%
	Tenho família aqui	0	0%	2	20%	2	10%
	Gostei daqui	3	30%	2	20%	5	25%
	<b>Total</b>	10	100%	10	100%	20	100%

**Fonte: o autor da pesquisa.**

Os dados da Tabela 14 apontam que 70% dos homens e 30 % das mulheres disseram que escolheram Porto Velho devido ao fato de terem conseguido trabalho, nesse caso, temos a dimensão econômica favorecendo o processo de reterritorialização. Requena Santos e Muñoz (2002, p. 74) afirmam que as ligações entre os sujeitos, nas redes têm como particularidades os tipos de relacionamentos, como família, amizade, trabalho, estudo, entre outros. Ainda tivemos os seguintes dados: nenhum homem e 30% das mulheres salientaram que o motivo de escolher Porto Velho foi para acompanhar o cônjuge e, ainda, nenhum homem e 20% das mulheres afirmaram que têm família residindo na capital de Rondônia. Nesse caso, temos o relacionamento familiar que fortalece a rede de imigração contribuindo para a reterritorialização. Por fim, 30% dos homens e 20% das mulheres disseram que gostaram de Porto Velho. Fato esse que colaborou para permanecerem na capital de Rondônia.

Com essas informações, podemos dizer que o trabalho e a rede familiar foram os principais motivos que fizeram esses imigrantes permanecerem em Porto Velho. Isso possibilitou a adequação dos haitianos ao meio que escolheram para viver e, assim, se reterritorializarem.

Inquirimos se os imigrantes pretendem voltar para o Haiti e conseguimos confeccionar a Tabela 15 com as seguintes informações: 10% dos homens e 40% das mulheres salientaram que sim, pretendem voltar para o Haiti, com essa primeira informação, percebemos que há, por parte das mulheres, um interesse maior em voltar para o referido país; porém, 10% dos homens e 40% das mulheres disseram que não pretendem voltar; 70% dos homens e 10% das mulheres afirmaram que só voltam para o Haiti a passeio; dados esses que aludem a uma maior reterritorialização por parte dos homens; 10% dos homens e 10% das mulheres falaram que não decidiram ainda.

**Tabela 15: Pretensão dos haitianos em retornar ao Haiti**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Pretende voltar para o Haiti?</b>	Sim	1	10%	4	40%	5	25%
	Não	1	10%	4	40%	5	25%
	Somente a passeio	7	70%	1	10%	8	40%
	Não decidi	1	10%	1	10%	2	10%
	<b>Total</b>	10	100%	10	100%	20	100%

**Fonte: o autor da pesquisa.**

Em uma análise geral da Tabela 15, observa-se que 25% dos informantes disseram que pretendem voltar para sua terra natal. Analisamos, também, os motivos que levariam os haitianos a retornarem, assim, temos: dos cinco informantes que querem voltar, quatro salientaram que o motivo é porque a família ficou no Haiti, principalmente, cônjuges e filhos. Valendo-se do viés da reterritorialização, 65% dos informantes, de certo modo, querem ficar no Brasil (somando informantes que não querem voltar e informantes que só voltam a passeio), isso sinaliza que esses imigrantes já estão em processo reterritorialização na comunidade brasileira, pois, de acordo com Guattari e Rolnik (1996, p. 323), a territorialização “consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo

desterritorializante”. Entendemos que, se é uma recomposição de um território que estava em uma situação desterritorializadora, é também uma reterritorialização, isso acontece quando o território passa a ser o conjunto de projetos e representações nos quais desencadearão uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos e cognitivos.

Hall (2006, p. 15) discorre que as sociedades modernas são, em seus interiores, grupos de mudanças constantes, ágeis e permanentes, porém, essas mudanças não são fáceis para os sujeitos atuantes. Pensando na complexidade que é o processo de mudança e, também, o processo de reconstrução, investigamos quais foram as principais dificuldades encontradas no Brasil.

**Tabela 16: Dificuldades dos haitianos encontradas no Brasil**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Qual foi a principal dificuldade encontrada no Brasil?</b>	A língua portuguesa	8	80%	7	70%	15	75%
	Desemprego	1	10%	1	10%	2	10%
	A líng. port. e o desemprego	0	0%	1	10%	1	5%
	A língua não foi problema	1	10%	0	0%	1	5%
	Não tive problema	0	0%	1	10%	1	5%
	<b>Total</b>	10	100%	10	100%	20	100%

Fonte: o autor da pesquisa.

As informações coletadas resultaram na organização da Tabela 16, que chama atenção pela expressividade dos números. Nela, verificamos que 80% dos homens e 70% das mulheres disseram que o principal problema encontrado no Brasil foi a língua portuguesa (LP), isso corresponde, em uma análise geral, a 75% das afirmações dos entrevistados. Esses números sinalizam a complexidade que é a inserção social desses imigrantes, devido ao não conhecimento do idioma da comunidade local. É interessante associar esses dados às implicações de Mussalim e Bentes (2005, p. 21) em que, segundo elas, a linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo indissolúvel. Afirmam também que essa interação constitui a essência do ser humano, pois a história de uma língua corresponde à história dos seres organizados em sociedades.



Com essas explicações, selecionamos alguns discursos dos haitianos sobre as principais dificuldades encontradas no Brasil que, por sua vez, ajudaram a compor a Tabela 16. A seguir, são apresentadas algumas falas dos homens:

(T13) – A língua brasileira! (Informante 02);

(T14) – Aprender a língua portuguesa não é fácil! (Informante 03);

(T15) – A língua portuguesa! (Informante 13);

(T16) – Língua... português! (Informante 14);

(T17) – La língua! (Informante 16);

(T18) – A língua portuguesa, porque é muito difícil! (Informante 17);

(T19) – A língua portuguesa que é difícil! (Informante 18).

Transcrevemos também alguns discursos das mulheres:

(T20) – Só para falar... a língua! (Informante 08);

(T21) – Problema porque eu não falava a língua... esse o problema, a língua! (Informante 09)

(T22) – Difícil para falar o português! (Informante 15);

(T23) – Dificuldade... não tenho trabalho e porque eu não falar muito bem, aprendi mais ou menos! (Informante 19);

(T24) – A língua! Foi difícil! (Informante 24).

Desse modo, a língua portuguesa foi a principal barreira apontada pelos imigrantes haitianos ao se inserirem em um novo território. Aprender essa língua significa conhecer e apropriar-se da cultura do povo brasileiro. Salomão (2005, p.185-186) afirma que a língua é uma produção da capacidade da linguagem, é uma produção histórica que carrega uma herança histórica concomitante com a herança biológica e com a história pessoal. A língua não é somente uma condição de expressão, mas também uma demarcação desta. A cultura está intrinsecamente vinculada à linguagem como base de conhecimento, como memória social. Assim, a língua é cultura e aprender a LP é reterritorializar, pois, de acordo com Deleuze e Guattari (1997, p. 224), o processo de reterritorialização “é o movimento onde o

indivíduo constrói um novo território” e esse novo, não é, somente, geográfico ou físico, mas também um território simbólico-cultural.

Ainda verificando os dados da Tabela 16, nenhum homem e 10% das mulheres apontaram a língua portuguesa e o desemprego como os principais problemas; 10% dos homens e nenhuma mulher disseram que não tiveram problema quanto ao idioma; nenhum homem e 10% das mulheres afirmaram que não tiveram problema no Brasil.

Partindo da consulta prévia que fizemos à comunidade de imigrantes haitianos, acreditávamos que um dos principais problemas enfrentados pelos imigrantes seria a língua portuguesa e investigamos quais foram os recursos utilizados pelos informantes para aprender o novo idioma. Faraco (2005, p. 65) afirmou que “somos fundamentalmente seres de linguagem” e que “as práticas de linguagem não só nos precedem, e nós não apenas nos constituímos nelas, mas também vivemos nelas”. A linguagem é elemento fundamental no seio de uma sociedade. Com isso, a necessidade de interação social e de aquisição da LP, ambas inseridas no movimento de reterritorialização, levaram os imigrantes haitianos a buscarem várias estratégias para se comunicar com os brasileiros. Uma dessas estratégias foi o convívio social e, desse modo, perguntamos aos imigrantes se, quando chegaram a Porto Velho, procuraram ambientes onde havia grande concentração de brasileiros para aprender a língua local ou aperfeiçoá-la. Com as respostas obtidas organizamos a Tabela 17:

**Tabela 17: Aquisição de língua portuguesa dos haitianos com os brasileiros**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Em Porto Velho, procurou lugares onde havia brasileiros para aprender a língua portuguesa (LP)?</b>	Sim	4	40%	4	40%	8	40%
	Não	6	60%	6	60%	12	60%
	<b>Total</b>	10	100%	10	100%	20	100%

Fonte: o autor da pesquisa.

Antes de adentrarmos a análise da Tabela 17, é interessante apontarmos os pressupostos de Krashen (1981, p. 50), pois, segundo ele, o contato com ambientes informais, a interação verbal, o convívio social e natural proporcionam aos seres de

linguagens o desenvolvimento das competências linguísticas necessárias para promover a aquisição da linguagem. Sendo assim, analisando os dados, tivemos: 40% dos homens e 40 % das mulheres disseram sim, pois procuraram lugares onde havia concentração de brasileiros para aprenderem a língua portuguesa; 60% dos homens e 60% das mulheres disseram não. Koch (2009, p.15) afirma que a língua é como um lugar de interação e defende a posição de que “os sujeitos (re) produzem o social na medida em que participam ativamente da definição da situação na qual se acham engajadas”, e que são os responsáveis pela atualização das imagens e das representações, ou seja, da carga simbólica com a qual a comunicação existe. A língua é uma produção do homem para se comunicar, ela carrega a história, as identificações e a memória de seu povo. Aprender a LP equivale se apropriar da história do outro e, no caso dos haitianos, é sinônimo de integração com a comunidade local, além possibilitar o acesso ao mercado de trabalho. Assim, elencamos os argumentos dos informantes que procuraram ambientes sociais para aprender a língua portuguesa, a saber: procuraram escolas que ofereciam gratuitamente o ensino de LP; sentiram necessidade de aprender a língua com os brasileiros, pois afirmaram ser estrangeiros; aprenderam com os brasileiros no trabalho; aprenderam em igrejas. Em relação aos haitianos que não procuraram lugares para aprenderem a LP, alguns deram os seguintes argumentos: procuraram dicionários de português-espanhol e aprenderam no trabalho com os brasileiros.

Krashen (1981) pesquisou adultos no processo de aquisição e aprendizagem de uma segunda língua. Alguns de seus estudos indicam “que os adultos podem não só aumentar a sua proficiência na segunda língua em ambientes informais, mas também podem fazer tão bem, ou melhor, do que os alunos que passaram uma quantidade comparável de tempo em situações formais” (KRASHEN, 1981, p. 40, tradução nossa)<sup>28</sup>. Desse modo, observamos que os haitianos utilizando de suas competências comunicativas, desenvolveram estratégias como a interação social em variados espaços, para adquirem, compreenderem e se comunicarem em língua portuguesa.

---

<sup>28</sup> [...] suggest that adults can not only increase their second language proficiency in informal environments, but may do as well as or better than learners who have spent a comparable amount of time in formal situations (KRASHEN, 1981, p. 40).

Ainda se referindo à aquisição da língua portuguesa, perguntamos se os imigrantes procuraram aprender a LP com outros haitianos que já moravam em Porto Velho. Mais uma vez, vale lembrar que as respostas eram fechadas com espaço para outras informações, contudo, devido aos vários argumentos que obtivemos, resumimos as informações na Tabela 18.

Analisando a Tabela 18, temos: 50% dos homens e 40% das mulheres disseram sim, pois os haitianos que residiam em Porto Velho sempre ajudavam e explicavam aquilo que eles não entendiam; 20% dos homens e 10% das mulheres afirmaram que não, pois foram os primeiros imigrantes haitianos a chegarem a Porto Velho; 30% dos homens e 30% das mulheres também disseram não e justificaram seus argumentos salientando que aprenderam a LP com os brasileiros; nenhum homem e 10% das mulheres ressaltaram que aprenderam com o cônjuge; nenhum homem e 10% das mulheres afirmaram que aprenderam sozinhos.

**Tabela 18: Aquisição de língua portuguesa com os imigrantes haitianos**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Procurou aprender a LP com haitianos que moravam em Porto Velho (PVH)?</b>	Sim, eles ajudavam e explicavam	5	50%	4	40%	9	45%
	Não, fui um dos primeiros imigrantes	2	20%	1	10%	3	15%
	Não, aprendi com os brasileiros	3	30%	3	30%	6	30%
	Não, aprendi na escola e com o cônjuge	0	0%	1	10%	1	5%
	Não, aprendi sozinho	0	0%	1	10%	1	5%
	<b>Total</b>	10	100%	10	100%	20	100%

Fonte: o autor da pesquisa.

Transcrevemos alguns relatos dos haitianos que ajudaram a compor a Tabela 18:

(T25) – Quando eu chegar aqui... rapaz, eu tenho dificuldade para aprender a língua portuguesa... falei, meu Deus do céu, como vou aprender esse idioma? Achei difícil... aí eu pegar um livro que tem espanhol, português... aí fui estudei... estudei... o pessoal falar assim... os haitianos falar assim: é... você está doido, fica estudando o dia todinho! Mas eu quero aprender esse idioma... aí eu aprendi alguma coisa! (Informante 02);

(T26) – Sim! Porque eu sou um estrangeiro, se não aprender falar... como vai conversar com os brasileiros... (Informante 14).

Assim, com os relatos em T25 e T26, percebemos a necessidade em aprender a LP e o desenvolvimento de estratégias para a aquisição do novo idioma. Em uma amostra geral da Tabela 18, tivemos: 45% dos informantes disseram que tiveram ajuda de outros imigrantes, desse modo, temos a influência da rede no processo de reterritorialização e, em contrapartida, 55% afirmaram que não e utilizaram outros recursos para aprender a LP, tais como: aprenderam no trabalho e, ainda, tiveram a ajuda de brasileiros, procuraram escolas, prestavam atenção nos brasileiros e aprenderam sozinhos.

Com as três últimas tabelas (Tabela 16, 17 e 18), percebemos que os haitianos não tiveram nenhuma preparação, antes de imigrarem para o Brasil, em relação ao aprendizado da língua portuguesa. Segundo Faraco (2005, p. 65), a língua, a linguagem e a sociedade “são as ligas com as quais as relações sociais são constituídas, são sustentadas e ensopadas de sentido”. Assim, a linguagem proporciona a interação entre os sujeitos e, talvez, em um primeiro momento, aprender a língua portuguesa não foi uma preocupação dos imigrantes. Bakhtin (1995, p. 94) salienta que “enquanto uma forma linguística for apenas um sinal e for percebida pelo receptor somente como tal, ela não terá para ele nenhum valor linguístico”, todavia, percebemos que a LP tornou-se, para os haitianos, sinônimo de estabilidade, de garantia de trabalho, de inserção social, de apropriação cultural no novo território.

Apropriar do território (simbólico-cultural) do outro é uma forma de reterritorializar. Haesbaert (2012, p. 78) diz que o “território, de qualquer forma, define-se antes de tudo com referência às relações sociais (ou culturais, em sentido amplo) e ao contexto histórico em que está inserido”. Desse modo, inquirimos se os informantes já adotaram algum costume portovelhense. Com essa pergunta, verificamos, na percepção dos imigrantes, a questão do hibridismo cultural e, com isso, reforçando o processo de reterritorialização. Vejamos a Tabela 19:

**Tabela 19: Hibridismo cultural com a comunidade local**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Você adotou</b>	Sim	4	40%	3	30%	7	35%

<b>algum costume portovelhense?</b>	Não	6	60%	7	70%	13	65%
	<b>Total</b>	10	100%	10	100%	20	100%

Fonte: o autor da pesquisa.

Na Tabela 19, temos: 40% dos homens e 30% das mulheres disseram que já adotaram algum costume da comunidade local; 60% dos homens e 70% das mulheres disseram que não conciliaram costumes da comunidade de Porto Velho. Percebemos que houve uma aceitação na percepção dos informantes, ou melhor, uma apropriação do território local por alguns imigrantes. Para Deleuze e Guattari (2010, p 121-2), a desterritorialização absoluta faz referência ao pensamento e à criação, o pensamento é construído no processo de desterritorialização. Sendo assim, pensar é desterritorializar e isso é abrir caminho para o novo. Isso também implica dizer que o pensamento se constitui na criação e para se criar algo novo é preciso flexionar, romper o território existente, criando outro, reterritorializando. E como vimos, os imigrantes vivenciam essa reterritorialização quando dizem ter se apropriado de costumes locais.

Transcrevemos os discursos, respectivamente, de um informante do sexo masculino e outro do sexo feminino em relação a costumes adotados:

(T27) – Sim porque tem muita coisa para fazer... tucumã, porque eu gostar de comer, nunca comer no Haiti... e outras comidas como a farinha! (Informante 14);

(T28) – Manje sim... trabalho no restaurante... gostou de carne com bife... carne assada! (Informante 20).

Canclini (2013, p. XXII) salienta que as novas estruturas formadas a partir da hibridização podem ocorrer sem planejamento ou ainda podem ser oriundas de processos migratórios, turísticos, de intercâmbio, entre outros. A capacidade criadora do indivíduo e da coletividade resulta na hibridização, na qual procuram reconstruir um território ou até mesmo reinventá-lo em novas condições socioculturais ou novas identidades. Os relatos, em T27 e T28, mostram uma aceitação da gastronomia local, assim sendo, isso pode resultar em uma apropriação e, por sua vez, na hibridização que é uma forma de reterritorializar. Os argumentos de Canclini (2013) se confirmam, pois 35% dos informantes, em uma análise geral da Tabela 19, disseram que adotaram algum costume portovelhense. Os haitianos apontaram as comidas, como o tucumã, a farinha brasileira, que é

diferente da farinha haitiana e a carne assada (T27 e T28). Outros afirmaram, ainda, que já se apropriaram das músicas e do futebol brasileiro. Desse modo, esse híbrido que mescla o passado e o presente transformando-se em um novo território, em novas identidades, fazem valer os pressupostos de Bonnemaison e Cambrézy (1996, p. 14), que o território fabrica identidade e que, talvez, é a mais eficaz de todas.

Perguntamos, aos entrevistados, quais foram os mecanismos utilizados para superar a falta de sua terra natal. Os principais relatos foram: telefona para família e amigos, e ouve músicas haitianas. Outros argumentos podem ser observados na Tabela 20 que contém um resumo das respostas dos informantes. A maioria dos informantes utiliza a internet para se comunicar com a família e amigos no Haiti, e também se reúne com amigos e parentes para superar a falta de sua terra natal.

**Tabela 20: Maneiras para reviver o Haiti em território brasileiro**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Quais são as maneiras para superar a falta de sua terra natal?</b>	Telefona.	1	10%	1	10%	2	10%
	Utiliza a internet e ouve músicas haitianas.	1	10%	0	0%	1	5%
	Telefona, utiliza a internet e músicas haitianas.	1	10%	2	20%	3	15%
	Telefona, se reúne com os amigos haitianos e ouve músicas haitianas.	2	20%	1	10%	3	15%
	Telefona, utiliza a internet, se reúne com os amigos/parentes e ouve músicas haitianas.	3	30%	1	10%	4	20%
	Telefona, se reúne com os amigos haitianos/parentes e ouve músicas haitianas.	2	20%	2	20%	4	20%
	Telefona, utiliza a internet, se reúne com parentes e ouve músicas haitianas.	0	0%	1	10%	1	5%
	Telefona, utiliza a internet, se reúne com os amigos e ouve músicas haitianas.	0	0%	2	20%	2	10%
	<b>Total</b>	10	100%	10	100%	20	100%

Fonte: o autor da pesquisa.

Milton Santos (2005, p. 255) chama a atenção para a relevância, hoje, do papel da ciência, da tecnologia e da informação. Ao falar de território, não basta discutir somente a globalização, se quisermos aprofundar o processo de

conhecimento desse caractere da realidade total. Os territórios usados são “objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado”. O autor ainda discorre:

De um lado, temos uma fluidez virtual, oferecida por objetos criados para facilitar essa fluidez e que são, cada vez mais, objetos técnicos. Mas os objetos não nos dão senão uma fluidez virtual, porque o real vem das ações humanas, que são cada vez mais ações informadas, ações normatizadas (SANTOS, 2005, p. 255-6).

Nesse contexto, percebemos, com os dados da Tabela 20, a influência da tecnologia no mundo pós-moderno, pois 95% dos informantes incluíram em seus discursos o uso de telefone e 55% dos entrevistados disseram que utilizam a internet. Esses recursos tecnológicos do mundo contemporâneo são exemplos de compressão espaço-tempo, pois ao mesmo tempo em que estão distantes, podem estar perto.

Para verificar as relações das redes, perguntamos para os imigrantes quem os ajudou quando chegaram a Porto Velho. A partir dos dados coletados tecemos a Tabela 21. Assim, obtivemos as seguintes porcentagens: 60% dos homens e 20% das mulheres disseram que ninguém os ajudou, com isso, percebemos que os homens tiveram mais dificuldades em relação às mulheres no processo imigratório; 10% dos homens e 20% das mulheres afirmaram que tiveram ajuda de outros haitianos; 10% dos homens e nenhuma das mulheres salientaram que os brasileiros ajudaram; nenhum dos homens e 60% das mulheres disseram que a família ajudou, nesse caso, percebemos a contribuição das redes para migração por parte das mulheres; 10% dos homens e nenhuma das mulheres tiveram ajuda de casa de apoio; 10% dos homens e nenhuma das mulheres disseram que obtiveram ajuda do Governo de Porto Velho. Em uma análise geral, 40% dos informantes disseram que ninguém os ajudou e 60% dos informantes salientaram que conseguiram alguma forma de ajuda. Desse modo, os mais variados tipos de ajuda contribuem para a permanência e reterritorialização dos imigrantes haitianos em Porto Velho.

**Tabela 21: Auxílio em Porto Velho**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Quem te</b>	Ninguém	6	60%	2	20%	8	40%



<b>ajudou quando chegou a PVH?</b>	Haitianos	1	10%	2	20%	3	15%
	Brasileiros	1	10%	0	0%	1	5%
	Família	0	0%	6	60%	6	30%
	Casa de apoio	1	10%	0	0%	1	5%
	Gov. de PVH	1	10%	0	0%	1	5%
	<b>Total</b>		10	100%	10	100%	20

**Fonte: o autor da pesquisa.**

Transcrevemos alguns relatos dos imigrantes que receberam ajuda de outros haitianos em Porto Velho. Dos homens que responderam sim, somente um afirmou ter recebido ajuda de outro haitiano:

(T29) – Tem haitianos que ajudou! (Informante 03).

Entretanto, das mulheres que disseram sim, transcrevemos algumas falas que indicam o auxílio das redes:

(T30) – Só haitianos! Amiga! (Informante 08);

(T31) – Haitianos: marido e irmão! (Informante 09);

(T32) – Só o meu marido (Informante 15);

(T33) – Ninguém, só o meu marido! (Informante 19);

(T34) – Haitianos! (Informante 20);

(T35) – Marido! (Informante 21);

(T36) – Só o meu marido! Chegou primeiro aqui! (Informante 23);

(T37) – Família! (Informante 25).

Knoke e Kuklinski (1982, p. 16) comentando sobre os tipos mais comuns das relações nas redes, apontam as instrumentais, nas quais “os sujeitos se relacionam entre si para assegurarem alguns recursos como segurança, bens, serviços ou informações” e também, as relações de parentesco e grupos étnicos, em que “essas relações formam um tipo especial de rede social”, pois estão vinculadas não somente aos membros da estrutura familiar, mas podem ser compatíveis com outras relações. Essas relações apontadas pelos autores são visíveis nas informações transcritas em T29, T30, T31, T32, T33, T34, T35, T36 e T37. Sendo assim, há a predominância das relações instrumentais e, também, as de parentesco. Elas são

importantes no processo migratório, visto que os imigrantes recorrem a esses membros em momentos de crises ou de dificuldades.

Ainda com o foco nas redes, perguntamos se os informantes ajudaram algum membro da família ou amigos haitianos nas suas residências em Porto Velho. Com essa questão, organizamos a Tabela 22. Nela temos: 80% dos homens e 70% das mulheres afirmaram que ajudaram outros haitianos em sua casa de Porto Velho; 20% dos homens e 30% das mulheres salientaram que não ajudaram. Em uma análise geral, 75% dos informantes ajudaram parentes, amigos e, até mesmo, desconhecidos.

**Tabela 22: As relações de rede na imigração haitiana**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Em PVH, você ajudou amigos ou parentes em sua casa?</b>	Sim	8	80%	7	70%	15	75%
	Não	2	20%	3	30%	5	25%
	<b>Total</b>	10	100%	10	100%	20	100%

**Fonte: o autor da pesquisa.**

Assim, veremos a seguir algumas transcrições de diálogos que foram gravados com determinados haitianos ao se referirem à relação de ajuda entre os imigrantes. Três informantes do sexo masculino disseram:

(T38) – Ajudou muitos! Amigos, primos! Ajudou muito, porque tem bastante que chegar lá... na rodoviária, eu sempre pegar e dar comida, lugar para dormir! [Perguntamos se o informante conhecia essas pessoas as quais ajudou e o informante respondeu]: – Não, só pra ajudar! (Informante 03).

(T39) – Trouxe muitos! Eu trouxe irmão, ajudou minha prima, ajudou amigos também! [Perguntamos se o informante trouxe alguém que não conhecia e o informante respondeu:] – Fiz isso bastante que eu não sabe quanto fez! Umas cento e poucas! Mais ou menos! Porque só no quarto eu colocar dez pessoas! Pega um que vem tomar banho se não quiser, nós comprar as coisas pra nós beber, umas cervejas, comer e ficar aguardando! [...] Ajudei mais de cem pessoas! (Informante 13).

(T40) – Sim porque ... quando chegou aqui tem uns haitianos que chegou aqui, não tinha casa para dormir e eu ajudar, eu já comprei tênis para outro haitiano que não tem, comprei comida! [...] Não conheço, porque eu sou haitiano e ajudo haitiano! [...] Mais de cinco! (Informante 14).

Uma haitiana, que estava no Brasil há um ano, também afirmou que ajudou:

(T41) – Muitos! Amigos! Muitos, vários! Umas cem! (Informante 22).

Requena Santos e Muñoz (2002, p. 75) afirmam que entre os sujeitos não existem apenas o vínculo que os unem, mas a força dessa relação. A força das redes está associada ao vínculo entre dois ou mais sujeitos. Ela não é a própria amizade íntima em que as pessoas se interagem ocasionalmente. Amigos e também conhecidos são exemplos de força da rede, nesse caso, a rede de amizade que estão expressas nas transcrições T38, T39, T40 e T41. Assim, com os dados da Tabela 22 e os depoimentos transcritos acima (T38, T39, T40 e T41), percebemos que a rede vai além de uma limitação de amizade ou familiar, pois temos presentes nessas informações algumas das relações apontadas por Knoke e Kuklinski (1982, p. 16) sobre as redes, tais como: as relações de parentesco e grupos étnicos, as ligações sentimentais, as relações instrumentais e as de comunicação (ver Capítulo I). Nesse contexto, verificamos que as redes e suas relações são mecanismos que ajudam a assegurar a reterritorialização dos haitianos no novo território.

Perguntamos como os imigrantes se comunicam com a família que mora no Haiti, entre as resposta (ver Tabela 23): 70% dos homens e 50% das mulheres disseram que utilizam o telefone para se comunicarem com a família que está no Haiti e, ainda, 30% dos homens e 50% das mulheres disseram que utilizam o telefone e a internet para se concatenarem com os parentes que ficaram no Haiti. Percebemos que as mulheres fazem mais o uso dos recursos tecnológicos para manter contato como os familiares.

**Tabela 23: Relações de comunicação com o Haiti**

						<b>Sexo</b>					
						<b>Masculino</b>		<b>Feminino</b>		<b>Total</b>	
						<b>Freq.</b>	<b>%</b>	<b>Freq.</b>	<b>%</b>	<b>Freq.</b>	<b>%</b>

<b>Como você se comunica com a família que mora no Haiti?</b>	Utilizo o telefone	7	70%	5	50%	12	60%
	Utilizo o telefone e a internet	3	30%	5	50%	8	40%
	<b>Total</b>	10	100%	10	100%	20	100%

Fonte: o autor da pesquisa.

Investigamos também sobre as maneiras que os haitianos fazem para reviver o Haiti em território brasileiro. Para Canclini (2013, p. 190), a identidade parte da demarcação física espacial de território até o referido local como demarcação simbólica em que a identidade é manifestada através de festas e dramatizada também nos atos do cotidiano. Nesse sentido, com intuito de verificar a tentativa de resgate da bagagem simbólico-cultural ou os traços da identidade dos haitianos em meio a um novo território, perguntamos se eles praticam ou relembram alguma manifestação do Haiti no Brasil, especialmente, em Porto Velho. As respostas obtidas estão expressas na Tabela 24.

Milroy e Milroy (1992, p. 13) salientam que grupos em rede inseridos em um determinado espaço funcionam como uma força conservadora que resistem às pressões para mudança proveniente de fora da rede. Todavia, segundo os autores, as mudanças dependerão, na maioria das vezes, das relações estabelecidas nas redes, quando os laços são mais fracos, eles estão mais expostos a pressões externas, assim, vulneráveis às mudanças e influências da comunidade local. Nesse contexto, os dados da Tabela 24 apresentam as maneiras que os haitianos fazem para conservar seus traços culturais.

**Tabela 24: Resgate da bagagem simbólico-cultural**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>O que costuma relembrar no Brasil?</b>	Comidas típicas e músicas haitianas	4	40%	3	30%	7	35%
	Comidas típicas haitianas	0	0%	1	10%	1	5%
	Comidas típicas, músicas e datas comemorativas haitianas	4	40%	5	50%	9	45%
	Comidas típicas e datas comemorativas haitianas	0	0%	1	10%	1	5%

Músicas haitianas	2	20%	0	0%	2	10%
<b>Total</b>	10	100%	10	100%	20	100%

**Fonte: o autor da pesquisa.**

Analisando a Tabela 24, temos: 40% dos homens e 30 das mulheres salientaram que relembram o Haiti através de comidas típicas e de músicas; nenhum homem e 10% das mulheres disseram que relembram somente através de comidas típicas; 40% dos homens e 50% das mulhes disseram que relembram através de comidas típicas, músicas e datas comemorativas haitianas; nenhum homem e 10% das mulheres apontaram as comidas típicas e as datas comemorativas do Haiti; 20% dos homens e nenhuma mulher salientaram que se reiteram somente através de músicas haitianas.

A respeito de imigração de outros grupos étnicos em Porto Velho, Burgeile (2009, p. 396) afirma que os descendentes de barbadianos e granadinos adotaram a língua portuguesa, porém tentam manter sua identidade cultural através da preservação do folclore, de datas comemorativas, da religião, de comidas, dentre outras situações. Canclini (2013, p. XXIII) assegura que a memória coletiva é uma forma de demarcação simbólica e também social. Assim sendo, percebemos que as lembranças de costumes, de tradições e de elementos do dia a dia, como as comidas típicas, também alvorecem o sentimento de identidade dos haitianos diante da ausência da família, de amigos e do seu país de origem. Nesse contexto, Hall (2006) salienta que a identidade preenche a lacuna entre o universo pessoal e o coletivo. Ela possui uma força centrífuga e centrípeta de significados e valores que proporcionam a construção de caracteres pessoais no mundo social e cultural (HALL, 2006, p. 11-12). Desse modo, as lembranças reativam o sentimento de identidade em meio à apropriação de novos valores proporcionados pelo novo território.

A Tabela 24 mostra que 100% dos haitianos procuram algum mecanismo para lembrar sua origem, sua família, sua identidade. Bonnemaision e Cambrézy (1996) afirmam que a força do laço territorial revela que “o espaço está investido não apenas valores materiais, mas também éticos, espirituais, simbólicos e emocionais”.

Com isso, os autores dão ênfase à carga cultural do território e salientam que o “território cultural precede o político e com mais força precede o espaço econômico” (BONNEMAISON; CAMBRÉZY, 1996, p. 10, tradução nossa)<sup>29</sup>. Em contrapartida, a Tabela 19 apresenta uma hibridização com os costumes locais. Assim, Bauman (2005, p. 82-83) salienta que a identidade é por essência ambígua, ou seja, ela é uma opinião fortemente contrariada, pois os indivíduos, que estão em busca dela, vêm travando uma batalha. A identidade predomina no campo de batalha. O autor acrescenta que a identidade “é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluto a ser devorado...” (BAUMAN, 2005, p.84). Desse modo, os haitianos estão vivendo essa batalha através da resistência em manter seus costumes, sua identidade ao mesmo tempo em que mesclam as territorialidades do novo território. Sendo assim, as lembranças dos imigrantes haitianos são formas de reativarem a memória a respeito de sua identidade cultural em meio ao processo de hibridação com o simbólico local. Essas dinâmicas acontecem dentro dos movimentos de des-territorialização.

A imigração haitiana não se limita ao estado de Rondônia, visto que temos relatos de haitianos na região Sul, Sudeste, Centro-oeste e Norte. Esse fato nos leva às redes, pois justifica a rotatividade de imigrantes em Porto Velho. Desse modo, verificamos se os imigrantes haitianos possuem parentes no Brasil e onde estão. Dos vinte informantes, um não respondeu esta pergunta e dezenove disseram que possuem parentes no Brasil. Eles disseram que os parentes estão em Rondônia, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Paraná, Mato Grosso, São Paulo, Brasília, Rio Grande do Sul e Amazonas. Assim, temos as redes e o predomínio das relações de comunicação, em que mensagens são transmitidas entre os sujeitos, como por exemplo, oportunidade de emprego em outro estado. Temos também as relações instrumentais em que os sujeitos tentam assegurar algum tipo de recursos como segurança, bens, serviços ou informações. E, principalmente, as ligações de

---

<sup>29</sup> La puissance du lien territorial revele que l'espace est investi de valeurs non seulement matérielles mais aussi éthiques, spirituelles, symboliques et affectives. C'est ainsi que le territoire culturel precede le territoire politique et à plus fort raison qu'il precede l'espace économique (BONNEMAISON; CAMBRÉZY, 1996, p. 10).

parentesco e grupos étnicos, pois a rede familiar pulsa com mais intensidade (KNOKE; KUKLINSKI, 1982, p. 16).

Haesbaert (2012, p.40) falando sobre território e suas relações, destacou a vertente econômica, em que o território é visto como uma fonte de recurso ligado às classes sociais e à relação trabalho, conseqüentemente, também ligadas à relação capital. Com isso, verificamos se os imigrantes estão trabalhando em Porto Velho, visto que esse era um dos objetivos dos haitianos com a migração para o Brasil, e tivemos os seguintes resultados (Tabela 25): 70% dos homens e 30% das mulheres disseram que estão trabalhando em Porto Velho, com isso, percebemos que os homens têm facilidades em conseguir trabalho; 30% dos homens e 70% das mulheres disseram que não estão trabalhando, esses dados apontam que o desemprego atinge com mais intensidade o público feminino.

**Tabela 25: Relações de trabalho em Porto Velho**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Você trabalha em Porto Velho?</b>	Sim	7	70%	3	30%	10	50%
	Não	3	30%	7	70%	10	50%
	<b>Total</b>	10	100%	10	100%	20	100%

**Fonte: o autor da pesquisa.**

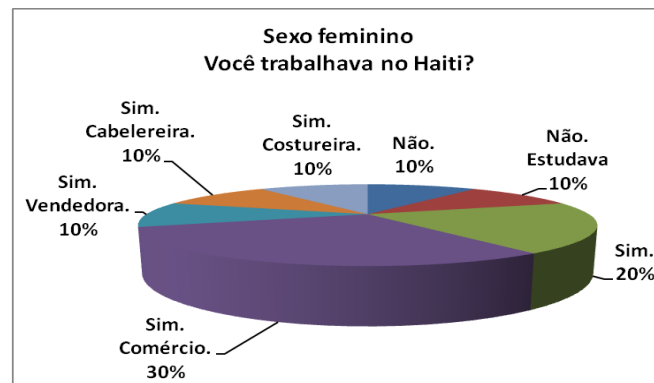
Milton Santos (2005, p. 255) diz que não é o território material em si que devemos estudar em uma análise social, mas sim, é o uso desse território que pode despertar vínculos subjetivos, sentimentos de apropriação e de investimentos no novo território. Assim, vimos, nas relações econômicas, que o uso do território pode estar associado ao setor de serviço, gerando trabalho e contemplando os objetivos dos haitianos. Nesse contexto, verificamos a relação de trabalho em Porto Velho. Em uma análise geral (ver Tabela 25), 50% dos entrevistados estão trabalhando e outros 50% estão desempregados. Com esta questão, verificamos, também, onde trabalham os haitianos que disseram estar empregados e apuramos os seguintes

dados: se referindo aos informantes do sexo masculino, 4 imigrantes trabalham na Usina Hidrelétrica de Santo Antônio, 1 informante está empregado na Usina Hidrelétrica de Jirau, 1 haitiano em construção civil e 1 imigrante trabalha em supermercado; se referindo aos informantes do sexo feminino, 1 trabalha com limpeza, 1 é cozinheira e 1 labora em pizzaria.

Ainda investigando sobre o quesito trabalho, perguntamos para os informantes do sexo feminino se trabalhavam no Haiti e com as respostas organizamos o Gráfico 02.

Percebemos com a questão anterior (Tabela 25) que as mulheres têm maior dificuldade para conseguir trabalho em Porto Velho. Analisando o Gráfico 02, observamos que 80% das mulheres trabalhavam no Haiti, enquanto 20% disseram não. Em uma análise mais detalhada, temos: 30% das mulheres entrevistadas disseram que trabalhavam no comércio; 10% eram vendedoras; 10% cabeleireiras; 10% eram costureiras; 20% disseram que trabalhavam, mas não especificaram a profissão que desempenhavam; ainda 10% afirmaram que não trabalhavam e justificaram dizendo que estudavam; e outros 10% também disseram que não trabalhavam, porém não declararam o motivo.

**Gráfico 02: Relação de trabalho das mulheres no território de saída**



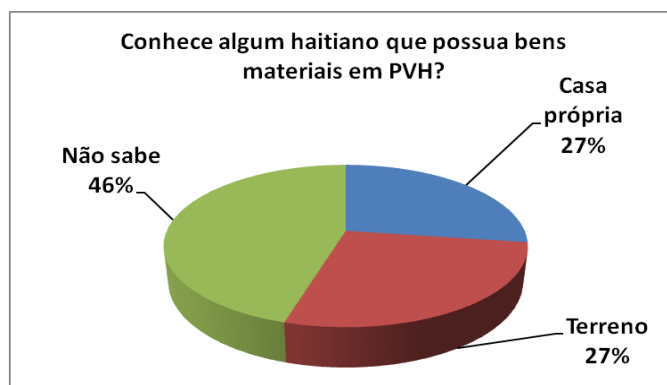
Fonte: o autor da pesquisa.

O território em uma relação de dominação e de apropriação pela sociedade em um determinado espaço está ligado tanto à dominação político-econômica, quanto a apropriação simbólico-cultural (HAESBAERT, 2012, p. 95-6). Assim, até o momento, estamos dando maior ênfase à reterritorialização como espaço de construções simbólicas, a influência da rede e suas relações sociais no processo de



(re)construção, mas o espaço material também influencia no processo de reterritorialização, pois, nesse caso, temos o sentimento de apropriação e de posse. Com isso, perguntamos para os imigrantes se conhecem algum haitiano que tenha adquirido algum bem material que pudesse influenciar na permanência do imigrante em Porto Velho. Com as respostas obtidas, construímos o Gráfico 03:

**Gráfico 03: O espaço material dos imigrantes em Porto Velho**



Fonte: o autor da pesquisa.

Fazendo uma análise do Gráfico 03 que contempla o processo de territorialização, temos: 46% dos informantes disseram que não tinham conhecimento do assunto, porém 27% afirmaram que conhecem haitianos que compraram casa própria em Porto Velho e outros 27% salientaram que conhecem haitianos que compraram terrenos na capital de Rondônia.

Com essas explanações, percebemos que os imigrantes haitianos estão se apropriando do território material e isso contribui para sua fixação, para sua reterritorialização. Além das afirmações a respeito de casas e terrenos adquiridos por haitianos, encontramos dois pequenos comércios de proprietários haitianos no Bairro São Cristóvão e, ainda, Porto Velho possui uma Igreja Adventista construída pelos haitianos. Guattari e Rolnik (1996, p. 323) salientam que o território é sinônimo de apropriação; é o conjunto de projetos e representações simbólicas e matérias que vai resultar em uma série de condutas, de investimentos espaciais, socioculturais, estéticos e cognitivos. Desse modo, a apropriação do território físico pelos haitianos é forma de consolidar a reterritorialização.

Como a religião é caractere de identificação e elemento cultural de um povo, assim como a língua faz parte do acervo cultural de uma sociedade, verificamos

também a religião dos haitianos e perguntamos se frequentam alguma igreja de imigrantes haitianos em Porto Velho (ver Tabela 26).

**Tabela 26: Espaço religioso frequentado pelos haitianos em Porto Velho**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Frequenta alguma igreja de imigrantes haitianos em PVH?</b>	Não	4	40%	2	20%	6	30%
	Sim, Igreja Ass. de Deus	1	10%	1	10%	2	10%
	Sim. Igreja Metodista	2	20%	4	40%	6	30%
	Sim. Igreja Adventista	2	20%	1	10%	3	15%
	Sim. Igreja Batista.	0	0%	1	10%	1	5%
	Sim. Igr. Univer. do R. de Deus	0	0%	1	10%	1	5%
	Sim. Não lembra	1	10%	0	0%	1	5%
	<b>Total</b>	10	100%	10	100%	20	100%

Fonte: o autor da pesquisa.

Na Tabela 26, temos: 40% dos homens e 20% das mulheres disseram que não frequentam igrejas de imigrantes; 10% dos homens e 10% das mulheres afirmaram que sim e apontaram a Igreja Assembleia de Deus; 20% dos homens e 40% das mulheres ressaltaram que sim e apontaram a Igreja Metodista; 20% dos homens e 10% das mulheres salientaram que sim e indicaram a Igreja Adventista do Sétimo Dia; nenhum homem e 10% das mulheres disseram sim e apontaram a Igreja Batista; nenhum homem e 10% das mulheres disseram sim e indicaram a Igreja Universal do Reino de Deus; 10% dos homens e nenhuma mulher falaram que sim, mas não lembraram o nome da Igreja. Tivemos ainda as seguintes informações: dois imigrantes do sexo masculino disseram que não frequentam igrejas de imigrantes e se justificaram dizendo que frequentam igrejas de brasileiros; um afirmou frequentar a Igreja Assembleia de Deus dos brasileiros e outro informante disse frequentar a Igreja Católica dos brasileiros.

Burgeille (2009, p. 306), estudando a respeito de imigrantes barbadianos e granadinos em Porto Velho, verificou que, provenientes de colônias inglesas, muitos imigrantes eram anglicanos e, no novo território, mantiveram seus cultos nas Igrejas Batista, Assembleia de Deus e Adventista do Sétimo Dia. Nesse sentido, percebemos que os imigrantes (haitianos, barbadianos e granadinos) procuram ambientes de interação social e, em alguns casos, os imigrantes foram flexíveis, adequando-se à nova situação para se integrarem ao novo território.

Ainda, perguntamos para os informantes se frequentam alguma igreja de imigrantes haitianos em Porto Velho e tivemos, em análise geral (ver Tabela 26), 70% de confirmação, assim, despertou-nos o interesse de investigar qual língua é proferida nessas igrejas. Tivemos vários depoimentos a respeito dessa investigação, em alguns casos tivemos divergências de informações, no entanto, fizemos o cruzamento dos dados e traçamos a Tabela 27. Nela, encontramos a predominância do francês e do crioulo haitiano, respectivamente, a língua de prestígio e a língua materna no Haiti (ver Capítulo II). Ainda, tivemos relatos de igrejas que proferem cultos em português e em inglês, esse último, como os próprios informantes salientaram, em menor escala. Novamente nos deparamos com a questão linguística sobre as línguas proferidas pelos imigrantes haitianos em Porto Velho, todavia, como discorremos anteriormente, não fizemos acareações para verificarmos o real uso dessas línguas na capital de Rondônia, mas, poderão ser temas para futuras investigações.

**Tabela 27: Línguas faladas no espaço religioso em Porto Velho**

		Línguas			
		Francês	Crioulo	Português	Inglês (pouco)
Os cultos são proferidos em quais línguas?	Igrejas				
	Igreja Batista.	X	X	X	X
	Igreja Assembleia de Deus.	X	X		
	Igreja Metodista.	X	X	X	
	Igreja Adventista.	X	X	X	
	Igreja Universal do Reino de Deus	X	X	X	X

**Fonte: o autor da pesquisa.**

Castells (2010, p. 70) salienta que “a língua estabelece o elo [...] entre a esfera pública e a privada, e entre o passado e o presente, independentemente do efetivo reconhecimento de uma comunidade cultural pelas instituições do Estado”. O que é interessante nesse fragmento é a importância da língua para manter um latente imaginário de identificação, mesmo no território do Outro, nesse caso, no Brasil. A língua crioula dos imigrantes haitianos e outras se propagam no novo território, através de redes estabelecidas pelos haitianos e em segmentos religiosos.

**Tabela 28: Espaço religioso frequentado pelos haitianos no Haiti**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Frequentava alguma igreja no Haiti? Qual?</b>	Não	0	0%	1	10%	1	5%
	Sim, Igreja Católica	2	20%	0	0%	2	10%
	Sim, Igreja Ass. de Deus	3	30%	2	20%	5	25%
	Sim, Igreja Adventista	3	30%	2	20%	5	25%
	Sim, Igreja Batista.	0	0%	3	30%	3	15%
	Sim, Étoiles de Dieu	1	10%	0	0%	1	5%
	Sim, Cristã	0	0%	1	10%	1	5%
	Sim, Filadélfia	0	0%	1	10%	1	5%
	Sim, Não Lembra (Protestante)	1	10%	0	0%	1	5%
	<b>Total</b>	10	100%	10	100%	20	100%

**Fonte: o autor da pesquisa.**

Nesse contexto, obtivemos informações sobre vários segmentos religiosos que os haitianos frequentam em Porto Velho. Assim, verificamos também se esses imigrantes frequentavam alguma igreja no Haiti, os dados foram expressos na Tabela 28. Nela, 100% dos homens disseram que sim e as principais igrejas apontadas foram: Igreja Católica, Assembleia de Deus, Adventista do Sétimo Dia e Étoiles de Dieu. Os informantes do sexo feminino apontaram: 10% das informantes disseram que não frequentavam igreja no Haiti e 90% destes afirmaram que sim, enveredavam Igrejas no Haiti, as principais igrejas mencionadas foram: Igreja Assembleia de Deus, Adventista do Sétimo Dia, Igreja Batista, Cristã e a Igreja Filadélfia.

Fizemos uma análise entre as Tabelas 05, 26 e 28 que abordaram a questão da religião e constatamos que os segmentos religiosos apontados pelos informantes foram o catolicismo e o protestantismo. Entretanto, esses dados chamam a atenção, pois, em nenhum momento, os imigrantes citaram o vodu como religião ou como uma crença. Vimos no Capítulo II, que a maioria da população haitiana também tem o vodu como essência religiosa (TEIXEIRA, 2013, p. 140), entretanto, nenhum dos vinte informantes salientou ser adepto a esse segmento religioso. Todavia, estudamos, também, que o vodu foi perseguido e marginalizado em boa parte do percurso da história haitiana, e ainda existe uma determinada resistência, por parte dos haitianos, em se declararem aderentes a essa religião. Assim, percebemos que também há certo silêncio em declarar a crença vodu em Porto Velho. Não sabemos

como esse segmento religioso vem sendo ou se é propagado na capital, mas sabemos que faz parte da identidade dos haitianos. Portanto, como nossa pesquisa não teve objetivo de estudar a fundo os segmentos religiosos dos haitianos, essa temática também fica como assunto para novos trabalhos.

Os haitianos criaram uma associação em Porto Velho denominada Associação Haitiana Progressista do Brasil (AHPB). Ela objetiva auxiliar e discutir alguns assuntos pertinentes à imigração em prol da comunidade haitiana na capital de Rondônia e em nível nacional. Partindo desse entendimento, imaginávamos que a AHPB pudesse ter auxiliado no estabelecimento das redes em relação aos imigrantes entrevistados.

Verificamos se a participação de haitianos em associações no Haiti era comum. Coletamos os dados e fizemos a Tabela 29. Nela temos: 100% dos homens e 80% das mulheres salientaram que não frequentavam associação no Haiti, porém, 20% das mulheres disseram que sim e mencionaram duas associações: FANCOSE e Associação da Igreja.

**Tabela 29: Vínculos com associações no Haiti**

		Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<b>Frequentava alguma associação no Haiti?</b>	Sim	0	0%	2	20%	2	10%
	Não	10	100%	8	80%	18	90%
	<b>Total</b>	10	100%	10	100%	20	100%

**Fonte: o autor da pesquisa.**

Em contrapartida, pela existência da AHPB, perguntamos para os imigrantes se frequentam alguma associação em Porto Velho. Os informantes foram unânimes, 100% destes disseram que não frequentam associações nesse lugar. Contudo, a AHPB não influenciou ou contribuiu para as relações sociais dos imigrantes entrevistados em nossa pesquisa.

Deleuze e Guattari (2010, p. 132) afirmam que a “desterritorialização e reterritorialização se cruzam no duplo devir”. Assim, esses dois movimentos ou a des-reterritorialização transformam os sujeitos. Com os dados apresentados e analisados, entendemos que a desterritorialização vai muito além da extinção do território ou de simplesmente um deslocamento espacial. Vimos que Deleuze e

Guattari (1997) apontam a desterritorialização como uma linha de fuga e isso se aplica aos haitianos, pois são influenciados por forças políticas, econômicas e naturais a abandonar o Haiti.

Valendo da proposição de Hall (2006) sobre sujeito pós-moderno, classificamos os imigrantes haitianos como esse sujeito, pois, em meio aos movimentos de des-reterritorialização, eles não têm uma identidade fixa. A identidade dos haitianos no novo território está sendo representada pela hibridização do presente, proporcionada pela dinâmica da reterritorialização que vivenciam em Porto Velho. A reterritorialização haitiana está fortemente sustentada nos vínculos estabelecidos entre eles, ou seja, por meio das redes e suas relações. Assim, as redes são mecanismos que auxiliam a apropriação do espaço sociocultural portovelhense, colaborando para a (re)construção, para a (re)invenção de um imaginário, de identidades, de territorialidades, ou seja, para a reterritorialização haitiana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tentou responder as nossas indagações ao observar o movimento migratório sob o prisma da des-reterritorialização. Entretanto, além de responder às nossas inquietações, suscitou novos questionamentos em variados âmbitos, como por exemplo: a real proficiência da língua francesa apontada por muitos imigrantes haitianos que estão em Porto Velho; a veiculação das línguas francesa, inglesa e espanhola nos espaços religiosos na capital de Rondônia; o motivo pelo qual os imigrantes entrevistados não se declararam adeptos ao vodu; se o vodu é praticado em Porto Velho. Essas abordagens não foram aprofundadas nessa pesquisa, pois fugiam dos objetivos iniciais, todavia, a nosso ver, são temas importantes para futuras investigações.

Estudamos os territórios de saída e de entrada, e sua relação com os sujeitos envolvidos nos movimentos de desterritorialização e reterritorialização. Os haitianos passaram por conturbados processos de escravização no período colonial, bem como na história da colonização brasileira em que foi adotado o mesmo sistema de mão de obra escrava. A revolta dos escravos haitianos proporcionou o surgimento e o título de primeira república negra em 1804, enquanto no Brasil, a escravidão se perpetuou até os anos de 1888. Todavia, a vitória haitiana foi acompanhada por repressões das grandes potências mundiais da época, posteriormente por explorações oriundas dos próprios haitianos através de ditaduras e golpes de Estado que agravaram a situação econômica do país. Esses fatores reduziram o Haiti do título de *Pérola da Antilhas*, no Império Francês, ao país mais pobre das Américas. Vimos que a ilha de *Hispaniola*, onde se localizam o Haiti e a República Dominicana, geograficamente, está localizada em uma área em que são constantes as tempestades e os abalos sísmicos que castigam de tempo em tempo sua população.

Por meio desta pesquisa, vimos que a noção de território vai muito além da simples demarcação espacial ou geográfica. O processo migratório abordado nesse trabalho não está simplesmente ligado ao deslocamento espacial: emigração e imigração. A noção de território faz emergir uma série de fatores, tais como linguísticos, identitários, sociais, como as redes e suas relações, históricos, culturais, dentre outros fatores.

Entendemos que a desterritorialização é o movimento espacial que consiste em levar em consideração o território e as territorialidades de saída, pois esse movimento carrega valores, memórias e identificações dos sujeitos. A desterritorialização haitiana é movida por influências políticas, econômicas e naturais, todavia, com a saída do Haiti, eles levam consigo suas territorialidades, sua memória nacional, seus costumes, suas identificações, ou seja, sua carga simbólico-cultural. Assim sendo, esses elementos conduziram os imigrantes haitianos à dinâmica de desterritorialização, ou seja, a buscar uma linha de fuga, alternativas para subsidiar suas necessidades e de suas famílias. Observamos que o deslocamento espacial não é algo atual no Haiti, mas um processo que sempre aconteceu, entretanto, o terremoto de 2010 agravou ainda mais o quadro econômico do país, contribuindo para o deslocamento espacial.

A respeito do território de entrada, fizemos alguns estudos sobre os possíveis motivos que levaram os imigrantes haitianos a escolherem o Brasil como um novo território. O Brasil é visto como um país emergente no contexto internacional. Grandes obras como a Copa do Mundo de 2014, as Olimpíadas de 2016 e as construções de usinas hidroelétricas despertaram o interesse de imigrantes na atualidade. Desde 2004, o Brasil lidera a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah), assim, por questões políticas, autorizou a entrada e liberação de vistos humanitários para os haitianos que estavam na fronteira do país a partir de 2010 e, por meio de algumas leis, formalizou a imigração haitiana.

Assim, vimos que a reterritorialização consiste em levar em consideração as territorialidades trazidas no imaginário dos sujeitos e mescladas com as territorialidades do novo território. Vimos que o mundo pós-moderno é composto por sociedades de mudanças e que Porto Velho é uma capital de imigrantes, pois a constituição de seu povo se deu por vários processos imigratórios. Nesse sentido, a capital de Rondônia é um espaço no qual predomina o multi, o híbrido em sua construção histórico-social. Estudamos que a hibridização não está somente no espaço físico, mas também no imaginário dos sujeitos, nos costumes e na identidade. Nesse sentido, a reterritorialização haitiana consiste no amalgama das territorialidades dos haitianos com as da população de Porto Velho.



Nesse contexto, o processo de entrada e reconstrução em um novo e desconhecido território vem acompanhado de dificuldades como a moradia, a alimentação e o desemprego. Vimos nessa pesquisa que os haitianos vêm para o Brasil, principalmente, para trabalhar, buscar uma vida melhor e também ajudar a família que ficou no Haiti. Entretanto, no novo território, se deparam com uma comunidade de costumes, língua e leis diferentes das suas.

Os imigrantes relataram que as principais dificuldades encontradas no Brasil foram aprender a língua portuguesa e conseguir um emprego. Assim, aprender a língua portuguesa tornou-se um mecanismo de socialização, de apropriação simbólico-cultural e, acima de tudo, um fator que proporcionou a permanência no território brasileiro.

Alguns imigrantes salientaram que o emprego foi um dos principais motivos para permanecerem em Porto Velho, pois conseguiram atender suas expectativas com a imigração. Assim sendo, a questão econômica favoreceu a permanência deles em Porto Velho, pois encontramos haitianos que disseram conhecer imigrantes que adquiriram territórios físicos na capital de Rondônia, como terrenos, casas próprias e estabelecimentos comerciais.

As redes sociais também foram importantes fatores no processo de reterritorialização, pois muitos haitianos disseram que receberam ajuda de outros haitianos em Porto Velho, além de também terem acolhido outros conterrâneos como parentes, amigos e, até mesmo, desconhecidos.

Vimos que os sujeitos entrevistados possuem uma história de marginalização e de repressão, bem como sua essência sociocultural estudada nessa pesquisa, o vodu e crioulo que são marcas e identificação de seu povo. Os haitianos resistem inconscientemente e mantêm suas memórias como sujeitos de linguagem, assim revivem o Haiti por meio de músicas, comidas, datas comemorativas, telefonam para suas famílias e amigos. Todavia, eles também estão se agregando à língua, aos costumes, à gastronomia, à vida social dos brasileiros, contribuindo, portanto, para a hibridização e construção de novas identidades.

Por fim, nossa pesquisa, a nosso ver, conseguiu responder aos referidos questionamentos. Nosso objetivo geral era fazer um estudo sobre o processo migratório dos haitianos para Porto Velho, sul da Amazônia, considerando esse

deslocamento espacial inserido no mundo pós-moderno e levando em consideração as territorialidades de saída e de entrada. Assim, a des-reterritorialização haitiana não constitui meramente em uma passagem de um território ao outro, em um transplante da identidade original, mas sim uma fusão entre o referencial simbólico do antigo território com o novo, proporcionando uma (re)organização, uma (re)construção, uma hibridização das territorialidades de saída e de entrada. Com isso, podemos dizer que a imigração haitiana compõe o quadro histórico, social e cultural da migração rondoniense e, especialmente, da imigração portovelhense.

## REFERÊNCIAS

ALLEGRI, Ermano. In. **Haiti por si: a reconquista da independência roubada** / Adriana Santiago (org.). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Mikhail Bakhtin (V. N. Volochínov). 7. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

BANCO MUNDIAL. **Haiti**. Disponível em: <<http://www.worldbank.org/en/country/haiti>>, acesso em 14 de setembro de 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi** / Zygmunt Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BONNEMAISON, Joël; CAMBRÉZY, Luc. **Le lien territorial: entre fontières et Indentités**. In: Géographies et Cultures (Le Territoire). n. 20. Paris: L'Harmattan, 1996.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL. **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em 21 de setembro de 2014.

\_\_\_\_\_. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA - CASA CIVIL. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em 23 de setembro de 2014.

\_\_\_\_\_. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA - CASA CIVIL. **Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9474.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9474.htm)>. Acesso em 20 de setembro de 2014.

\_\_\_\_\_. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Resolução Normativa nº 97, 102 e 106**. Disponíveis em: <<http://portal.mte.gov.br>>. Acesso em 20 de setembro de 2014.

BRUNO, Ernani Silva. **História do Brasil geral e regional: São Paulo e o sul**. v. 5. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1967.

BURGEILE, Odete. **Um estudo Sociolinguístico dos Afro-Amazônidas no Brasil**. The Edwin Mellen Press: Lewiston, 2009.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica** / Louis-Jean Calvet. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

CARBONIERI, Divanize. **A teoria pós-colonial e as literaturas negras: identidade de paixões e revisão tropológica**. In. REALIS. v.1. n. 2. Jul-Dez, 2011.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade** / Manuel Castells; tradução Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

CHAUNU, Pierre. **Conquista e exploração dos novos mundos: século XVI**. Tradução de Jordino Assis dos Santos Marques e Maurílio José de Oliveira Camello. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1984.

CHRISTO, Carlos Alberto Libânio. **O Haiti existe?** Carlos Alberto Libânio Christo (Frei Betto) In. Haiti por si: a reconquista da independência roubada / Adriana Santiago (org.). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

COGO, Denise. **Haitianos no Brasil: comunicação e interação em redes migratórias transnacionais**. In. Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación. n. 125. Março, 2014.

COSTA, Gelmino A. **Haitianos em Manaus: dois anos de imigração – e agora!** In: Travessia – revista do migrante. v. 70 São Paulo: Travessia, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 03. São Paulo: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 05. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **O que é a filosofia?** / Gilles Deleuze e Félix Guattari. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Dialogues**. Londres: Athone, 1987.

DINIZ, Eugenio. **O Brasil e a MINUSTAH**. Security and Defense Studies Review. v. 5. n. 1. Washington: Spring, 2005.

ELIOT, T. S. **Notas para uma definição de cultura**. Trad. G. G. de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1999.

EVANGELISTA, Felipe Andrade Silva. **Construções do “fracasso” haitiano**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – PPGAS/MN/UFRJ: Rio de Janeiro, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. **Conversas com tradutores: virtudes e controvérsias da lingüística** / Antonio Carlos Xavier e Suzana Cortez (orgs.) 2. Impr. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2005.

FERNANDES, Jéssica S. **Operação Haiti: ação humanitária ou interesse político para o Brasil?** PUC Minas, Conjuntura internacional, 2010.

GATES JR, Henry Louis. **Haiti**. In. Os negros na América Latina. Tradução Donald M. Garschagem. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed., 13ª. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade** / Rogério Haesbaert da Costa. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HAITI. **LA CONSTITUTION DE LA RÉPUBLIQUE D'HAÏTI DE 1987**. Disponível em: <[http://www.sdn.mefhaiti.gouv.ht/lois/CH87/CH\\_TM.php](http://www.sdn.mefhaiti.gouv.ht/lois/CH87/CH_TM.php)>. Acesso em 14 de setembro de 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. **Quem precisa da identidade?** In. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 13. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HALLWARD, Peter. **Option Zero in Haiti**. New Left Review. N.27, may – june, 2004.

INTERNATIONAL RECOVERY PLATAFORM. **Post Disaster Needs Assessment – PDNA.** Disponível em: <[http://www.recoveryplatform.org/assets/publication/Action\\_Plan\\_12April\\_haiti.pdf](http://www.recoveryplatform.org/assets/publication/Action_Plan_12April_haiti.pdf)>. Acesso em 19 de setembro de 2014.

JENSEN, Tina Gudrun. **Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: da desafrikanização para a reafricanização.** Tradução: Maria Filomena Mecabô. In. REVER, n.1, 2001

JOINT, Gasner. **Libération du Vaudou dans la dynamique d'inculturation en Haiti.** Roma: Pontificia Universidade Gregoriana, 1999.

JOSEPH, Nélio. **A cultura como vitrine.** In. Haiti por si: a reconquista da independência roubada / Adriana Santiago (org.). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

KNOKE, David. ; KUKLINSKI; James H. **Network analysis.** Beverly Hills, Calif.: Sage, 1982.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando o segredo do texto.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KRASHEN, Stephen D. **Second language acquisition and second language learning.** Oxford: Pergamon, 1981.

LARAIA, Roque De Barros. **Cultura um conceito Antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LOUIDOR, Wooldy Edson. **Uma história paradoxal.** In. Haiti por si: a reconquista da independência roubada / Adriana Santiago (org.). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil.** 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

MENEZES, Esron Penha de: **Território Federal de Rondônia: Retalhos para a história de Rondônia.** Porto Velho: 1981.

MILROY, Lesley; MILROY, James. **Social network and social class: Toward an integrated sociolinguística model.** In. Language in Society. Cambridge University Press, 1992.

MOTA, Ilka de Oliveira. **O pagamento da relação língua-cultura na abordagem dos QHs.** In. A comicidade no contexto linguístico escolar: quadrinhos

de humor em livros didáticos de inglês como língua estrangeira. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas. – Campinas: Unicamp, 2010.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras** / Fernanda Mussalim, Anna Cristina Bentes (orgs.). 5.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, Ovídio Amélio de. **História Desenvolvimento e Colonização do Estado de Rondônia**. Porto Velho: Geográfica Editora, 1998.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO VELHO. **Porto Velho**. Disponível em: <<http://www.portovelho.ro.gov.br>>. Acesso em 22 de setembro de 2014.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS. **Indicadores de Desenvolvimento Humano**. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/countries/profiles>>. Acesso em 14 de setembro de 2014.

REQUENA SANTOS, Félix. **“Redes (sociales), análisis de”**. In Dicionário de Sociologia. S. Giner; E. Lamo de Espinosa & C. Torres (Coords.). Madrid: Alianza, 1998.

REQUENA SANTOS, Félix; MUÑOZ, Antônio Manuel Ávila. **Redes sociales y sociolingüística**. In. Estudios de Sociolingüística. Vigo: Servicio de Publicacións da Universidade de Vigo, 2002.

RODRIGUES, Luiz Carlos Balga. **Francês, crioulo e vodu: a relação entre língua e religião no Haiti**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

RUTHERFORD, Jonathan. **Identify: community, culture, difference**. Jonathan Rutherford (org.) Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente** / Edward W. Said, tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. **Conversas com tradutores: virtudes e controvérsias da lingüística** / Antonio Carlos Xavier e Suzana Cortez (orgs.) 2. Impr. – Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2005.

SANTOS, Milton. **O retorno do território**. En: OSAL : Observatório Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun. 2005). Buenos Aires: CLACSO, 2005.

\_\_\_\_\_. **O espaço da cidadania e outras reflexões**. Elisiane da Silva; Gervásio Rodrigo Neves; Liana Bach Martins (org.) – Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011.

SILVA, Amizael Gomes da. **No rastro dos pioneiros; um pouco da história rondoniense**. Porto Velho: SEDUC, 1984.

SILVA, Sidney Antonio da. **Brazil, a New Eldorado for Immigrants?:The case of Haitians and the Brazilian Immigration Policy**. In. URBANITIES. v.3. n. 2. November, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 13. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

TEIXEIRA, Benedito. **Vodu: cultura e religião, resistência e solidariedade**. In. Haiti por si: a reconquista da independência roubada / Adriana Santiago (org.). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues; FONSECA, Dante Ribeiro da. **História regional: Rondônia**. Porto Velho, Rondoniana, 2001.

THOMAZ, Omar Ribeiro. **Haitian elites and their perceptions of poverty and of inequality**. In: Elite Perceptions of Poverty & Inequality. Elisa P. Reis; Mick Moore. (Org.). 1. ed. London / New York: Zed Books, 2005.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive Culture**. John Mursay , Albemarle Street, W. v.l. 6.ed. Londres, 1920.



## APÊNDICE

## QUESTIONÁRIO Nº \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

- 1) Você está no Brasil há mais de 1 ano?  
( ) Sim. Quanto tempo? \_\_\_\_\_. ( ) Não. (Encerre a pesquisa)
- 2) Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino
- 3) Idade: \_\_\_\_\_
- 4) Estado civil: \_\_\_\_\_
- 5) Qual seu grau de instrução?  
( ) Não escolarizado.  
( ) Ensino básico incompleto.  
( ) Ensino básico completo.  
( ) Ensino superior incompleto. Qual?  
( ) Ensino superior completo. Qual?
- 6) Religião:
- 7) No Haiti, você falava e compreendia quais línguas?  
( ) Francês.  
( ) Crioulo haitiano.  
( ) Espanhol.  
( ) Inglês.  
( ) Outros.
- 8) A maioria dos membros de sua família mora onde?
- 9) O que você veio fazer no Brasil?
- 10) Há quanto tempo está em Porto Velho?
- 11) Por que saiu de seu país?  
( ) Terremoto.  
( ) Desemprego.  
( ) Embargo político.  
( ) Outras.
- 12) Por que decidiu imigrar para o Brasil e não para outro país do Caribe, visto a distância Brasil x Haiti?  
( ) Apoio do Governo brasileiro.  
( ) Maiores oportunidades de emprego.  
( ) Desenvolvimento econômico do Brasil.  
( ) Valorização da moeda brasileira em relação à haitiana.  
( ) Apoio de amigos e parentes.  
Outros:

13) Você teve ajuda financeira para conseguir chegar ao Brasil?  
 Não  Sim. De quem?

14) Teve algum problema quanto à migração para o Brasil?  
 Não.  
 Sim. Qual e em qual país?

15) Por onde você passou até chegar ao Brasil:

Saiu de \_\_\_\_\_ em \_\_/\_\_/\_\_\_\_, chegou em \_\_\_\_\_ em \_\_/\_\_/\_\_\_\_. Transporte  ônibus,  avião,  navio/barco,  outro \_\_\_\_\_;

Saiu de \_\_\_\_\_ em \_\_/\_\_/\_\_\_\_, chegou em \_\_\_\_\_ em \_\_/\_\_/\_\_\_\_. Transporte  ônibus,  avião,  navio/barco,  outro \_\_\_\_\_;

Saiu de \_\_\_\_\_ em \_\_/\_\_/\_\_\_\_, chegou em \_\_\_\_\_ em \_\_/\_\_/\_\_\_\_. Transporte  ônibus,  avião,  navio/barco,  outro \_\_\_\_\_;

Saiu de \_\_\_\_\_ em \_\_/\_\_/\_\_\_\_, chegou em \_\_\_\_\_ em \_\_/\_\_/\_\_\_\_. Transporte  ônibus,  avião,  navio/barco,  outro \_\_\_\_\_;

Saiu de \_\_\_\_\_ em \_\_/\_\_/\_\_\_\_, chegou em \_\_\_\_\_ em \_\_/\_\_/\_\_\_\_. Transporte  ônibus,  avião,  navio/barco,  outro \_\_\_\_\_;

16) Por que você escolheu ficar em Porto Velho?

17) Pretende voltar para o Haiti?  
 Não.  Sim. Por quê?

18) Qual foi a principal dificuldade encontrada no Brasil?  
 Língua Portuguesa.  
 Costumes brasileiros.  
 Outros.

19) Em Porto Velho, você frequentou lugares onde havia muitos brasileiros para tentar aprender/aperfeiçoar a Língua Portuguesa?  
 Não.  
 Sim. Por quê?

20) Procurou aprender a Língua Portuguesa com outros haitianos que já moravam em Porto Velho?  
 Não, porque fui um dos primeiros a chegar em Porto Velho.  
 Sim, eles sempre ajudavam e explicavam aquilo que eu não entendia.  
 Sim, mas eles também não entendiam muito sobre a Língua Portuguesa.  
 Outros.

21) Você já adotou algum costume portovelhense?  
 Não.

( ) Sim. Qual?

22) Quais são as maneiras para superar a falta de sua terra natal (Haiti)?

- ( ) Telefona para família/amigos.
- ( ) Utiliza a internet para se comunicar com a família/amigos que estão no Haiti.
- ( ) Reúne-se com os amigos haitianos aqui em Porto Velho.
- ( ) Reúne-se com parentes haitianos aqui em Porto Velho.
- ( ) Ouve músicas haitianas.
- ( ) Outros.

23) Quem te ajudou quando você chegou a Porto Velho?

- ( ) Ninguém.
- ( ) Igreja Católica.
- ( ) Igrejas Protestantes.
- ( ) Associação haitiana.
- ( ) Haitianos.
- ( ) Outros.

24) Você já recebeu algum membro da família ou amigos haitianos em sua casa, aqui em Porto Velho?

- ( ) Não.
- ( ) Sim. Quem e quantos?

25) Como você se comunica com a família que mora no Haiti?

- ( ) Utiliza telefone.
- ( ) Utiliza correspondência.
- ( ) Utiliza internet.
- ( ) Outros.

26) Você costuma lembrar alguns destes itens no Brasil?

- ( ) Comidas típicas haitianas.
- ( ) Datas comemorativas haitianas.
- ( ) Músicas haitianas.
- ( ) Outros.

27) Possui algum parente no Brasil?

- ( ) Não.
- ( ) Sim. Onde?

28) Você já trabalha em Porto Velho?

- ( ) Não.
- ( ) Sim. Onde?

29) Se do sexo feminino, você trabalhava no Haiti?

- ( ) Não
- ( ) Sim

30) Conhece algum haitiano que já possua os itens abaixo em Porto Velho?

- ( ) Casa própria.
- ( ) Terrenos
- ( ) Outros.

31) Frequenta alguma igreja de imigrantes haitianos em Porto Velho?  
( ) Não ( ) Sim .Qual?

32) Os cultos são proferidos em qual língua?  
( ) Francês.  
( ) Crioulo haitiano.  
( ) Espanhol.  
( ) Inglês.  
( ) Outras.

33) Frequentava alguma igreja no Haiti?  
( ) Não ( ) Sim . Qual?

34) Frequentava alguma associação no Haiti?  
( ) Não.  
( ) Sim. Qual?

35) Frequenta alguma associação em Porto Velho?  
( ) Não.  
( ) Sim. Qual?

Outras informações:

Estou de acordo com todas as perguntas e respostas transcritas pelo pesquisador, por isso, dato e assino:

Porto Velho – RO, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

---

Informante